



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Micaela Maria Assis de Aguiar

**A CONSTRUÇÃO DO ETHOS EM L'ÉTRANGER
DE ALBERT CAMUS**

Tese de Mestrado
Linguística Portuguesa e Comparada

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Maria Aldina Bessa

Outubro de 2013

DECLARAÇÃO

Nome: Micaela Maria Assis de Aguiar

Endereço eletrónico: maguiar60@gmail.com

Número do Bilhete de Identidade: 13714183

Título da tese:

A CONSTRUÇÃO DO ETHOS EM L'ÉTRANGER DE ALBERT CAMUS

Orientadora:

Prof^a Doutora Maria Aldina Bessa Ferreira Rodrigues Marques

Ano de conclusão: 2013

Tese de Mestrado em Linguística Portuguesa e Comparada

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE/TRABALHO,
APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO
ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 16/10/2013

Assinatura: _____

À minha mãe
Aos meus avós

É provável que o mais afortunado dos normais tenha o seu defeito semiescondido, e para cada pequeno defeito há sempre uma ocasião social em que ele aparecerá com toda a força, criando uma brecha vergonhosa entre a identidade social virtual e a identidade social real.

Erving Goffman, 1963. *Estigma*.
Rio de Janeiro: Editora Guanabara

Dès lors, puisque nous sommes tous juges, nous sommes tous coupables les uns devant les autres, tous christs à notre vilaine manière, un à un crucifiés, et toujours sans savoir.

Albert Camus, (1956) 2008. *La chute*
Paris : Éditions Gallimard

AGRADECIMENTOS

Antes de mais, gostaria de dirigir os meus agradecimentos à Professora Doutora Maria Aldina Marques, minha orientadora, pelo rigor, pela exigência, pelo profissionalismo, pela simpatia e dedicação. Os meus agradecimentos serão sempre insuficientes.

Quero agradecer à minha mãe (a quem dedico esta tese) pelo exemplo e o sacrifício constante, sem o qual este trabalho não seria possível.

Agradeço igualmente aos meus avós e ao meu irmão Rui (ao Leonardo também), pelo apoio incondicional ao longo destes anos, e, em especial, ao Bruno, pela paciência e o carinho.

Quero também agradecer às minhas colegas de mestrado, em especial, à Joana, pela companhia nesta e noutras aventuras.

Um obrigado especial também à Anabela, à Isabel e à Rosinha.

RESUMO

Este trabalho de dissertação de mestrado, com o título *A construção do ethos em L'étranger de Albert Camus*, é uma análise linguística de um discurso literário. Inscreve-se na área da Análise do Discurso de acordo, nomeadamente, com as propostas de Ruth Amossy (1999, 2010) e de Dominique Maingueneau (1991, 1999), em torno do conceito de *ethos* e a abordagem enunciativa e interacionista, na linha dos trabalhos desenvolvidos por Kerbrat-Orecchioni (1980, 1992). Estabelecemos como objetivo global analisar os mecanismos linguísticos e os processos discursivos que concorrem para a construção dos diferentes *ethe* de Meursault, protagonista do romance. A nossa decisão em estudar a construção do *ethos* nesta obra de Albert Camus partiu da constatação de que as distintas imagens de si ou *ethe* construídos quer pelo protagonista do romance, quer pelas personagens que com ele interagem, impulsionam o desenvolvimento da trama narrativa, ou seja, as microimagens construídas do e pelo protagonista contribuem para a construção de um *ethos* global de “desajuste” que é central na compreensão dos sentidos da obra.

Considerámos, assim, o universo ficcional de *L'étranger* como um ponto de partida para a estruturação da nossa análise. Como tal, distinguimos duas partes fundamentais em função dos dois episódios centrais da obra: o episódio do funeral e o episódio do julgamento. Esta organização estrutural pretende dar conta da articulação de dois pontos de vista distintos relativamente aos eventos ocorridos após a morte da mãe do protagonista que reflectem dois processos complementares de construção de *ethe*: o *ethos* na sua perspetiva de autoconstrução e de heteroconstrução. Estas perspetivas não são convergentes e, como tal, fundamentam a construção de diferentes *ethe* parcelares, como, o *ethos* de “estigmatizado”, de “indiferença”, de “insegurança”, de “monstro”, de “normalidade” e de “vulnerabilidade”, que convergem na construção de um *ethos* global de “desajuste”.

No *explicit* da obra, existe, à luz dos conceitos do *Absurdo*, uma modificação do *ethos* de “desajuste”, na medida em que os sentidos globais da obra se centram fundamentalmente, não no “desajuste” individual de Meursault relativamente à sociedade, mas no “desajuste” da relação entre o Homem e o Mundo. Desta subversão decorre o *ethos* final de “herói absurdo”.

ABSTRACT

This thesis, entitled *The Ethos Building in Albert Camus' The Stranger*, falls within the area of linguistic discourse analysis, drawing on the theoretical frameworks of Amossy (1999, 2010), Maingueneau (1991, 1999) and Kerbrat-Orecchioni (1980, 1992), particularly focusing on the concept of *ethos* on an interactive and enunciative approach.

Our main goal is to examine the underlying linguistic mechanisms as well as the discursive processes that contribute to build Meursault's different images.

We decided to analyze the *ethos* building phenomenon in Albert Camus' novel *The Stranger* after realizing that the different images of Meursault, the main character, play an important role in the development of the narrative, meaning that Meursault's micro-images of self, along with his images built by other characters decisively contribute to a better and much more enlightened understanding of the novel.

We took in account the fictional universe of *The Stranger* as a starting point to organize our analysis, therefore dividing it in two major parts according with the two central episodes of the novel: the funeral and the trial.

Such structure aims to articulate two distinct points of view in what concerns the events after the death of Meursault's mother, each one reflecting a different, yet complementary process of image building: *ethos* of self and *ethos* in the perspective of others.

These perspectives are non-convergent, therefore sustaining the construction of diverse partial images, such as the *ethos* of "stigmatized", "indifference", "insecurity", "monstrosity", "normality" and "vulnerability". Those partial images subsequently contribute to build a universal *ethos* of "misfit".

The novel, in the light of the absurdist literature philosophy, reveals a transformation of the "misfit" *ethos*: it no longer reflects the mismatch, the incompatibility between Meursault, the individual, and the society, rather between humankind and world we live in. Such subversion ultimately contributes to define the *ethos* of "absurd hero".

ÍNDICE

Resumo	v
Abstract	vi
INTRODUÇÃO	1
Contributos da Linguística para a análise do discurso literário	1
<i>L'étranger</i> : Autor e Obra	3
Objetivos e Hipóteses de Trabalho	5
CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO.....	9
1.1. O desenvolvimento do conceito de ethos no quadro teórico da Análise Linguística do Discurso.....	9
1.2. Ethos e género discursivo.....	14
1.3. Ethos pré-discursivo: estereótipos e modelos culturais.....	15
1.4. Ethos e subjetividade.....	19
1.5. Intersubjetividade e ethos: o papel central do alocutário	21
1.6. Gestão coletiva do ethos.....	22
1.7. Discurso relatado como estratégia de construção do ethos do protagonista	28
1.8. Organização da análise: o universo ficcional de <i>L'étranger</i>	34
CAPÍTULO II: VALORES DOXAIS E ETHE: DOS ETHE PARCELARES AO ETHOS GLOBAL DE DESAJUSTE.....	37
2.1. Estigmatização e ethos: mecanismos não verbais e paraverbais.....	37
2.2. Ethos de “insegurança”	51
2.2.1. Modalidades e desdobramento enunciativo	52
2.2.2. Perceção negativa das interações sociais	59
2.3. Ethos de “indiferença”.....	67
2.4. Ethos global de “desajuste”	79
CAPÍTULO III: O CONFRONTO DE ETHE (PRÉ-)DISCURSIVOS.....	81
3.1. Construção do veredicto de “culpado”	81
3.1.1. Recuperação de um ethos pré-discursivo: imagem de “estigmatizado”	81
3.1.1.1. Estruturas de negação e modalidade	82
3.1.1.2. Verbos introdutórios de discurso relatado e gestos comunicativos	84
3.1.1.3. A dupla inscrição em representações pré-existentes: construções de contraste.....	86
3.1.1.4. Ethe pré-discursivos: duas imagens concorrentes	90
3.1.2. Reconfiguração do ethos pré-discursivo: ethos de “monstro”	91
3.1.2.1. Isotopias na construção do ethos de “monstro”.....	92
3.1.2.2. Estratégias de dramatização: pathos.....	99
3.2. De um ethos de “normalidade” para um ethos de “vulnerabilidade”: confronto dos ethe auto e hétero construídos.....	102
CAPÍTULO IV: O EXPLICIT DE L'ÉTRANGER – ETHOS DE UM HERÓI ABSURDO?.....	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
BIBLIOGRAFIA	121

INTRODUÇÃO

Contributos da Linguística para a análise do discurso literário

«Le fait que se constitue à l'intérieur de l'analyse du discours une branche dédiée spécifiquement au discours littéraire donne davantage de consistance à un postulat implicite de l'analyse du discours, à savoir que le discours est un : du traité de métaphysique aux graffitis en passant par les conversations, les tracts publicitaires ou les débats télévisés, toute énonciation socialement circonscrite peut a priori être abordée à travers le même réseau de concepts. »

(Dominique Maingueneau, 2008 :3)

Nas últimas décadas, temos assistido a um interesse crescente da parte da Análise do Discurso pela área do discurso literário de que salientamos os trabalhos de Maingueneau, *Le contexte de l'oeuvre littéraire* (1993), *Le discours littéraire – Paratopie et scène d'énonciation* (2004) e *Contre Saint-Proust, ou la fin de la littérature* (2006). Podemos mencionar ainda os artigos de Jean-Michel Adam (1995) *Variations énonciatives. Aspects de la genèse du style de L'étranger*; Pascale Delormais (2008) *L'image de soi dans les «autographes» de Rousseau*; Kebrat-Orecchioni (2010) *L'absurde dans les dialogues de Ionesco –L'exemple de La cantatrice chauve*; Marques (2010) *Formas de tratamento e construção da relação interpessoal em Contos da Montanha de Miguel Torga* e «Dire» ou «bruire»: *les introducteurs de discours rapporté dans Aventuras de João Sem Medo* (2011a) em colaboração com Ana Ribeiro, e Chauvin-Vileno (2007) *Ethos et texte littéraire. Vers une problématique de la voix*.

Dominique Maingueneau, no seu artigo *Linguistique et Littérature: le tournant discursif* (2000) passa em revista a evolução das relações entre Linguística e Literatura. Retomamos aqui os pontos essenciais e as principais conclusões deste artigo. Segundo Maingueneau, podemos nomear três abordagens historicamente distintas que contribuíram para fomentar o interesse pela interação teórica entre Linguística e Literatura: a Estilística, a Nouvelle Critique e a Análise do Discurso.

Até à década de 60, a Estilística estabelecia uma ponte, relativamente estável, entre as duas disciplinas, ora centrando-se no estudo de fenómenos isolados, como a metáfora

ou a exclamação, através dos quais o autor procura criar um determinado efeito no leitor, ora, ligando-se à estética romântica, na conceção da obra literária como expressão da consciência do Sujeito.

No início da década de 60, assistimos à emergência da Nouvelle Critique que, aglutinando as tendências anteriores, como o estruturalismo e o formalismo russo, centra a sua investigação no texto, retirando o foco do autor. A obra literária é concebida como um sistema finito de signos no interior do sistema da língua e o método de análise consiste em isolar unidades mínimas do texto e posteriormente tornar clara a unidade estrutural do conjunto.

Ainda segundo Maingueneau, a partir da década de 60 até à década de 70, existe uma separação entre Linguística e Literatura, devido, em grande parte, à emergência da Linguística Generativa e a publicação dos trabalhos de Bienveniste, Jakobson e Austin centrados nos “faits de langue”, autores que se inserem no domínio da pragmática e da linguística da enunciação, teorias que estão na base da Análise Linguística do Discurso. Na perspectiva do investigador, só com o desenvolvimento das abordagens pragmáticas e enunciativas centradas no conceito de «discurso», desenvolvidas pela linguística textual e a análise do discurso, houve a possibilidade de uma reaproximação entre Linguística e Literatura. D. Maingueneau (2000: 6) afirma que só através do conceito de «discurso» foi possível o recontacto entre Linguística e Literatura, na medida em que

En appréhendant ainsi les œuvres comme discours, en faisant de l'énonciation l'axe d'intelligibilité du discours littéraire, on déplace son axe : du texte vers un dispositif de parole où les conditions du dire traversent le dit et où le dit renvoie à ses propres conditions d'énonciation (le statut de l'écrivain associé à son mode de positionnement dans le champ littéraire, les rôles attachés aux genres, la relation au destinataire construite à travers l'œuvre, les supports matériels et les modes de circulation des énoncés...)

Afirma-se, em divergência, o postulado da unicidade¹ do discurso como objeto de análise (em epígrafe), a obra literária deixa de ser considerada como um discurso “intransitivo” ou “autotélico” como defende A. Herschberg Pierrot: «le discours est opposable à l'œuvre littéraire. L'œuvre n'est pas un discours parmi des autres, c'est un événement d'écriture et de lecture et une configuration esthétique» (2003: 228 *apud* Maingueneau, 2008: 2). Para Maingueneau, considerar a obra literária como um

¹ Entenda-se unicidade do discurso como a existência de uma teoria de Análise (Linguística) dos Discursos que tem como objeto todos os discursos: os mesmos conceitos e instrumentos empregues na análise de um discurso político servem igualmente para explorar um discurso publicitário, uma entrevista televisiva ou uma obra literária.

discurso passível de ser analisado pelos mesmos conceitos e mecanismos utilizados no estudo do discurso publicitário ou jornalístico não significa a sua aglutinação a uma noção uniforme de discurso. Pelo contrário, a Análise do Discurso apreende a diversidade dos diferentes discursos. Segundo o autor, na medida em que a Análise do Discurso propõe um quadro de investigação capaz de abarcar os discursos na sua multiplicidade e, ao mesmo tempo, na sua diversidade, a atuação da Linguística no domínio literário deixa de ser

un outillage grammatical élémentaire (comme dans la stylistique traditionnelle) ou à quelques principes d'organisation très généraux (comme dans le structuralisme), il constitue un véritable instrument d'investigation.» (Maingueneau, 2000:5)

L'étranger: Autor e Obra

O nosso projeto de investigação insere-se no quadro teórico da Análise Linguística do Discurso. Explorando as afinidades e aplicações, acima referidas, da Análise do Discurso à Literatura, o nosso trabalho terá como objeto de estudo a obra literária *L'étranger* de Albert Camus. As palavras de Grenier evidenciam a importância de Albert Camus no panorama da Literatura Ocidental.

Les milliers de pages qui ont été, sont et seront écrites sur Albert Camus prouvent la profondeur de l'action qu'il a exercée. Elles constituent le témoignage d'une génération et font pressentir l'accord des générations suivantes.» (Grenier, 1985:9)

Segundo Roger Quilliot (1985), Albert Camus nasce a 7 de Novembro de 1913, na cidade de Mondovi, actualmente Dréan, na Argélia. Em 1942, a editora Gallimard publica *L'étranger* e em 1943 *Le Mythe de Sisyphe*. Em 1947, publica o romance *La peste*, cujo sucesso imenso o faz considerar a hipótese de se dedicar exclusivamente à literatura.

Em 1957, recebe o prémio Nobel da literatura, «pour l'ensemble d'une œuvre mettant en lumière les problèmes qui se posent de nos jours à la conscience humaine» (Camus, 1985 : 13). Em 1960, morre num acidente de viação, com o seu editor Michel Gallimard. No seu carro, encontraram o manuscrito inacabado de *Premier Homme*.

Na vasta obra de Albert Camus, de que constam os romances *La peste* (1947) e *La Chute* (1956), as peças *Les justes* (1949) e *Le Malentendu* (1943) e os ensaios *Le Mythe de Sisyphe* (1943) e *L'Envers et l'Endroit* (1937), *L'étranger* constitui a obra mais célebre do escritor. De facto, o romance *L'étranger* constitui um verdadeiro marco literário do século XX. Desde a sua publicação, em 1942, *L'étranger* tem sido objeto de investigação, não só no âmbito dos estudos literários, mas igualmente no domínio da Psicologia e da Sociologia, entre outros.

No quadro da Análise Linguística do Discurso, são múltiplas as questões que suscitaram o nosso interesse e legitimam a escolha de *L'étranger*² como objeto do nosso projeto de investigação:

1. Que contributos pode dar a Análise Linguística do Discurso para a compreensão da obra?
2. Em que medida uma abordagem discursiva do romance permitirá ancorar as principais linhas de leitura da obra?
3. Pode o conceito de imagem pessoal ou *ethos* ser determinante no desenvolvimento da narrativa?
4. De que modo as imagens do protagonista impulsionam o desenrolar da intriga?
5. Qual é o papel das representações coletivas na trama narrativa e como se relacionam com as imagens do protagonista?

Todas estas questões fundamentam o nosso interesse, no quadro da Análise Linguística do Discurso, pela obra *L'étranger* enquanto objeto do nosso projeto de investigação

A intriga do romance tem como centro um momento da vida do protagonista, Mersault, relativo à morte da sua mãe e ao seu subsequente enterro. No decorrer do funeral, Mersault manifesta comportamentos que não são coincidentes com o expectável de um filho em estado de luto. No dia seguinte, Mersault estabelece uma relação amorosa com Marie Cardona, uma antiga colega da firma onde trabalha. Nas semanas posteriores, Mersault envolve-se no conflito amoroso de Raymond, seu vizinho, e da sua namorada. Esta disputa desenvolve-se de forma violenta, culminando no assassinato, perpetrado por Mersault, do irmão da namorada de Raymond, que procurava vingança pelas ofensas feitas à irmã. A segunda parte do romance inscreve-se no contexto da encarceramento e julgamento de Mersault. Durante o interrogatório feito pelo juiz de instrução, Mersault falha na tentativa de justificar credivelmente as motivações que o

² No nosso trabalho de investigação, servimo-nos da edição de *L'étranger* publicada em 2007 pela Gallimard, na coleção Folio. Todos os excertos analisados são retirados desta edição.

conduziram ao homicídio. No decorrer do julgamento, o advogado de acusação constrói a sua argumentação, fundamentalmente, com base no comportamento e na postura de Mersault durante o enterro da mãe. Após a revisão de vários testemunhos, Mersault é condenado à pena capital.

Objetivos e Hipóteses de Trabalho

No quadro teórico da Análise do Discurso, consideramos, após uma leitura atenta da obra, o complexo de mecanismos linguísticos e discursivos compreendidos na construção do *ethos* do protagonista, bem como a interação dos diferentes *ethe* presentes no romance, um objeto de investigação relevante.

Desta forma, o nosso projeto de investigação será orientado no sentido de testar, como primeira hipótese de investigação, que as distintas imagens de si construídas pelo protagonista do romance e pelas personagens que com ele interagem impulsionam a própria trama narrativa.

Como segunda hipótese, consideramos que a multiplicidade de imagens de si que são construídas, mas essencialmente, a divergência que se estabelece entre elas, contribuem de forma decisiva para o desenvolvimento da intriga.

Procuraremos, assim, comprovar o papel determinante das representações pré-existentes na construção do *ethos*. Na verdade, é o confronto de imagens estereotipadas com o *ethos mostrado* do protagonista que, no nosso entendimento, impulsionará o desfecho da intriga, a condenação à pena capital do herói.

Como terceira hipótese, consideramos que a organização discursiva é impulsionada pelo desenrolar dos eventos que culminam no julgamento e condenação do protagonista. Esta dinâmica é suportada, entre outras características, pela construção de *ethe* do protagonista.

Como quarta e última hipótese, consideraremos que a análise linguística do *ethos*, a imagem que o locutor constrói de si, mas, igualmente, a reflexão sobre essa própria imagem em relação e em interação necessária com o outro, poderá fundamentar linhas de leitura/investigação literárias centradas na problemática da condição humana.

Partindo dos pressupostos teóricos construídos e desenvolvidos por investigadores como Maingueneau (1991, 1993, 1999) e Amossy (1991, 1994, 1999), mas também, pelos trabalhos de Kebrat-Orecchioni (1980, 1992), este projeto de investigação será

orientado no sentido de estudar os mecanismos e processos linguísticos que contribuem para a construção do *ethos* e das relações interpessoais em *L'étranger* de Albert Camus. A presente dissertação encontra-se estruturada em quatro capítulos que passamos a resumir:

Capítulo I – *Enquadramento Teórico-Metodológico*: neste capítulo, apresentaremos os principais contributos teóricos em torno do conceito de *ethos*, especialmente, no que concerne as propostas de Maingueneau (1993, 1999) e Amossy (1999a, 2010). Perspetivamos ainda a construção do *ethos* como um processo de gestão e manutenção discursivas coletivas e, como tal, consideraremos, numa abordagem enunciativa e interacionista, os contributos de Goffman (1967) e os trabalhos desenvolvidos por Kebrat-Orecchioni (1980, 1992).

Capítulo II – *Valores Doxais e Ethe: dos ethe parcelares ao ethos global de desajuste*: este capítulo centra-se no episódio do funeral. Nele exploraremos a construção do *ethos* de Meursault na sua relação com os valores *doxais* vigentes na sociedade em que o protagonista se encontra. Num primeiro momento, vamos analisar a elaboração do *ethos*, na sua dimensão heteroconstruída, quer dizer, a imagem que as outras personagens constroem de Meursault no contexto fúnebre. Para tal teremos em consideração o conceito de “estigma” proposto por Goffman (1963). Num segundo momento, exploraremos a perspetiva do protagonista relativamente aos eventos sucedidos nesse mesmo contexto e que evidenciam um *ethos* autoconstruído de “insegurança”. Dedicaremos particular atenção às interações do protagonista no contexto do quotidiano, na medida em que a imagem de “indiferença” que emerge deste contexto fundamenta os *ethe* construídos no episódio do funeral. A análise é suportada por mecanismos linguístico-discursivos variados.

Capítulo III – *O confronto de Ethe (pré-)discursivos*: neste capítulo, iremos analisar o episódio do julgamento. Mais uma vez, consideraremos a construção do *ethos*, por um lado, enquanto *ethos* heteroconstruído, em que exploraremos os discursos do advogado de acusação e as estratégias postas em prática na elaboração de um veredicto de “culpado” e, por outro, enquanto *ethos* autoconstruído, no qual analisaremos as imagens que o protagonista constrói de si próprio. Analisaremos, ainda, o confronto dos *ethe*,

proporcionado pelo espaço judicial, na medida em que deste confronto emerge um novo *ethos* do protagonista.

Capítulo IV – *O Explicit de L'étranger: Ethos de um herói absurdo?* neste capítulo, apresentaremos a concepção camusiana de absurdo, desenvolvida em *Le Mythe de Sisyphe*, e a sua relação com a construção do *ethos* global de Meursault, com *explicit* do romance e com os sentidos globais da obra.

No último capítulo, **Considerações Finais**, apresentamos uma síntese das principais conclusões desta investigação, relacionando as diferentes microimagens do protagonista que emergem da obra com o *ethos* global de “desajuste”.

CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO

1.1 O desenvolvimento do conceito de *ethos* no quadro teórico da Análise Linguística do Discurso

No quadro teórico da Análise do Discurso, Dominique Maingueneau é o primeiro a elaborar e a desenvolver uma verdadeira “teoria do *ethos*” num quadro linguístico. De *Genèses du discours* (1984), a *L’Analyse du discours* (1991), *Le contexte de l’œuvre littéraire* (1993), *Analyser les textes de la communication* (1998) até a *Images de soi dans le discours* (1999), Maingueneau recupera e redefine o conceito de *ethos* da retórica tradicional, articulando-o com a noção de *enunciação*.

O conceito de *ethos* retórico nasce na Grécia Antiga e, como tal, é moldado em torno dos interesses sociais e políticos da sua época. De acordo com Rocha Pereira (2006), no sistema político-social da Antiguidade Clássica, o cidadão desempenhava um papel ativo na *polis*, debatendo publicamente os assuntos da comunidade política, quer fosse nos tribunais, nos conselhos ou nas assembleias. Nas palavras de Rocha Pereira (2006: 186), «O cidadão é o que tem parte na decisão e no comando». Compreende-se, assim, a importância que os gregos consagravam à arte da persuasão e da argumentação, a Retórica. Para Aristóteles, a retórica é «a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir» (Ret. I: 1356a)³. É na sua obra dedicada à retórica que Aristóteles vai apresentar o conceito de *ethos*, inscrito na tríade de estratégias argumentativas, (*ethos*, *logos*⁴ e *pathos*⁵), das quais o orador deve fazer uso de forma a alcançar a adesão do auditório:

³ Servir-nos-emos da tradução de M. Alexandre Júnior (2005).

⁴ *Logos* é uma das estratégias argumentativas, apontadas por Aristóteles na *Retórica*, que deve ser empregue pelo orador de forma a este persuadir o auditório. Aristóteles afirma que «Persuadimos, enfim, pelo discurso, quando mostramos a verdade ou o que parece a verdade, a partir do que é persuasivo em cada caso particular» [1356a]. O conceito de *logos* é retomado e desenvolvido no âmbito da nova retórica, com os trabalhos de Perelman, e da análise argumentativa do discurso, na linha das propostas de Amossy e Plantin.

⁵ A conceção de *pathos*, a que Aristóteles consagra o Livro II da *Retórica*, constitui uma das dimensões argumentativas, centrada em suscitar ou transmitir um determinado tipo de emoções ao auditório através do discurso. Para Aristóteles, «As emoções são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer: tais são a ira, a compaixão, o medo e outras semelhantes, assim como as suas contrárias» [1378a]. O desenvolvimento do conceito de *pathos*, no âmbito da análise linguística do discurso, foi sendo efetuado pelos trabalhos de Plantin (1997, 2004, 2011), Charaudeau (2000, 2008), Micheli (2008), Amossy (2008).

As provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no carácter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar (1356a).

O orador persuade através da sua argumentação no discurso⁶ (*logos*), da sua capacidade de emocionar o auditório (*pathos*) e pelo carácter “mostrado” (*ethos*). A prova pelo *ethos* encontra-se claramente ligada ao orador. Contudo, o *ethos* refere-se, não ao ser empírico, a pessoa de carne e osso que efetivamente produz os enunciados, mas à imagem que o locutor constrói de si no seu discurso:

Persuade-se pelo carácter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas sobretudo nas de que não há conhecimento exato e que deixam margem para dúvida. (1356a)

Assim, o orador persuade quando constrói através do discurso uma imagem de si que inspira confiança, «que deixa a impressão do orador ser digno de fé» (*ibidem*). A questão da sinceridade do orador não é fundamental. O importante aqui é que a imagem elaborada pelo orador no discurso revele os traços de carácter necessários para persuadir o auditório num dado contexto. Por exemplo, um orador que toma a palavra em sua defesa num tribunal procurará construir um *ethos* de honestidade e sinceridade que leve o auditório a acreditar na sua inocência. Já numa assembleia, um orador que deseje a implementação de uma dada medida ou a adesão a uma dada ideia elaborará um *ethos* de confiança, determinação ou mesmo de liderança.

O *ethos* constitui, então, uma noção essencialmente discursiva, ou seja, encontra-se ligada ao uso da palavra em contexto. Segundo Eggs (1999: 33) «Le lieu qui engendre l'*ethos* est donc le discours, le *logos* de l'orateur, et il ne se montre qu'à travers les choix effectués par l'orateur». De facto já Aristóteles conferia ao discurso um papel essencial na construção do *ethos*, e, como efeito, na própria persuasão do auditório:

É, porém necessário que esta confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o carácter do orador; pois não se deve considerar sem importância para a persuasão a

⁶ Manuel Alexandre Júnior (2005: 97) lembra, a propósito da tradução da *Retórica*, que *logos* «significa tanto raciocínio como discurso, referindo-se mais propriamente aqui à vertente lógica do discurso persuasivo».

probidade do que fala, como aliás alguns autores desta arte propõem, mas quase se poderia dizer que o carácter é o principal meio de persuasão. (1356a)

Como afirma Maingueneau (2002:1), o *ethos* retórico encontra-se intimamente ligado à enunciação; a persuasão pelo *ethos* é produto do discurso e não de conhecimentos extradiscursivos sobre o carácter do orador. O conceito de *ethos* aristotélico apresenta, então, duas dimensões fundamentais: a primeira relaciona-se com as virtudes morais que conferem ao orador credibilidade; a segunda, encontra-se ligada à dimensão social, na medida em que o orador deve expressar-se de acordo com o seu carácter e a sua condição social de forma a persuadir o auditório. Nas duas aceções, *ethos* designa a imagem de si que o orador constrói no e pelo discurso.

Por seu turno, a tradição retórica romana, inspirada sobretudo em Isócrates, sustenta que a prova pelo *ethos* se centra no carácter do orador, ou seja, numa imagem anterior ao discurso, construída ao longo da vida do orador, através dos seus comportamentos, da sua formação e das suas atitudes. Segundo Cícero, «ninguém poderá ser um orador que mereça todos os louvores, se não tiver alcançado o conhecimento de todas as matérias e disciplinas importantes» (*apud* Rocha Pereira, 2008:145). Na ótica ciceriana, a formação e a educação do orador constituem fatores essenciais dos quais deve «emanar o discurso, que se não tiver um fundo de conhecimentos assimilados, será um articular de palavras vãs e quase pueril» (*ibidem*). Nesta perspetiva, o *ethos* constitui uma noção exterior à palavra, ao discurso.

Esta problemática é retomada na Idade clássica com o renovado interesse na arte oratória. Nos seus estudos sobre a retórica clássica, Michel Le Guern (*apud* R.Amosy, 1999: 20) distingue “carateres oratórios” de carateres reais:

Nous distinguons les mœurs oratoires d’avec les mœurs réelles. Cela est aisé. Car qu’on soit effectivement honnête homme, que l’on ait de la piété, de la religion, de la modestie, de la justice, de la facilité à vivre avec le monde, ou que, au contraire, on soit vicieux, [...], c’est là ce qu’on appelle mœurs réelles. Mais qu’un homme paraisse tel ou tel par le discours, cela s’appelle mœurs oratoires, soit qu’effectivement il soit tel qu’il le paraît, soit qu’il ne le soit pas. Car on peut se montrer tel, sans l’être ; et l’on peut ne point paraître tel, quoiqu’on le soit ; parce que cela dépend de la manière dont on parle.

No quadro da Análise do Discurso⁷, esta questão será recuperada em termos de *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo, mas sempre na relação que o locutor estabelece com o alocutário. É uma distinção que iremos abordar mais profundamente ao abordarmos o conceito de *ethos* enquanto objeto de investigação no quadro teórico da Análise Linguística do Discurso.

O. Ducrot (1984) introduz, no quadro da sua teoria polifónica da enunciação, o termo *ethos* no domínio das ciências da linguagem, embora sem grandes desenvolvimentos posteriores. Ducrot estabelece uma distinção entre o locutor L, responsável pelo enunciado, o enunciador, enquanto “voz” ou ponto de vista e o locutor λ , o locutor enquanto pessoa do mundo. Nas palavras de Ducrot (1984 : 201)

Il ne s'agit pas des affirmations flatteuses que l'orateur peut faire sur sa propre personne dans le contenu de son discours, affirmations qui risquent au contraire de heurter l'auditeur, mais de l'apparence que lui confèrent le débit, l'intonation, chaleureuse ou sévère, le choix des mots, des arguments... Dans ma terminologie, je dirais que l'*ethos* est attaché à L, le locuteur en tant que tel: c'est en tant qu'il est source de l'énonciation qu'il se voit affublé de certains caractères qui, par contrecoup, rendent cette énonciation acceptable ou rebutante.

De acordo com Ducrot, o *ethos* é perspectivado, não como uma condição pré-existente ou extralinguística, mas como construção inerente ao discurso, quer ao momento da sua produção, quer aos momentos discursivos que o antecedem. Esta conceção de *ethos* encontra-se no prolongamento da de Aristóteles, sublinhando a centralidade da enunciação na construção da imagem de si.

Neste quadro teórico da Análise do Discurso, Maingueneau, como acima referimos, recupera o conceito de *ethos* aristotélico, vinculando esta noção à de *enunciação*. Neste sentido, *ethos* é uma noção discursiva, isto é, constrói-se através do discurso, não se trata de uma imagem exterior à palavra. Contudo, este conceito não se circunscreve ao que o locutor diz efetivamente de si. A propósito desta questão, Maingueneau (1993) distingue as noções de *ethos dito* e *ethos mostrado*:

“Ce que l'orateur prétend être, il le donne à entendre et à voir: il ne **dit** pas qu'il est simple et honnête, il le **montre** à travers de sa manière de s'exprimer. L'*ethos* est ainsi attaché à l'exercice

⁷ No quadro dos estudos aplicados ao português sobre o *ethos*, é de salientar o trabalho realizado por Rosalice Pinto (2003). A investigadora analisa o *ethos* construído num artigo de opinião da secção “Espaço Público” do jornal *Público*, a partir do qual distingue vários tipos (*ethos didáctico*, *ethos crítico*, *ethos crítico subjectivado*, *ethos moderado*, *ethos indagativo* e *ethos ponderado*). Devemos mencionar ainda os trabalhos de Marques (2008, 2009, 2011b).

de la parole, au rôle qui correspond à son discours, et non à l'individu «réel», appréhendé indépendamment de sa prestation oratoire.” (Maingueneau, 1993 :138).

Por exemplo, num contexto eleitoral, um candidato, procurando a adesão do eleitorado, concretamente o seu voto, enuncia: ‘Sou uma pessoa de confiança’. Neste contexto, o locutor convoca no seu discurso um *ethos* de confiança. Esta imagem poderá ou não ser corroborada pelo *ethos* mostrado no discurso. Imagine-se, então, que este mesmo locutor ao tomar a palavra revelava claros sinais de nervosismo, (tremores, transpiração, voz entrecortada) e elaborava um discurso repleto de reformulações, contradições, hesitações, silêncios, modalidades de incerteza, entre muitos outros elementos que participam na construção do *ethos*, a imagem que este produziria de si seria uma de insegurança. Neste cenário, estaríamos perante um caso em que o *ethos* realizado não corresponderia ao *ethos* visado, visto que a imagem que o locutor constrói de si diverge daquela que este mostra no discurso e da que o alocutário constrói. Deste modo, como afirma Maingueneau (1993), o *ethos* se inscreve no próprio ato de enunciação e não, pelo menos de forma necessária, no que é dito no enunciado.

É, essencialmente, a conceção de *ethos* enquanto instância intrinsecamente enunciativa que Maingueneau recupera da retórica aristotélica. Contudo, o investigador procura distanciar-se do domínio da retórica, recentralizando o seu foco no quadro da Análise Linguística do Discurso. Assim, apresenta duas reformulações nucleares relativamente ao conceito aristotélico de *ethos*: 1) o conceito de *ethos* não se encontra circunscrito apenas à oralidade, estende-se igualmente à escrita e 2) a presença do *ethos* não se restringe ao discursivo argumentativo, pelo contrário, está presente em todas as trocas verbais. Maingueneau introduz os conceitos de *cena de enunciação* e *cenografia*, desenvolvidos em trabalhos anteriores, na problemática do *ethos*; expandindo, assim, a sua teoria além do campo argumentativo, para refletir sobre o processo mais geral de *adesão*⁸.

⁸ Este processo de *adesão* consiste na mobilização do co-enunciador «pour le faire adhérer “physiquement” à un certain univers de sens. Le pouvoir de persuasion d’un discours tient pour une part au fait qu’il amène le lecteur à s’identifier à la mise en mouvement d’un corps investi de valeurs historiquement spécifiées. » (1999:80)». O estatuto que o enunciador se deve conferir de modo a legitimar o seu dizer e, por consequência, possibilitar a *adesão* do co-enunciador, resulta da inscrição do enunciador numa determinada cena de enunciação. Assim, *adesão* do co-enunciador resulta da interação da *cena de enunciação*, da qual o *ethos* faz parte, e do próprio conteúdo selecionado (2002:9).

1.2 *Ethos* e género discursivo

A noção de *cena de enunciação* de Maingueneau recupera os pressupostos desenvolvidos por Bakhtine (1984) sobre o conceito de *género*. Bakhtine relaciona o conceito de género com “as esferas de atividade verbal”:

Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora os seus *tipos relativamente estáveis de enunciados*, sendo a isso que denominamos gêneros do discurso. (1984: 279)

Maingueneau (1993) propõe analisar a *cena de enunciação* em três subdivisões: *cena englobante*, *cena genérica* e *cenografia*. A *cena englobante* inscreve o discurso num determinado tipo, ou seja, numa determinada área de atividade social, fornecendo-lhe o seu «statut pragmatique» (2002: 9), podendo ser este, por exemplo, político, literário, publicitário, entre outros. O tipo de discurso determina a cena genérica em que este se encontra inserido. Esta definição de *cena englobante* remete para as “esferas de atividade verbal” apresentadas por Bakhtine (1984). A *cena genérica* refere-se ao «contrat attaché à un genre ou un sous-genre de discours» (*ibidem*), como por exemplo, o sermão, o editorial, o guia turístico. Os diferentes géneros de discurso estabelecem previamente os papéis que determinam, pelo menos, parcialmente o *ethos* do locutor. *Cenografia* é, segundo Maingueneau (2002: 9)

[...] la scène de parole que le discours présuppose pour pouvoir être énoncé et qu'en retour il doit valider à travers son énonciation même : tout discours, par son déploiement même, prétend instituer la situation d'énonciation qui le rend pertinent.

Ou seja, *cenografia* é um dos possíveis cenários fornecidos pelo género que o locutor escolhe para a enunciação do seu discurso e, pela sua seleção, constitui um espaço onde o locutor pode trabalhar a sua imagem. Ou, por outras palavras, é a “atualização” do género.

Estabelecido o tipo e o género de discurso, o locutor pode escolher, mais ou menos livremente, a sua cenografia. Para ilustrar esta questão, Maingueneau dá o exemplo do sermão que pode ser enunciado através de diversas cenografias, como por exemplo, uma cenografia professoral ou profética.

A inscrição do *ethos* na cena de enunciação implica, como acima referimos, que a imagem de si se encontra condicionada por modelos culturais e institucionais que determinam uma distribuição possível de papéis. Contudo, o *ethos* não se encontra completamente determinado pelo género, é uma construção do próprio discurso, de cada discurso.

A *cenografia* em conjunto com o *ethos* participa de um processo de legitimação reflexivo: a imagem de si construída no discurso é legitimada pelo quadro discursivo, por seu turno, o quadro discursivo é validado por esta imagem. Desta forma, o conceito de *ethos* não constitui um mero meio de persuasão, é uma parte integrante da cena de enunciação, dos sentidos globais do discurso e dos géneros.

1.3 *Ethos* pré-discursivo: estereótipos e modelos culturais

Como pudemos observar no capítulo anterior, “*ethos* discursivo” refere-se à imagem que o locutor elabora de si através do discurso. Esta conceção de *ethos* corresponde à definição de Aristóteles e constitui o objeto central na investigação desenvolvida em torno do conceito de *ethos* de Dominique Maingueneau. Ligado intimamente à noção de *ethos* discursivo, encontramos o conceito de *ethos pré-discursivo* (*ethos préalable* na denominação de Ruth Amossy), enquanto imagem que o auditório constrói do locutor no momento em que este toma a palavra: por um lado, pode ser um *ethos* “coletivo” (por exemplo, o que se espera da intervenção de um médico ou de um político, etc.), por outro lado, pode ser um *ethos* individual, ou seja, as imagens que circulam sobre o locutor, num determinado espaço e tempo, imagens estas que os destinatários de um dado discurso atualizam.

Amossy (2000) considera também esta dupla dimensão do *ethos*. A construção da imagem pessoal opera-se em dois níveis distintos, discursivo e o pré-discursivo. Assim, a imagem pessoal é constituída tanto por elementos discursivos como por elementos pré-discursivos. No que diz respeito ao *ethos* discursivo, devemos considerar (Amossy, 2000, 71: 1) a imagem que deriva da distribuição dos papéis inerentes à cena genérica e a escolha de uma cenografia, 2) a imagem que o locutor projeta de si mesmo no discurso, tal como ela se inscreve na enunciação mais do que no enunciado e a forma como este reelabora os dados pré-discursivos.

Por seu turno, a imagem pré-discursiva engloba (Amossy, 2000, 71): 1) o estatuto institucional do locutor, as funções ou a posição social que ocupa e que conferem legitimidade ao seu discurso, 2) a imagem que o auditório constrói da pessoa antes desta tomar a palavra, que corresponde as representações coletivas ou estereótipos que lhe estão associados. Com efeito, o *ethos* pré-discursivo encontra-se diretamente relacionado quer com o género discursivo quer com a atividade discursiva do alocutário, uma vez que a representação que o alocutário faz do locutor inclui desde logo a imagem que tem deste seu interlocutor, nomeadamente de interações anteriores que integram a história discursiva comum ou, pelo menos, uma imagem prevista pelo género discursivo. Assim, a imagem pré-discursiva é entendida como (2010 :73),

l'ensemble des données dont on dispose sur le locuteur au moment de sa présentation du soi⁹ se compose donc d'aspects divers. Il comprend la représentation sociale qui catégorise le locuteur, sa réputation individuelle, l'image de sa personne qui dérive d'une histoire conversationnelle ou textuelle, son statut institutionnel et social.

Esta representação do locutor encontra-se, como defende R. Amossy (1991), em grande parte, assente em estereótipos. Amossy articula a análise argumentativa¹⁰ e o conceito de *ethos*, desenvolvendo uma linha de investigação em torno desta noção, onde propõe que a imagem pessoal se encontra ancorada em estereótipos e que o processo de construção da imagem é central na construção identitária.

Nesta perspetiva, a investigadora vai introduzir na análise da construção do *ethos* o conceito de *estereótipo*, desenvolvido em trabalhos anteriores (1991, 1994, 1997). Amossy (2010: 46) define *estereótipo* como «une représentation collective figée, un modèle culturel qui circule dans le discours et dans les textes». Por outras palavras,

⁹ Apresentaremos a noção de “présentation de soi” (*presentation of the self*, no original) de Goffman (1973) e a teoria desenvolvida em torno deste conceito na secção 1.6.

¹⁰ R. Amossy (2000) apresenta os princípios centrais da Análise Argumentativa que, segundo a investigadora, se encontra assente em diferentes correntes teóricas, inseridas no âmbito da Análise do Discurso. A investigadora elenca as distintas perspetivas que constituem a base teórica da Análise Argumentativa (apud Amossy, 2000:23-24):

1. *linguística*, uma vez que o discurso argumentativo é construído a partir das escolhas lexicais, do aparelho formal da enunciação, do encadeamento de enunciados, das pressuposições e dos subentendidos;
2. *comunicacional*, já que a argumentação é indissociável de uma dada situação de comunicação, que visa um dado interlocutor;
3. *dialógica e interacional*, na medida em que o discurso argumentativo é construído no âmbito da interação, real ou virtual, e, como tal, é dialógico e interacional;
4. *genérica*, o discurso argumentativo inscreve sempre num determinado tipo ou género discursivo;
5. *estilística*, visto que o discurso argumentativo serve-se das figuras de estilo de modo a concretizar os seus objetivos persuasivos;
6. *textual*, uma vez que o discurso argumentativo recorre as processos lógicos, tais como, silogismos e analogias, cujo funcionamento deve ser explorado.

estereótipo é um conjunto de representações coletivas que pré-definem, em parte, a imagem do locutor numa determinada cultura e numa determinada época.

Estas representações coletivas constituem uma parte integrante de um dado «imaginaire sociodiscursif» e, nesta medida, encontram-se inseridas numa *doxa*¹¹. Para Amossy, a *doxa* é um «ensemble d'opinions, de croyances, de représentations propres à une communauté et qui ont à ses yeux valeur d'évidence et force d'universalité» (2010 :48). O conceito de *estereótipo* é, então, perspectivado como uma categoria indispensável «aussi bien en termes de construction d'identité qu'en termes de communication efficace» (2010:44).

Segundo a investigadora, o *ethos* constrói-se a partir destas representações que pré-existem no imaginário coletivo. Nesta conceção, o *estereótipo* é uma construção de “leitura”, na medida em que o alocutário reconstrói, tendo por base elementos díspares contidos no discurso, a imagem do locutor em função de um modelo cultural pré-existente e o seu próprio conhecimento do mundo. Esta perspetiva salienta a dimensão dialógica do discurso através do qual todo enunciado retoma e responde necessariamente à palavra do outro. Nesta ótica, Amossy propõe que «l'ethos discursif est toujours une réaction à l'éthos préalable – ma présentation de soi se fonde toujours sur l'idée que mon interlocuteur se fait d'ores et déjà de ma personne» (2010 :75). Ou seja, o *ethos* que o locutor constrói no discurso inclui sempre a imagem que o interlocutor poderá fazer dele, tendo como base a sua inserção numa representação pré-existente ao discurso, e que poderá não coincidir com a imagem que o interlocutor faz dele.

É, precisamente, a confluência de imagens divergentes de Meursault presente em *L'étranger* que constitui, como procuraremos comprovar com a análise que pretendemos realizar, o “catalisador” da intriga.

A recuperação da imagem pré-discursiva do locutor possibilita a confrontação de imagens: a imagem que o orador constrói de si no discurso e a imagem que fazemos dele antes de este tomar a palavra.

Uma vez inscrito numa determinada imagem estereotipada, o locutor pode procurar transformá-la no seu discurso e pelo seu discurso, visto que esta tem uma influência

¹¹ O termo *doxa* tem origem na retórica clássica e, de acordo com Amossy (2000: 90), opunha-se a «l'epistémè, a la connaissance authentique, comme aujourd'hui l'opinion publique se démarque du savoir scientifique». Aristóteles define, nos *Tópicos*, as *endoxa* como «São, por outro lado, opiniões “geralmente aceites” aquelas que todo o mundo admite, ou a maioria das pessoas, ou os filósofos – em outras palavras: todos, ou a maioria, ou os mais notáveis e eminentes» (Tópicos: I: 1). No âmbito da análise linguística do discurso, este conceito foi retomado e desenvolvido por C. Perelman (1970) e Amossy (1991, 2000).

preponderante na eficácia do seu discurso. Caso esta imagem prévia possua um caráter negativo ou não se assevere conveniente aos propósitos persuasivos do discurso, o locutor tentará corrigi-la ou modificá-la. Se, pelo contrário, se tratar de uma representação pré-existente favorável, o locutor poderá procurar reafirmá-la ou apoiar-se nela. Neste sentido, o trabalho de reelaboração ocupa um lugar determinante na investigação sobre o *ethos*. Para Amossy, a capacidade do locutor de reelaborar a sua imagem prévia é essencial para uma comunicação e interação social eficazes.

A reelaboração do *ethos* pré-discursivo impõe a questão: como pode o alocutário recuperar a imagem prévia do locutor? Por outras palavras, como pode o alocutário reconstruir a imagem que o locutor acredita fazerem dele? De acordo com Amossy (2000, 2010), temos acesso a esta imagem por meio de dois tipos de elementos sociodiscursivos: mecanismos linguísticos tangíveis, que podem ser recuperados no discurso, por um lado e, por outro, conhecimentos enciclopédicos referentes ao contexto discursivo, que poderão não ser perceptíveis no texto, embora constituam uma parte integrante deste.

Ilustraremos a importância do trabalho de reelaboração do *ethos* pré-discursivo com o caso de Romain Rolland, analisado por Galit Haddad, no artigo *L'exemple de Romain Rolland* (1999). Haddad estrutura o seu artigo em duas partes: a recuperação da imagem prévia de Romain Rolland e a análise tripartida da construção do *ethos* discursivo do escritor no artigo de 1914, *Au-dessus de la mêlée*.

A imagem prévia de Romain Rolland, no momento da publicação do seu artigo, data que coincide com o início da 1ª Guerra Mundial, possui um caráter marcadamente negativo, devendo-se isto, em grande parte, às suas tomadas de posição públicas expressas na obra *Jean-Christophe* e a sua partida para a Suíça. As suas ligações com a cultura alemã contribuíram para uma reputação de germanófilo e desertor. Considerando o contexto bélico, a imagem prévia do escritor era demasiado frágil para assegurar a credibilidade da mensagem pacifista que o seu artigo pretendia passar. Deste modo, R. Rolland procura através do seu discurso modificar esta imagem. Haddad analisa este artigo em três partes, correspondendo cada uma delas a um género retórico: na primeira parte, R. Rolland procura “apagar” a sua imagem prévia, louvando os combatentes e, ao mesmo tempo, sublinhando as suas tendências patrióticas; na segunda, o escritor toma uma posição relativamente aos responsáveis pela guerra; por fim, aconselha a comunidade para um futuro pós-guerra.

O artigo de Haddad é ilustrativo do lugar determinante da reelaboração do *ethos* pré-discursivo na eficácia discursiva. Contudo, a reelaboração do *ethos* não se restringe aos discursos inscritos na esfera pública. Na verdade, qualquer troca verbal é passível de se tornar um espaço de reelaboração e gestão do *ethos*.

Amossy (2010) defende que a análise dos mecanismos de construção *ethos* deve centrar-se em dois pontos essenciais: 1) como a primeira pessoa do singular marca a inscrição do sujeito na enunciação, e, desta forma, permite «l’emergence de la subjectivité»; 2) como a relação EU-TU é essencial na gestão coletiva do *ethos*. Subscrevendo a sua importância, o nosso projeto de investigação tomará como instrumentos teóricos de análise o estudo da subjetividade discursiva e da gestão coletiva de imagens.

1.4 *Ethos* e subjetividade

A investigação em torno da subjetividade na língua tem os seus primeiros desenvolvimentos com os trabalhos de Benveniste (1966), que marcam o “Retorno do Homem à Linguagem”, em divergência com os pressupostos estruturalistas. Para Benveniste, a subjetividade na língua trata de «la capacité du locuteur à se poser comme sujet» :

[La subjectivité] se définit, non par le sentiment que chacun éprouve d’être lui-même (ce sentiment, dans la mesure où l’on peut en faire état, n’est qu’un reflet), mais comme l’unité psychique qui transcende la totalité des expériences vécues qu’elle assemble, et qui assure la permanence de la conscience. Or nous tenons que cette «subjectivité», [...] n’est que l’émergence dans l’être d’une propriété fondamentale du langage. Est «ego» qui *dit* «ego». Nous trouvons là le fondement de la subjectivité», qui se détermine par le statut linguistique de la «personne». (1966 : 259/260)

Por outras palavras, são as marcas linguísticas que assinalam a inscrição do sujeito no seu enunciado. As marcas desta inscrição devem ser encontradas na língua, na medida em que «c’est dans et par le langage que l’homme se constitue en sujet» (*idem*).

Nesta linha de investigação, Kerbrat-Orecchioni (1980) retoma o trabalho de Benveniste,

[...] nous considérerons comme faits énonciatifs les traces linguistiques de la présence du locuteur au sein de son énoncé, les lieux d'inscription et les modalités d'existence de ce qu'avec Benveniste nous appellerons «la subjectivité dans le langage». (1980 : 31)

Alargando o inventário dos marcadores de subjetividade no discurso (*subjectivèmes*), Kerbrat-Orecchioni propõe que, além dos deíticos, existem outras expressões de subjetividade no discurso, como por exemplo, nos termos afetivos que exprimem «une réaction émotionnelle du sujet parlant» (1980: 84), avaliativos que «sans énoncer de jugement de valeur, ni d'engagement affectif du locuteur [...] impliquent une évaluation qualitative ou quantitative» (1980: 86), axiológicos que exprimem «déterminent un jugement de valeur, positif ou négatif» (1980: 91), modalizadores e ainda na hierarquização, organização e seleção da informação. Assim, a análise da subjetividade no discurso passa por:

la recherche des procédés linguistique (*shifters*, modalisateurs, termes évaluatifs, etc.) par lesquels le locuteur imprime sa marque à l'énoncé, s'inscrit dans le message (implicitement ou explicitement) et se situe par rapport à lui (1980 : 32)

No âmbito do nosso projeto, tomaremos em especial atenção o conceito de modalidade, enquanto mecanismo essencial para a análise da construção do *ethos*. Como referimos anteriormente, a modalidade diz respeito à manifestação da subjetividade no discurso. A análise destes mecanismos constitui-se relevante no nosso projeto de investigação, na medida em que projetam necessariamente uma imagem do locutor.

1.5 Intersubjetividade e *ethos*: o papel central do alocutário

Como anteriormente referimos, o trabalho em torno dos marcadores linguísticos da subjetividade é essencial na análise da construção do *ethos*. Na medida em que estes projetam as imagens que «l'émetteur (A) et le récepteur (B) se font d'eux-mêmes et de leur partenaire discursif» (Kerbrat-Orecchioni, 1980: 20), a subjetividade, e regressando

a Benveniste (1966), não pode ser perspectivada enquanto um fenómeno individual, mas interativo. Ou seja, a subjetividade implica necessariamente a intersubjetividade.

Benveniste (1966, 1974) desenvolve, no âmbito da sua Teoria da Enunciação, o conceito de «cadre figuratif», onde se inscreve a relação EU-TU. Para Benveniste (1966), a constituição do locutor enquanto sujeito dá-se «dans l'instance de discours où *je* désigne le locuteur» (1966: 262). Assim, compreende-se a importância que o investigador consagra aos pronomes pessoais, pois «la conscience de soi n'est possible que si elle s'éprouve par contrast. Je n'emploie *je* qu'en m'adressant à quelqu'un, qui sera dans mon allocution un *tu*» (1966:260). Assim, a existência de um EU implica sempre a existência de um TU:

dès qu'il se déclare locuteur et assume la langue, il implante l'autre en face de lui, quel que soit le degré de présence qu'il attribue à cet autre. Toute énonciation est, explicitement ou implicitement, une allocution, elle postule un allocutaire. (1974:82)

Benveniste entende *discurso* como «toute énonciation supposant un locuteur et un auditeur, et chez le premier l'intention d'influencer l'autre en quelque manière» (1974 : 241). Deste modo, toda a enunciação «pose deux «figures» également nécessaires, l'une source, l'autre but de l'énonciation» (*ibidem* : 82). Toda a enunciação implica a existência de um «dispositivo de enunciação formal», na denominação de Benveniste (1970), entendido como o conjunto dos elementos intra e extraverbaes determinados pelas coordenadas enunciativas.

A análise da construção do *ethos* encontra-se, então, ancorada nas marcas linguísticas que o locutor imprime no discurso. Nesta perspectiva dialógica, a construção de uma imagem de si encontra-se sempre inserida na relação de um «eu» e de um «tu». Patrick Charaudeau (2005: 88) afirma a respeito do papel do alocutário na construção do *ethos* que

L'ethos, en tant qu'image qui s'attache à celui qui parle, n'est pas une propriété exclusive de celui-ci ; il n'est jamais que l'image dont l'affuble l'interlocuteur, à partir de ce qu'il dit. L'ethos est affaire de croisement de regards : regard de l'autre sur celui qui parle, regard de celui qui parle sur la façon dont il pense que l'autre le voit. Or, cet autre, pour construire l'image du sujet parlant, s'appuie à la fois sur les données apportées par l'acte de langage lui-même.

Desta forma, a construção do *ethos*, na medida em que ocorre em qualquer troca verbal, deve ser perspectivada no âmbito da interação de um «eu» com um «tu». Na verdade, quando o locutor constrói a sua imagem discursiva, constrói, além de uma imagem que os seus interlocutores poderão fazer de si, uma imagem dos próprios interlocutores, imagem essa que é indissociável da sua.

Imagine-se um cenário em que um aluno aborda um professor com uma questão ou com um pedido. O estudante procura construir uma imagem de si de “bom aluno”. A construção deste *ethos* é condicionada pela imagem que o aluno tem do professor: um *ethos* de “severidade”, “exigência”, etc. Mas, também, pela imagem que o aluno acha que o professor tem dele, por exemplo, um *ethos* de “responsabilidade”, “mediocridade”, “excelência”. A construção do *ethos* do aluno encontra-se, assim, modelada pela pluralidade de imagens que emergem no curso da interação.

Em suma, o interlocutor desempenha um papel fundamental na construção do *ethos*, na medida em que é em interação que o *ethos* é construído e ao mesmo tempo modulado de acordo com a própria natureza da interação. Assim, é no âmbito das interações dialogais que os interlocutores participam na construção “plural” do *ethos*. Nesta medida, as interações dialogais constituem verdadeiros espaços de construção da imagem de si.

1.6 Gestão coletiva do *ethos*

Na perspectiva interacionista, o conceito de *imagem de si* tem origem nos trabalhos do sociólogo Erving Goffman (1967, 1973). No quadro da microssociologia, E. Goffman contribuiu, com os seus trabalhos sobre os rituais de interações, para fomentar o interesse pela construção da imagem de si nas interações verbais. A conceção goffmaniana de *face*, mas também o conceito de «presentation of self», são importantes nos estudos sobre as imagens de si, dado que estabelecem uma relação estreita com o conceito de *ethos*. Considerando a divergência dos conceitos, mas, sobretudo, a sua confluência, Ruth Amossy (2010) propõe a assimilação da noção de *ethos* à de «présentation de soi», na sua conceção alargada, ou seja, estendida, além das interações reais face a face, a todas as trocas verbais. No nosso projeto de investigação, consideraremos o conceito de *ethos* na proposta de Amossy:

Cette notion de présentation de soi, on le voit, est étonnamment proche de la notion aristotélicienne d'ethos : il s'agit d'une construction d'image qui s'effectue dans un échange social déterminé, qu'elle contribue largement à réguler (2010 : 26)

Para Goffman, toda a interação social, definida como «the reciprocal influence of individuals upon one another's actions when in one another's immediate physical presence» (1973: 26), implica que os seus participantes efetuem, consciente ou inconscientemente, uma apresentação de si, ou seja, «the individual will have to act so that he intentionally or unintentionally *expresses* himself, and the others will in turn have to be *impressed* in some way by him» (1973: 14). Para Goffman, *impression* é tratada como «a source of information about unapparent facts and as a means by which the recipients can guide their response to the informant's actions to be felt» (1973: 241), enquanto *expression* se refere ao «communicative role it plays during social interaction and not, for example, in terms of consummatory or tension-release function it might have for the expressor» (*idem*).

Goffman apoia-se numa metáfora teatral para definir os conceitos que constituem a «presentation of self». Desta forma, o investigador apresenta o conceito de *performance* como «all the activity of a given participant on a given occasion which serves to influence in any way any of the other participants» (1973:26). Cada um dos participantes desempenha um *part*, isto é, em qualquer troca verbal os 'atores' transmitem uma imagem de si mesmos, de modo a influenciar o interlocutor e contribuir para a finalidade da interação. Ainda segundo este autor, a *performance* é regulada por uma determinada *front*, quer dizer, «that part of the individual's performance which regularly functions in a general and fixed fashion to define the situation for those who observe the performance». Finalmente, este conceito estabelece um determinado *setting*, constituído pela *appearance* que se liga ao estatuto social do participante e pela *manner* que se refere ao papel que o participante desempenha na interação, ou melhor, como o participante desempenha esse papel.

No momento da interação, o locutor procura a preservação da sua *face*. Goffman (1967:5) define *face* enquanto «the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact». Face é, então, uma «image of self delineated in terms of approved social attributes – albeit an image that others may share, as when a person makes a good showing for his profession or religion by making a good showing for himself» (*id.*). A partir deste conceito,

Goffman elabora um conjunto de táticas de preservação e de reparação da face, denominado face-work (figuração), que contribuem para a manutenção do equilíbrio da interação:

By face-work I mean to designate the actions taken by a person to make whatever he is doing consistent with face. Face-work serves to counteract “incidents” – that is, events whose effective symbolic implications threaten face. (Goffman, 1967:12)

O princípio e os conceitos de gestão de faces serão retomados por Levinson e Brown (1987), no quadro da Teoria da Cortesia. Para os autores, face é «the public self-image that every member wants to claim for himself» (1987: 61) que consiste em dois aspetos:

negative face: the basic claim to territories, personal preserves, rights to non-distraction – i.e. to freedom of action and freedom from imposition

positive face: the positive consistent self-image or ‘personality’ (crucially including the desire that this self-image be appreciated and approved of) claimed by interactants

Na perspectiva de Levinson e Brown (1987), os atos de fala que são produzidos durante a troca verbal constituem, em grande parte, uma ameaça à face de ambos os participantes da interação. Estes atos são denominados *Face Threatening Acts* ou FTAs. Assim, a face constitui um alvo constante de ameaças e, simultaneamente, objeto de um desejo de preservação. Por isso, os participantes devem pôr em prática uma série de estratégias de cortesia, cujo objetivo consiste, em grande parte, na atenuação dos FTAs. Para Levinson e Brown (1987: 74), o falante escolhe seleciona uma determinada estratégia de cortesia para um determinado FTA, tendo em conta três variáveis sociais:

the social distance (D) of S[peaker] and H[earer] (a symmetric relation)

the relative power (P) of S[peaker] and H[earer] (an asymmetric relation)

the absolute ranking (R) of impositions in the particular culture

Este modelo sofreu algumas críticas, sobretudo, devido à conceção demasiado negativa da interação social. Kerbrat-Orecchioni (1996) propõe que, além dos FTAs, existem *Face Flattering Acts* (ou FFAs), atos como o elogio ou o agradecimento, cujo objetivo consiste, sobretudo, na valorização da face. A distinção entre *Face Threatening Acts* e *Face Flattering Acts* relaciona-se com a distinção entre cortesia negativa (estratégias de preservação do território) e cortesia positiva (estratégias de valorização da face).

Estes conceitos são essenciais quando perspetivamos a construção do *ethos* inserida numa dinâmica interacional. Como podemos observar, os interlocutores procuram a valorização da sua face e, ao mesmo tempo, a sua preservação. Por conseguinte, a imagem que constroem de si na interação encontra-se sempre modulada por este duplo desejo. Segundo Amossy (2010: 131), a elaboração de uma imagem durante a interação não é um processo estático, mas dinâmico:

Dans l'interaction en face à face, ou dans ses équivalents écrits, il doit au contraire réajuster sans cesse son image en fonction des réponses de son interlocuteur, de la façon dont il réagit favorablement ou défavorablement à sa présentation de soi, des images alternatives qu'il lui propose au cours de l'échange.

Nesta dimensão, a construção do *ethos* faz parte de um processo dinâmico de gestão e negociação coletiva: o locutor regula a sua imagem de acordo com as reações positivas ou negativas do seu interlocutor. Da mesma maneira, o interlocutor reajusta a sua imagem em função do *ethos* que o locutor constrói e atualiza durante a interação.

As interações criam, como acima referimos, um espaço de construção de relações interpessoais e também de construção de uma imagem de si. Na verdade, é no seio da dinâmica interacional que o *ethos* é construído. Segundo Amossy (2010:31),

Projeter une image appropriée à la situation ne contribue pas peu à la réussite de l'interaction, quelle qu'elle soit. Ainsi l'ethos est une notion qui relève de tout type d'échange et participe dans toute situation à son bon fonctionnement.

Deste modo, o tipo de relação interpessoal que se estabelece entre os participantes da interação é fundamental e modelador da imagem que o locutor faz de si, porque, e ainda segundo Kerbrat-Orecchioni (1992), a investigação em torno das interações verbais deve acomodar dois níveis de análise: o primeiro ao nível do conteúdo, o segundo da relação. Assim, todo o enunciado possui, além de um conteúdo informacional, um valor relacional:

Les énoncés possèdent toujours en sus une valeur relationnelle : quête d'un consensus, désir d'avoir raison (ou raison de l'autre) souci de ménager la face d'autrui, ou de la lui faire perdre... ; valeur qui agit insidieusement mais efficacement dans le dialogue, même si elle est souvent plus dissimulée, car moins « officielle », que le contenu informationnel. (1992 : 13)

As interações proporcionam, então, espaços de construção de relações sociais e afetivas, isto é, de relações interpessoais quer sejam estas de distância/proximidade, hierarquia/igualdade ou consenso/conflito. De facto Kerbrat-Orecchioni (1992: 35-36), as relações interpessoais organizam-se de acordo com estas três dimensões gerais¹².

Estas relações estão sujeitas a fatores contextuais de índole diversa, a saber: as características de cada participante (idade, género, etc.), o carácter da relação pré-existente entre eles, o tipo de contrato que os une durante a situação de comunicação e a natureza do «setting» (grau de formalidade, número de participantes). As relações interpessoais possuem um carácter fundamentalmente dinâmico, na medida em que são passíveis de evolução e de negociação. Desta forma, estes dados contextuais são constantemente *remodelados* pelos próprios eventos conversacionais. Assim, a relação interpessoal constitui-se e redefine-se pelo conjunto de fatores contextuais e pelo «jeu de certains types d'unités» que Kerbrat-Orecchioni (1992:37) denomina de «relationèmes». De acordo com a investigadora, os *relationèmes* serão considerados «à la fois comme des reflets, et comme des constructeurs de la relation» (ibid.). De acordo com a natureza de relação interpessoal, existem diferentes tipos de *relationèmes*: os *relationèmes* que marcam as relações «horizontais» denominam-se «familiaritèmes»; os que marcam as relações «verticais» designam-se por «taxèmes»; enquanto os que marcam as relações de afetividade são nomeados de «agonèmes», caso sejam marcadores de conflito, ou «irénèmes», caso sejam marcadores de cooperação. De entre os diversos marcadores de relação, Kerbrat-Orecchioni concede especial atenção às

¹² Kerbrat-Orecchioni (1992) define três tipos de relações interpessoais: a relação «horizontal», a relação «vertical» e a relação de afetividade. As relações «horizontais» situam-se no eixo da distância vs familiaridade, ou seja, «dans l'interaction, les partenaires en présence peuvent se montrer plus ou moins "proches" ou "éloignés"» (1992: 39). Servem de exemplos, a relação que dois amigos estabelecem, a relação de dois irmãos ou entre um pai e um filho ou ainda entre dois amantes. O grau de familiaridade ou distância encontra-se, claro, condicionado por fatores de índole diversa. Por exemplo, a relação entre um pai e um filho não implica necessariamente um grau elevado de familiaridade; em determinados casos, poderá suceder-se exatamente o oposto, um grau elevado de distância. As relações verticais encontram-se no eixo do poder, isto é, «au cours du déroulement de l'interaction, les différents partenaires peuvent se trouver placés en un lien différent sur cette axe verticale invisible qui structure leur relation interpersonnelle» (1992 : 71). De acordo com a investigadora, as relações «verticais», tais como as relações «horizontais» são por natureza graduais. A diferença entre as duas centra-se no facto de as últimas serem em princípio simétricas, enquanto as primeiras são essencialmente dissimétricas. Para Kerbrat-Orecchioni, estas relações encontram-se dependentes de fatores externos, como a idade, o sexo, o estatuto social, entre outros, mas também de fatores internos. Pois, embora certas relações sejam à partida determinadas por fatores contextuais (como é o caso da relação entre uma criança e um adulto ou entre um empregado e um cliente), estas podem ser sempre negociadas: «Les places sont l'objet de négociations permanentes entre les interactants, et l'on observe fréquemment de la part du dominé institutionnel la mise en œuvre de stratégies de résistance, de contre-offensives et de contre-pouvoirs, qui peuvent bien entendu échouer, ou réussir» (1992 :73). Por último, as relações de afetividade localizam-se no eixo conflito/consenso, ou seja, «s'ils sont en "bons termes", les participants vont s'employer à coopérer pour "s'entendre" et s'ils sont en "mauvais termes", ils vont cultiver l'affrontement, et chercher à se mettre des "bâtons dans les roues"» (1992 :141). Este tipo de relação distingue-se das duas anteriores, uma vez que o conflito pode ocorrer tanto em situações familiares (ou não familiares), como em situações hierárquicas (ou não hierárquicas).

fórmulas de cortesia e ao sistema de forma de tratamento e honoríficos, que, embora pobres em conteúdo informacional, «jouent un rôle fondamental pour l'établissement et la maintenance de la relation» (1992: 14).

Também neste domínio, a construção e consolidação do *ethos* encontra-se intimamente ligada ao processo de preservação e manutenção das relações interpessoais, atendendo a que, como referimos acima, o *ethos* faz parte de todas as interações verbais.

Esta breve incursão pelos principais fundamentos e contributos teóricos em torno da investigação que tem por objeto a noção de *ethos* pretende ancorar teoricamente a nossa análise da imagem discursiva ou *ethos* no romance *L'étranger*. Os inúmeros trabalhos e investigadores que se dedicam a esta questão, não só no quadro da Análise Linguística do Discurso, mas, como referimos, no domínio de diversas disciplinas (Sociologia, Psicologia, Antropologia, etc.), são prova do interesse fomentado pelo conceito de *ethos*.

Na nossa investigação, partimos da proposta de Ruth Amossy (2010) de assimilação da noção de *ethos* aristotélico ao conceito goffmaniano de «présentation de soi», na sua conceção alargada, ou seja, estendida, para além do campo da argumentação e das interações reais, a toda a enunciação

Consideraremos *ethos discursivo*, de acordo com a proposta de Maingueneau, enquanto imagem que o locutor elabora de si através do discurso e *ethos pré-discursivo* no sentido que Ruth Amossy lhe atribui de imagem que os interlocutores constroem do locutor no momento em que este toma a palavra que pode ter como base a história discursiva comum aos interlocutores, a reputação individual do locutor ou da sua inserção em modelos culturais ou representações coletivas. Sendo o *ethos* do discurso resultado, como afirma Maingueneau (2002: 10), da interação de diferentes fatores, nomeadamente, «ethos prédiscursif, ethos discursif (*ethos montré*), mas aussi les fragments du texte où l'énonciateur évoque sa propre énonciation (*ethos dit*)».

Entenderemos o conceito de *estereótipo* como um conjunto de representações coletivas que poderão predefinir, em parte, a imagem do locutor numa determinada espaço e tempo. Uma vez que o contexto judiciário evoca representações coletivas ligadas a uma dada *doxa* (representações que serão decisivas no desfecho da intriga) o conceito de *estereótipo* é essencial na análise da obra e do episódio do julgamento em particular.

Estes conceitos constituíram, como anteriormente referimos, elementos centrais na nossa análise da construção do *ethos*.

Como instrumentos de análise, teremos em consideração as marcas linguísticas de subjetividade, sobretudo, no que diz respeito à modalização e às modalidades, visto que se tratam de estratégias que introduzem uma dimensão subjetiva através da convocação de várias “vozes” no discurso, nomeadamente as diferentes vozes evocadas através de um desdobramento enunciativo do protagonista, as vozes dos interlocutores, isto é, as personagens que interagem com Meursault, e, também, uma voz *doxal* aludida no curso das interações sociais do protagonista e convocada pelo advogado de acusação no julgamento. Consideraremos a construção do *ethos* necessariamente na sua dimensão interativa. Assim, entenderemos os diferentes tipos de relações interpessoais que os interlocutores podem estabelecer como espaços modelados e, ao mesmo tempo, modeladores da construção do *ethos*.

1.7 Discurso relatado como estratégia de construção do *ethos* do protagonista

Nas palavras de Marques (2006:1),

O discurso relatado interessa à análise linguística do discurso enquanto estratégia discursiva que faz ouvir no discurso “outras vozes” para além dos interlocutores empenhados na interação verbal.

Como instrumento de convocação de vozes distintas no discurso, a análise do discurso relatado constitui um mecanismo linguístico essencial na elaboração do *ethos*, na medida em que se encontra intimamente ligado a marcas de subjetividade e à construção de pontos de vista.

Em *L'étranger*, encontramos um narrador *autodiegético* que, segundo *O Dicionário de Narratologia* (Reis/Lopes, 2007: 259),

designa a entidade responsável por uma situação ou atitude narrativa específica: aquela em que o narrador da história relata as suas próprias experiências como personagem central dessa história.

Segundo os autores, «uma tal atitude narrativa [...] arrasta importantes consequências semânticas e pragmáticas, decorrentes do modo como o narrador autodiegético estrutura a perspetiva narrativa [...]». Ou seja, estamos perante um relato dos eventos e, sobretudo

dos discursos, que se insere na construção do ponto de vista do protagonista. Na medida em que estamos a tratar os mecanismos linguísticos que participam na construção do *ethos* do protagonista, a análise do discurso relatado constitui um elemento preponderante, uma vez que a convocação de vozes “alheias” é modulada pela perspectiva do protagonista.

No romance, encontramos, essencialmente, dois modos de discurso relatado: o discurso direto e o discurso indireto. Encontramos, ainda, uma ocorrência de discurso indireto livre que posteriormente analisaremos em detalhe.

Duarte (1999: 65) aponta como uma das principais características do discurso direto o «respeito pelas marcas enunciativas do discurso que relata ou representa». Isto é, os indícios de inscrição do locutor no seu enunciado, como por exemplo, a pessoa gramatical ou o tempo verbal, «reenviam para o ato enunciativo «original» que se trata de relatar» (*idem*). Segundo a investigadora, no discurso direto é conservado «o mesmo sistema deíctico do locutor original, a referência deíctica do discurso relatado faz-se em relação ao *aquí* e ao *agora* do locutor primeiro» (*idem*). Desta forma, Duarte (1999:66) aponta como consequências dessa justaposição:

uma dualidade de pontos de vista, de características enunciativas e discursivas. A dois enunciadores (relator e enunciador do enunciado relatado) correspondem dois pontos de vista e geralmente duas linguagens diferentes.

Em *L'étranger*, o discurso direto encontra-se presente, sobretudo, no relato de intervenções das diferentes personagens, em particular, na reprodução do discurso do advogado de acusação que, em toda a obra, é a personagem responsável por um maior número de ocorrências e uma maior extensão de discurso relatado:

- a) Mais le procureur a tonné au-dessous de nos têtes et il a dit : «Oui, messieurs les jurés apprécieront. Et ils concluront qu'un étranger pouvait proposer du café, mais qu'un fils devait le refuser devant le corps de celle qui lui avait donné le jour.» [137/138]
- b) Le procureur s'est alors levé, très grave et d'une voix que j'ai trouvée vraiment émue, le doigt tendu vers moi, il a articulé lentement : «Messieurs les jurés, le lendemain de la mort de sa mère, cet homme prenait des bains, commençait une liaison irrégulière, et allait rire devant un film comique. Je n'ai rien de plus à vous dire.» [142]

Quando o discurso do protagonista se encontra relatado em discurso direto, as suas ocorrências centram-se em pequenos enunciados, normalmente, constituídos por um ou dois lexemas¹³, como podemos observar nos seguintes excertos:

- c) Il m'a dit: «Vous ne voulez pas ?» J'ai répondu : «**Non.**» [14]
- d) «C'est votre mère qui est là ?» J'ai encore dit : «**Oui.** – Elle était vieille ?» J'ai répondu «**Comme ça**» [...] [28]
- e) Il a répété sa phrase et j'ai dit : «**Oui.**» Cela m'était égal d'être son copain et il avait vraiment l'air d'en avoir envie. [52]
- f) J'ai dit : «**Naturellement.**» [68]

Duarte (1999:111) afirma, a propósito do recurso ao discurso direto nos diálogos de ficção, que «Uma função do DD na narrativa é, pois, informar o leitor, quer sobre a personagem, ajudando a traçar o seu retrato, quer ainda sobre factos importantes da diegese». A análise do discurso direto é, pois, relevante na construção do *ethos*, uma vez que, segundo a investigadora (1999:112), «a configuração do mundo ficcional é realizada, entre outros recursos, pela definição das personagens através dos seus próprios discursos». Se observarmos os excertos c-f), podemos desde já verificar uma escassez latente ao nível do conteúdo nas intervenções do protagonista que, como veremos no próximo capítulo, dificulta a manutenção das interações em que este participa. Tal característica aponta para índices de ausência emotiva e incapacidade comunicativa que, no contexto fúnebre que marca a primeira parte do romance, contribui para a construção de uma imagem negativa do protagonista.

No que diz respeito ao discurso indireto, Duarte (1999: 78) afirma que a característica mais relevante deste modo de relato se centra na sua organização sintática, na medida em que a estrutura sintática do discurso indireto inclui «a seguir a um verbo de comunicação, uma chamada conjunção subordinativa completiva que introduz uma oração subordinada integrante ou completiva». Segundo Duarte,

Desta subordinação decorrem várias consequências. Por um lado, o sistema pessoal e temporal refere-se a um único enunciador, ao relator do discurso. Por outro, o verbo da oração subordinada submete-se à chamada *consecutio temporum*. (1999:78)

¹³ Esta questão prende-se com os conceitos de *cortesia linguística* (ver pág. 24).

Deste modo, marcas enunciativas, como a pessoa gramatical ou os deíticos temporais e espaciais, entre outras, referem-se à enunciação que relata, uma vez que, nas palavras da investigadora (1990:80), no discurso indireto «o único quadro de referência de toda a frase é o ato de enunciação do locutor-relator».

No romance, o discurso indireto constitui, sem dúvida, o modo de relato de discursos predominante, quer na reprodução das intervenções de outras personagens,

- g) Quand nous nous sommes rhabillés, elle a eu l'air très surprise de me voir avec une cravate noire et elle m'a demandé si j'étais en deuil. [33]
- h) Le soir, Marie est venue me chercher et m'a demandé si je voulais me marier avec elle. [67]
- i) Il m'a demandé alors si je n'étais pas intéressé par un changement de vie. [67]

quer no relato dos discursos do protagonista:

- j) Je lui ai répondu que cela ne voulait rien dire, mais qu'il me semblait que non. [57]
- k) J'ai dit que oui mais que dans le fond cela m'était égal. [67]
- l) J'ai dit que cela m'était égal et que nous pourrions le faire si elle le voulait. [67]

Segundo Duarte (1999:152), o recurso ao discurso indireto no relato de diálogos na ficção permite, na medida em que este se encontra «mais próximo enunciativamente da instância narrativa», «resumir, preservando o essencial do conteúdo da intervenção da personagem». No romance, tal função do discurso indireto, dado a sua predominância em toda a obra, sugere, mais uma vez, uma ausência emotiva do protagonista, na medida em que o relato dos discursos tem aparentemente uma função meramente informacional (utilizamos aqui *apparentemente*, uma vez que, como sabemos, a escolha das interações e das intervenções relatadas constituem marcas de subjetividade do protagonista e obedecem a finalidades discursivas).

Em *L'étranger*, o discurso indireto livre tem, como atrás referimos, apenas uma ocorrência. Contudo, dada a relevância do excerto em que este modo de relato se encontra presente, apresentaremos brevemente as características distintivas desta

estratégia discursiva. Duarte (1999: 153) afirma que o discurso indireto livre possui «um funcionamento inesperado», na medida em que

Quer as marcas de pessoa gramatical quer os tempos verbais funcionam no sistema da enunciação relatora, o esquema de frase e o léxico pertencem, geralmente, ao enunciador primeiro.

Desta forma, existe, segundo a investigadora, «uma mistura de dois planos enunciativos» (*id.*). Vejamos, então, a presença de marcas desta mistura de planos enunciativos nos seguintes excertos:

- m) Il avait l'air si certain, n'est-ce pas ? [180]
- n) Comprenait-il, comprenait-il donc ? [182]
- o) Comprenait-il donc, ce condamné, et que du fond de mon avenir... [182]

No que diz respeito aos tempos verbais, Duarte (1999: 157) afirma, comentando a reflexão de Reyes (1984) que

A linguista argentina pensa mesmo que esta coexistência de dois tempos (o da narração, o *pretérito perfeito*, por um lado e o da consciência da personagem, o *presente* transmitido pelo uso do *imperfecto*) é um traço «desconcertante».

Como podemos observar, a presença deste dois planos enunciativos encontra-se, não só nos tempos verbais, mas também no referente do deíctico pessoal “il”, que, no momento de enunciação “original”, seria formulado como “tu”. Relativamente à função deste modo de relato, exploraremos esta questão, analisando posteriormente o excerto no contexto específico em que este se insere e relacionando-o com a construção do *ethos* do protagonista.

A introdução do discurso relatado pode ser concretizada de diversas formas, através de verbos de comunicação ou *verba dicendi*, como por exemplo, dizer ou perguntar, mas também, segundo Duarte (1999:35)

Podem também funcionar como tal verbos de opinião (*crer, julgar, achar*), verbos de consciência (como *pensar*, pelo menos em um dos seus usos possíveis), verbos de sentimento (*desabafar, lamentar*).

Marques e Ribeiro (2011a) apontam ainda, a propósito dos introdutores de discurso relatado na obra *As Aventuras de João Sem Medo*, para casos de elisão do verbo e substituição por «une expression linguistique renvoyant à différents aspects de l'interaction verbale», como por exemplo, «description des attitudes des personnages», «le mouvement du corps, mimique, gestes» e «les caractéristiques phonétiques» (2011a:85).

Em *L'étranger*, o discurso relatado encontra-se introduzido predominantemente pelos verbos *dicendi*, *dire*, *demander* e *répondre*:

- p) Il a consulté un dossier et m'a **dit** : «Mme Meursault est entrée ici il y a trois ans. Vous étiez son seul soutien.» [11]
- q) Il m'a **dit**: «Vous ne voulez pas?» J'ai **répondu**: «Non.» [14]
- r) «Voulez-vous auparavant voir votre mère une dernière fois ?» J'ai **dit** non. [23]
- s) Un moment après, elle m'a **demandé** si je l'aimais. [57]
- t) J'ai **répondu** comme je l'avais déjà fait une fois, que cela ne signifiait rien mais que sans doute je ne l'aimais pas. [67]
- u) J'ai **demandé** deux jours de congé à mon patron et il ne pouvait pas me les refuser avec une excuse pareille. [9]
- v) On lui a demandé si j'étais son client et il a dit : «Oui, mais c'était aussi un ami» [...] [139]

Embora também encontremos outro tipo de verbos como introdutores de discurso relatado, como podemos observar nos seguintes excertos, que são usados para introduzir o discurso de personagens que não Meursault:

- w) Elle **a observé** alors que le mariage était une chose grave. [67]
- x) Il **a bégayé** un peu: «On l'a couverte, mais je dois dévisser la bière pour que vous puissiez la voir.» [14]
- y) Puis le président a demandé à l'avocat général s'il n'avait pas de question à poser au témoin et le procureur **s'est écrié** : «Oh ! non, cela suffit» [...] [136]
- z) Jusqu'au moment, du moins, où l'avocat général s'est arrêté et après un moment de silence, **a repris d'une voix très basse et très pénétrée** : «Cette même cour, messieurs, va juger demain les plus abominable des forfaits : le meurtre d'un père.» [154]

a sua ocorrência na obra é esporádica. No que diz respeito aos verbos *dire*, *demander* e *répondre*, é de notar que são verbos neutros, na medida em que, segundo Duarte (1999: 367),

há verbos de comunicação neutros (*dizer*) e outros que envolvem pressuposições (*replicar* pressupõe a existência de uma comunicação anterior da autoria de um locutor diferente do sujeito do verbo, argumentativamente contrária àquela cujo relato o verbo introduz).

Tal característica relaciona-se, ao nível da construção do *ethos* do protagonista, com índices de ausência de emotividade que, como atrás referimos, fundamentam uma imagem negativa de Meursault que, posteriormente, se torna determinante no desfecho da intriga.

1.8 Organização da análise: o universo ficcional de *L'étranger*

A análise que iremos desenvolver nos próximos capítulos pretende dar conta da existência de um *ethos* global de “desajuste”, para o qual as distintas imagens parcelares construídas do e pelo protagonista contribuem. Para tal dividimos a nossa análise em duas partes, que correspondem aos dois momentos centrais da obra: o episódio do funeral e o episódio do julgamento.

Recordemos as palavras de P. Charaudeau (2005:88) sobre o conceito de *ethos*:

L'ethos, en tant qu'image qui s'attache à celui qui parle, n'est pas une propriété exclusive de celui-ci ; il n'est jamais que l'image dont l'affuble l'interlocuteur, à partir de ce qu'il dit. L'ethos est affaire de croisement de regards : regard de l'autre sur celui qui parle, regard de celui qui parle sur la façon dont il pense que l'autre le voit. Or, cet autre, pour construire l'image du sujet parlant, s'appuie à la fois sur les données apportées par l'acte de langage lui-même.

É, precisamente, neste «croisement de regards» que as duas partes da obra se encontram articuladas, dado que a primeira privilegia a imagem de si construída pelo protagonista. Ou seja é central a perspetiva de Meursault (sobre os seus próprios comportamentos, as suas relações, as suas emoções e os seus valores), enquanto a segunda parte põe em cena as imagens heteroconstruídas de Meursault, portanto, na perspetiva do Outro, da sociedade. Neste cruzamento, existe uma dupla leitura dos acontecimentos que

ocorreram na sequência da morte da mãe do protagonista e que culminam no crime: a primeira leitura é realizada na perspectiva de Meursault e corresponde à primeira parte da obra, enquanto a segunda leitura é construída na perspectiva da sociedade e corresponde à segunda parte do romance. Com efeito, o episódio do julgamento marca uma mudança no foco narrativo, ao nível da construção de imagens. Existe, assim, uma recentralização da elaboração de imagens autoconstruídas para imagens heteroconstruídas. O *ethos* global de “desajuste” articula os diferentes pontos de vista sobre os eventos ocorridos após a morte da mãe de Meursault e os *ethes* imagens que deles decorrem.

Servimo-nos do universo ficcional de *L'étranger* como ponto de partida para a estruturação da nossa análise. Tal escolha acarreta implicações ao nível da terminologia e dos conceitos usados. Como sabemos, na análise das imagens construídas no âmbito do discurso literário todo o *ethos* é, por norma, discursivo. Contudo, no universo ficcional da obra, estabelecemos algumas distinções, de forma a tornar mais explícito o tipo de relação construída entre determinadas imagens ou *ethes* e o desenvolvimento da intriga. Desta forma, consideraremos, ao nível global, que, na primeira parte do romance, a imagem do protagonista construída pelas outras personagens constitui um *ethos pré-discursivo* de Meursault relativamente ao episódio do julgamento onde esta imagem é convocada e possui um papel determinante no desfecho da intriga. Ao nível local, consideraremos a imagem que advém das intervenções do protagonista num contexto interacional como um *ethos discursivo*, por oposição, às intervenções de Meursault em que este comenta os eventos sucedidos, enquanto relator, as quais serão denominadas de *metadiscursivas*, uma vez que se encontram fora da interação verbal e comportam um comentário reflexivo do protagonista.

CAPÍTULO II: VALORES DOXAIS E ÉTHE: DOS ÉTHE PARCELARES AO ETHOS GLOBAL DE DESAJUSTE

Nos capítulos seguintes, procederemos à análise linguística-discursiva, na perspetiva já referida do *ethos*, da construção das imagens distintas que vão sendo elaboradas do protagonista do romance *L'étranger* de Albert Camus e das relações que estabelecem entre si.

O episódio do funeral da mãe de Meursault constitui um momento central na intriga e na construção da imagem de si do protagonista. De facto, a imagem do protagonista que vai ser construída no contexto fúnebre vai ser evocada no julgamento, marcando decisivamente o desfecho da narrativa. Analisaremos o episódio do funeral como um espaço social ritualizado¹⁴ que, como tal, se encontra regido por normas específicas e é objeto de determinadas expectativas culturais¹⁵. A análise deste episódio será estruturada em duas partes distintas. Na primeira parte, exploraremos a construção do *ethos* de Meursault do ponto de vista das personagens que interagem com o protagonista. Situar-nos-emos, assim, na dimensão do *ethos* heteroconstruído. Na segunda parte, focaremos a construção do ponto de vista de Meursault e a consequente imagem que dele emerge. Deste modo, encontrar-nos-emos no domínio do *ethos* autoconstruído, ou seja, da imagem que Meursault constrói de si no discurso.

2.1 Estigmatização e *ethos*: mecanismos não verbais e paraverbais

Considerando, então, a natureza social do funeral, recuperaremos na nossa análise o conceito sociológico de *stigma*, tal como foi perspetivado por E. Goffman no seu

¹⁴ Goffman (1973: 231) define espaço social como «any place surrounded by fixed barriers to perception in which a particular kind of activity regularly takes place. [...] any social establishment may be studied profitably from the point of view of impression management».

¹⁵ Segundo a *Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer* (Howarth/Leaman, 2004: 244), «os rituais fúnebres, apesar de se realizarem praticamente em todas as comunidades, diferem radicalmente de sociedade para sociedade». Enquanto na sociedade ocidental, o ritual fúnebre é celebrado «com solenidade e conservadorismo» (*idem*), como é o caso em *L'étranger*, noutras comunidades como, por exemplo, nos Países da Índia «na convicção de que o corpo é uma fonte de contaminação [...] instalam o cadáver numa “Torre de silêncio” para ser consumido pelos abutres e pela decomposição» (*idem*) ou nos rituais de Nova Orleães «os funerais podem ser celebrados de forma ruidosa e exuberante» (*idem*).

trabalho de 1963, *Stigma – Notes on the Management of Spoiled Identity*¹⁶ e que constitui uma noção pertinente para o nosso trabalho.

Goffman (1963) reexamina e relaciona os conceitos de *estigma* e *identidade social*, procurando analisar os diferentes aspetos da situação de uma pessoa estigmatizada: os tipos de estigma, a reação dos estigmatizados, bem como, a dos “normais” quando estes se encontram numa situação de interação social e ainda as diversas formas de manipulação ou gestão do estigma.

Para o estabelecimento de uma definição de *estigma*, Goffman começa por apoiar-se no conceito de *identidade social*:

Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspetos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua *identidade social* – para usar um termo melhor do que “status social”, já que nele se incluem atributos como “honestidade”, da mesma forma que atributos estruturais, como “ocupação”. (1963: 12)

Ou seja, as categorias sociais em que as pessoas podem ser inseridas e o conjunto de atributos “considerados como comuns e normais para os membros dessas categorias”(1963: 11). Segundo Goffman, estas categorias ou “pré-conceitos” são por nós (entenda-se aqui pela sociedade) transformadas em “expectativas normativas”. As expectativas relativamente à satisfação destas exigências por um dado indivíduo e as características que este efetivamente possui são denominadas, na terminologia de Goffman, respetivamente, de *identidade social virtual* e *identidade social real*. Ou seja,

as exigências que fazemos poderiam ser mais adequadamente denominadas de demandas feitas “efetivamente”, e o caráter que imputamos ao indivíduo poderia ser encarado mais como uma imputação feita por um retrospecto em potencial – uma categorização “efetiva”, uma *identidade social virtual*. A categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir, serão chamados de sua *identidade social real*. (1963:12)

Neste quadro concetual, Goffman define *estigma* como um atributo que um dado indivíduo possui e o torna diferente, isto é, uma característica que o desloca para uma categoria indesejável:

¹⁶ Utilizaremos a edição “Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada” de 1998, traduzida para o português do Brasil pela Editora Guanabara.

Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem – e constitui uma discrepância entre a identidade social virtual e a identidade social real. (*ibidem*)

São três os tipos de *estigma*¹⁷ apresentados por Goffman que, segundo o autor, possuem, na sua essência, as mesmas características sociológicas, ou seja,

um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social quotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. (1963: 14)

Goffman observa ainda que «nem todos os atributos indesejáveis estão em questão, mas somente os que são incongruentes com o *estereótipo* que criamos para um determinado *tipo de indivíduo*» (1963:13).

Considerando este quadro conceitual, podemos estabelecer alguns paralelos entre as noções goffmanianas de *identidade social* e os conceitos teóricos, referidos no capítulo anterior, em torno do *ethos*. Em primeiro lugar, a noção de *identidade social virtual* assemelha-se à de *estereótipo* desenvolvida por Ruth Amossy (1991, 1994, 1997), visto que ambas tratam de representações coletivas que subsistem num dado imaginário social e constituem uma parte fundamental na construção e manutenção do *ethos*. Esta imagem prevista é essencial, uma vez que participa, como anteriormente referimos, tanto na construção do *ethos*, já que a imagem do locutor inclui sempre a imagem que o interlocutor poderá fazer dele (e esta é, muitas vezes, baseada em estereótipos e representações pré-existentes), como na sua reelaboração, pois o locutor que se vê inserido num estereótipo indesejável poderá tentar modificar o seu *ethos*. Em segundo lugar, a *identidade social real* poderá ser perspectivada como o *ethos* que o locutor constrói efetivamente de si nas suas interações sociais, ou seja, o *ethos* que é, consciente ou inconscientemente, construído pelo locutor.

Estabelecidos estes paralelismos, podemos observar como o conceito goffmaniano de *estigma* se torna pertinente para a análise em curso. Uma das nossas hipóteses fundamentais é que a divergência das imagens do protagonista presente na obra impulsiona o desenvolvimento da própria narrativa. Assim, o conceito de *estigma*,

¹⁷ O primeiro tipo refere-se às “abominações do corpo”, isto é, a defeitos físicos, como a cegueira ou a surdez; o segundo tipo trata de “culpas de caráter individual”, como por exemplo, perturbações mentais, registo criminal, dependência de substâncias; por fim, existem os estigmas “tribais, de raça, nação e religião” que podem ser transmitidos de geração em geração.

definido por Goffman (1963:12) como «a discrepância entre a identidade social virtual e a identidade social real», ou entre uma imagem estereotipada¹⁸ e a imagem que o locutor constrói efetivamente de si, constitui uma noção fundamental no nosso trabalho. O *estigma*, como atrás vimos, constitui um conceito de carácter social e, como tal, emerge do contacto social. Desta forma, será no âmbito das interações que encontraremos marcas da presença do *estigma*.

Segundo Kerbrat-Orecchioni (1990: 193), «toute interaction crée sur la suite un certain nombre de contraintes et un système d'attentes», ou seja, quando dois interlocutores se encontram num contexto interacional existe um conjunto de expectativas que regulam essa interação¹⁹. É precisamente a transgressão destas expectativas por parte do protagonista que se encontra na base do *ethos* de “estigmatizado”. Efetivamente, estamos perante uma *organização não preferencial*²⁰ das intervenções do protagonista.

¹⁸ De acordo com Goffman 1956:268 «During interaction, the individual is expected to possess certain attributes, capacities, and information which, taken together, fit together into a self that is at once coherently unified and appropriate for the occasion. Through the expressive implications of his stream of conduct, through mere participation itself, the individual effectively projects this acceptable self into the interaction, although he may not be aware of it, and the others may not be aware of having so interpreted his conduct. At the same time he must accept and honor the selves projected by the other participants».

¹⁹ Este conceito de «système d'attentes» (Kerbrat-Orecchioni, 1990: 193) encontra-se correlacionado com as «lois du discours» de O. Ducrot (1972) e com as «conversational maxims» de H. P. Grice (1975). Ducrot apresenta e desenvolve seis «lois du discours» (1972: 9) ou «lois de rhétoriques» (1972: 137, 201) que assentam no facto de que todo o ato de fala se encontrar inscrito num «cadre juridique et psychologique imposé» (1972: 8):

- *Loi d'exhaustivité*, o locutor deve fornecer sobre o tema «des renseignements les plus forts qu'il possède, et qui sont susceptibles d'intéresser le destinataire» (1972:134);
- *Loi d'informativité*, segundo a qual «toute énoncé A, s'il est présenté comme source d'information, induit le sous-entendu que le destinataire ignore A, ou même éventuellement, qu'il attendrait plutôt à non-A» (1972: 133);
- *Loi d'économie*, determina que toda a especificação introduzida num enunciado informativo deve ter um valor informativo (1972: 201);
- *Loi de lilote*, permite a interpretação de um enunciado como dizendo mais do que o seu significação literal (1972: 137);
- *Loi d'intérêt*, indica que o locutor «ne peut pas légitimement parler à autrui que de ce qui est censé l'intéresser» (1972: 9);
- *Loi d'enchaînement*, dita que num conjunto de enunciados A + B «le lien établi entre A et B ne concerne jamais ce qui est présumé mais seulement ce qui est posé par A et B» (1972 :81).

Grice (1975) defende que os participantes numa troca comunicativa regem-se segundo o princípio da cooperação, que o investigador define como «Make your contribution such as required, at the stage at which it occurs, by the accepted purpose or direction of the talk exchange in which you are engaged» (1975: 45). Este princípio assenta em quatro máximas conversacionais propostas por Grice, nomeadamente:

- *Maxim of Quality*, «Do not say what you believe to be false; Do not say that for which you lack adequate evidence» (1975: 46);
- *Maxim of Quantity*, «Make your contribution as informative as is required. Do not make your contribution more informative than is required» (1975: 45);
- *Maxim of Relation*, «Be relevant» (1975: 46);
- *Maxim of Manner*, «Avoid obscurity of expression; Avoid ambiguity; Be brief (avoid unnecessary prolixity); Be orderly» (1975: 46).

As leis do discurso ou as máximas conversacionais (podemos mencionar ainda os postulados de conversação de D. Gordon e G. Lakoff, 1973) reflectem um conjunto de expectativas que, como afirma Kerbrat-Orecchioni (1990), são criadas no contexto interacional.

²⁰ O conceito de *organização preferencial* das sequências discursivas (Sacks, 1973; Levinson, 1983; Pomerantz, 1984; Bilmes, 1988) desenvolve-se em torno da noção de *par adjacente* (ver nota de rodapé 26). Carapinha Rodrigues (1998: 102), recuperando Sacks (1973), afirma que a conceção de *preferência* advém de dois aspetos: «um

Uma das características que Kebrat-Orecchioni (1990:272) aponta para as sequências não preferenciais centra-se no facto de que «sont moins attendus que les “preferred”, et de ce fait, ils ont des conséquences interactionnelles plus fortes». Será, então, na análise das reações dos interlocutores às transgressões do protagonista, que observaremos a construção de um *ethos* de “estigmatizado” e, simultaneamente, as consequências sociais desta imagem.

Como temos vindo a afirmar, a construção do *ethos* é um processo complexo e que mobiliza dispositivos linguísticos e discursivos de natureza diversa que contribuem para a sua elaboração. Até ao momento, focámos a nossa análise, sobretudo, nos mecanismos linguísticos. Contudo, as interações verbais assentam fundamentalmente na multicanalidade. Por outras palavras, nas interações verbais, além da atividade discursiva ou verbal dos interlocutores, existem igualmente elementos não verbais que integram o discurso. J. Cosnier, que dedicou muitos dos seus trabalhos à comunicação verbal e aos gestos comunicativos (1984, 1989, 1996), afirma que:

On sait aussi que, comme le “canal verbal”, le “canal kinésique²¹” va être impliqué dans l’expression d’un “contenu” autrement dit dans une activité référentielle, mais peut-être plus encore dans la manifestation d’une «relation», autrement dit dans une activité «interactionnelle» [...] (1996 : 1)

Cosnier, no artigo supracitado, apresenta três funções principais dos gestos nas interações verbais²², das quais consideraremos apenas a terceira. A terceira função, proposta pelo investigador, relaciona-se com a empatia e com a comunicação afetiva. A comunicação afetiva compreende a comunicação emocional, referente a “manifestations spontanées des états internes”, (riso, choro, tremores) e a comunicação emotiva que

*princípio de ordem que esclarece que na situação apropriada se deve fazer ou dizer X, a não ser que tenhamos boas razões para não o fazermos ou dizermos e, neste caso, faremos ou diremos Y [...]. O outro aspeto a considerar é que este princípio de ordem constitui a base para inferências que os participantes na interação vão efectuar». Para Levinson (1983: 307, apud Kebrat-Orecchioni, 1990:272), «Not all the potential second parts to a first part of an adjacency pair are of equal standing: there is a ranking operating over the alternatives such that there is at least one preferred and one dispreferred category of response». Carapinha Rodrigues afirma ainda que o conceito de preferência é semelhante às noções de linguísticas de *termo marcado* e *termo não marcado* (Rodrigues, 1998:103). A cortesia linguística atualiza alguns destes pressupostos.*

²¹ Inclui elementos vocais e mimogestuais.

²² A primeira trata da “activité mimo-gestuelle” que se encontra ligada à “constitution de l’énoncé auquel elle s’intègre” (1996:2). Esta primeira função incorpora a “gestualité deictique ou désignante”, quer dizer, nos casos em que o gesto se encontra “prévue par la forme de l’expression verbale”, como é o caso dos demonstrativos; a “gestualité illustrative” através da qual uma ação ou um objeto é mimitizado em relação a um determinado espaço; por fim, existem ainda os gestos “quasi-linguistiques” que, segundo Cosnier, são “équivalents de parole et sont parfaitement conventionnalisés selon les cultures”. A segunda função prende-se com a coordenação interacional, ligada essencialmente ao sistema de passagem e manutenção da palavra.

resulta de uma “elaboração secundária” que permite a apresentação controlada dos afetos sejam estes reais ou não.

É precisamente a função afetiva dos gestos que, na nossa análise, constituirá um dos mecanismos de construção do *ethos*. Como afirma Cosnier (1996:3), a problemática da comunicação afetiva aponta para a quarta das “questions de parler²³”: “Qu’est-ce qu’il en pense?”. Ou seja, o que é que o interlocutor acha do que o locutor diz e do que faz, ou melhor, qual é a imagem que o interlocutor cria do locutor através do seu discurso. Com efeito, elementos não verbais, como o olhar, mímicas faciais, a postura, entre outros, podem constituir indícios, não só de uma relação, mas igualmente de um *ethos*. No episódio do funeral, Meursault apresenta determinados comportamentos que vão contra as normas sociais deste ritual, como por exemplo, tomar café (“Nous avons tous pris du café” [21]), dormir (“j’ai somnolé un peu” [18]), fumar durante o velório (“j’ai offert une cigarette au concierge et nous avons fumé” [17]) e recusar-se a ver o corpo da defunta. Dado o contexto fúnebre e o grau de parentesco próximo que o protagonista partilha com a morta, as transgressões de Meursault relativamente às expectativas sociais serão interpretadas pelos seus interlocutores como índices de ausência de afetividade. De facto, a divergência entre a imagem prevista nesta situação, o estereótipo de “filho enlutado”, especialmente, no que diz respeito ao estado emocional, e a imagem de “insensibilidade” que Meursault constrói de si mesmo dá origem a um *ethos* de “estigmatizado”. Na verdade, a “insensibilidade” de Meursault constitui o elemento nuclear do *ethos* de “estigmatizado”, quer dizer, constitui o atributo que o torna diferente. Esta “deformidade” de Meursault, a ausência de marcas de uma dimensão afetiva, deixa os seus interlocutores efetivamente “sem palavras” (“il s’est tu” [28], “il s’est interrompu” [14]).

Em relação a esta questão, é importante considerar o tipo de organização que caracteriza as interações em que o protagonista participa: trocas simples marcadas por duas intervenções, uma iniciativa, outra reativa, seguida do que podemos considerar uma intervenção avaliativa de carácter não verbal. O esquema abaixo mostra o lugar aí ocupado pelos interlocutores:

Locutor X: intervenção iniciativa (geralmente, um ato de pergunta)

Meursault: intervenção reativa não preferencial (onde se encontra a transgressão)

²³ Sendo as três primeiras, de acordo com Cosnier (1996 :3), «– Est-ce qu’on m’entend? – Est-ce qu’on m’écoute ? – Est-ce qu’on me comprend ?».

...

Locutor X: intervenção avaliativa²⁴ não-verbal, podendo ser acompanhada por elementos verbais

Assim, passaremos a analisar os gestos comunicativos que, no contexto das interações sociais em que Meursault participa, constituem elementos significativos na construção do *ethos* de “estigmatizado”.

A importância e a função do contacto ocular constituem uma problemática controversa entre os investigadores da comunicação verbal. Segundo Kerbrat-Orecchioni (1992:42), a teoria clássica (apresentada por Argyle & Dean, 1965) sustenta que quanto maior é o grau de proximidade dos interlocutores maior será o número de contactos oculares; esta teoria é contestada por investigadores, como Swain *et al* (1982), que defendem que quanto maior for a distância entre os interlocutores, maior é a sua necessidade de “s’assurer des réactions d’autrui” (Kerbrat-Orecchioni, 1980:43).

Assim, dependendo da teoria, o contacto ocular pode aumentar em relações de proximidade ou aumentar em relações de distância, atendendo, claro, a funções diferentes. Deste modo, é importante ter em consideração o contexto, de forma a analisarmos a função do aumento ou da diminuição dos contactos oculares durante a interação²⁵.

Neste excerto, encontramos, em primeiro lugar, um par adjacente²⁶ do tipo “proposta/recusa” cuja concretização se realiza no domínio do não-verbal:

²⁴ A propósito do par adjacente “pergunta/resposta”, Kerbrat-Orecchioni (1990: 236) afirma que «*Pour Roulet, telle n’est pas pourtant la structure la plus “normale” d’un échange débutant par une question. Pour être complet, un tel échange doit présenter l’organisation suivante :*

L1 – “*Où cours-tu comme ça?*” : *intervention initiative*

L2 – “*Au cinéma*” : *intervention réactive*

L1 - “*Ah au ciné!*” : *intervention “évaluative”*»

Embora, a investigadora constate que «Le terme d’évaluation ne doit pas être pris dans son sens usuel: il désigne simplement le troisième temps de l’échange, par lequel L1 clôt cet échange qu’il a lui-même ouvert, en signalant à L2 qu’il a bien enregistré son intervention réactive, et qu’il la juge satisfaisante» nas interações que analizaremos em seguida, a terceira intervenção comporta efetivamente uma componente avaliativa situada na esfera do “negativo”.

²⁵ Na verdade, são sobretudo questões culturais que devem ser consideradas.

²⁶ O conceito de *par adjacente*, introduzido por Sacks e Schegloff (1974), é uma noção central no âmbito da Análise Conversacional, uma vez que constitui a unidade interacional mínima que compõe qualquer interação verbal. Servem de exemplo os pares pergunta – resposta, convite – aceitação/rejeição, saudação – saudação, ou ainda, felicitação – agradecimento (Sacks *et al.*, 1974: 211-12. Carapinha Rodrigues (1998) sintetiza este conceito da seguinte forma: “O par adjacente é definido com sendo, portanto, a entidade interactiva mínima que compõe qualquer conversação, englobando-se nesta designação todos os tipos de interação verbal, espontânea ou institucionalizada. Sacks e Schegloff (*apud* Carapinha Rodrigues, 1998: 92) caracterizam os *pares adjacentes* da seguinte forma: 1) são adjacentes; 2) são produzidos por falantes/participantes diferentes; 3) estão ordenados numa primeira e numa segunda parte; 4) estão de tão modo estandardizados que uma primeira parte requer uma determinada segunda, ou, pelo menos, uma no seio de um conjunto de possíveis segundas. (...)”. A organização sequencial dos *pares adjacentes* encontra-se de tal forma padronizada que dado o primeiro, o segundo é expectável. Como tal, constituindo, por exemplo, o ato de “pedido” a primeira parte do *par adjacente*, a segunda parte desse par poderá ser um ato de “recusa” ou, então, um ato de “aceitação/colaboração”. A noção de *par adjacente* permite, de acordo Sacks e Schegloff (1974), verificar se a compreensão é alcançada entre os participantes durante a interação: «*What two utterances, produced by different speakers, can do that one utterance cannot do is: by an adjacently positioned second, a speaker can show that he understood what a prior aimed at, and that he is willing to go along with that.*

(1) À ce moment, le concierge est entré derrière mon dos. Il avait dû courir. Il a bégayé un peu : «On l’a couverte, mais je dois dévisser la bière pour que vous puissiez la voir». **Il s’approchait de la bière quand je l’ai arrêté.** Il m’a dit: «**Vous ne voulez pas?**» **J’ai répondu: «Non.»** Il s’est interrompu et j’étais gêné parce que je sentais que je n’aurais pas dû dire cela. Au bout d’un moment, **il m’a regardé et il m’a demandé : «Pourquoi ?»**²⁷ mais sans reproche, comme s’il s’informait. J’ai dit : «Je ne sais pas.» Alors tortillant sa moustache blanche, **il a déclaré sans me regarder : «Je comprends.»** [14]

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (1990: 134), «La notion de “paire adjacente” peut également s’appliquer à des couples d’actes verbaux ou non verbaux». Assim, estamos perante um ato iniciativo de proposta (“Il s’approchait de la bière”) e um ato reativo de recusa (“je l’ai arrêté”). O ato de recusa encontra-se marcado como não preferencial, especialmente, no contexto fúnebre, uma vez que, estando o ato de ver o corpo de um familiar previsto nas expectativas sociais do ritual lutuoso, a recusa de Meursault constitui uma anomalia em relação a estas normas. Ligando à teoria de Cosnier que apresentámos anteriormente, estamos perante um caso de comunicação afetiva por privação, e por isso, a recusa de Meursault virá a ser interpretada como uma marca de ausência de afetividade em relação à mãe. A primeira troca verbal encontra-se na sequência do conflito introduzido pelo ato de recusa. O par adjacente que constitui esta troca é composto por um pedido de confirmação da recusa²⁸ (“Vous ne voulez pas?”) e pelo ato de confirmação (“Non.”). Este pedido de confirmação surge como uma intervenção reativa ao ato de recusa de Meursault, na medida em que este último constitui uma sequência não preferencial. Uma outra questão está relacionada com as sequências não preferenciais que, segundo Kerbrat-Orecchioni (1990: 272), são mais elaboradas que as dos encadeamentos não marcados, porque

Also, by virtue of the occurrence of an adjacently produced second, the doer of a first can see that what he intended was indeed understood, and that it was or not accepted. Also, of course, a second can assert his failure to understand, or disagreement, and inspection of a second by a first can allow the first speaker to see that while the second thought he understood, indeed he misunderstood». (apud Hutchby & Wooffitt, 2003: 40).

²⁷ Os negritos presentes nos excertos da obra são da nossa responsabilidade.

²⁸ Neste contexto, ato de pergunta constitui uma *pergunta orientada*, tal como é definido por Carapinha (1998: 52), «*perguntas directas de tipo total que, contrariando a sua aparente vocação de pedidos de informação, não visam buscar o valor de verdade da proposição subjacente a elas, mas antes orientar o seu receptor no sentido de este confirmar o valor de verdade que o locutor fez passar na sua pergunta; são orientadas precisamente porque desejam que L2 admita o ponto de vista de L1.*»

Elle[s] s'accompagne[nt] généralement de certaines précautions rituelles (“pré”, excuses, justifications, formulation indirecte, adoucisseurs divers), c'est-à-dire que les enchaînements “non préférés” sont plus “coûteux” linguistiquement (ils consomment davantage de matériel signifiant), mais aussi sans doute cognitivement, et psychologiquement.

Contudo, a resposta do protagonista não apresenta qualquer tipo de “précautions rituelles”: a ausência de justificação aponta precisamente para uma falta de “esforço” psicológico e, como tal, sugere uma ausência afetiva. Por outro lado, as respostas de Meursault são demasiado curtas, (geralmente constituídas por um ou dois lexemas) insuficientes para incitarem a continuação da conversação. Uma vez que a recusa constitui um ato não preferencial e não existem marcas linguísticas ou não linguísticas de atenuação, a segunda troca verbal é iniciada por um pedido de explicação (“Pourquoi?”). O ato de pergunta²⁹ é introduzido pelo verbo marcador de discurso relatado “demander” que é acompanhado por um gesto comunicativo (“il m’a regardé”). O contacto ocular e o ato de pergunta estabelecem, assim, uma relação de complementaridade. O conflito introduzido pelo ato de recusa não verbal provoca um desvio das possíveis reações expectáveis no curso da interação, tornando-a menos previsível. Como tal, o contacto ocular constitui uma reação a este conflito, agravado pelo facto de o diálogo ocorrer entre dois estranhos. Ora para Kerbrat-Orecchioni (1992:43) «Plus les locuteurs sont étrangers l’un à l’autre, et plus ils ont besoin de s’assurer des réactions d’autrui, pour en quelque sorte compenser l’incertitude que crée cette méconnaissance». Por outras palavras, a imprevisibilidade da recusa obriga o interlocutor a um esforço acrescido na manutenção da interação, uma vez que o curso previsto da interação é interrompido.

A pergunta “Pourquoi?” implica que a resposta seja um ato de explicação. Contudo, a resposta não cumpre esta expectativa, constituindo, desta forma, outro ato não preferencial. A modalidade epistémica de “desconhecimento”, presente através do uso do verbo “savoir” na negativa, no contexto particular do funeral e na sequência dos pares adjacentes precedentes deslocam este valor epistémico de “desconhecimento” para um plano afetivo-axiológico. Isto é, a recusa em cumprir as expectativas normativas do ritual, aliada à ausência de uma explicação provoca a transferência do valor epistémico de “desconhecimento” do contexto do par adjacente para uma

²⁹ Para uma tipologia da sequência discursiva *pergunta-resposta* ver a proposta de Carapinha Rodrigues (1998) ou de Kerbrat-Orecchioni (1991).

dimensão afetiva: são os sentimentos de Meursault em relação à sua mãe que se esvaziam de certeza.

Assim, o valor do contacto ocular expresso no sintagma “sans me regarder” difere daquele que apresentámos para a expressão “il m’a regardé”: a relação entre o enunciado e o contacto ocular já não é de complementaridade. Embora, o enunciado “Je comprends” seja indicativo de uma relação de solidariedade, a ausência (ou mesmo o evitamento) de contacto ocular constitui uma manifestação de distância: o locutor distancia-se da relação interlocutiva. Neste movimento de distanciação há uma recusa de *adesão*, no sentido que Maingueneau³⁰ (1999) lhe confere, a um “univers de sens” que difere do seu.

A intensidade articulatória, tal como o contacto ocular, constitui um elemento importante no que diz respeito à manifestação do tipo de relação interpessoal na qual os interlocutores participam. Kerbrat-Orecchioni (1992 : 43) dá o exemplo dos sussurros e de «ce que les phonéticiens appellent “la voix de la proximité”» que se encontram associados a uma relação de intimidade. M. Grosjean (1991), (*apud* Kerbrat-Orecchioni, 1992:43) por seu turno, concluiu, através das suas experiências, que a voz desempenha um papel fundamental na marcação da distância social:

Principal système de communication à distance (...), la voix serait ainsi un signe fondamental du lien, en ce qu’il apparaît être le support idéal pour traduire par homologie notre distance psychologique et sociale à l’autre.

Com efeito, a intensidade articulatória pode constituir um indício de proximidade ou distância dos interlocutores durante a interação.

Como podemos observar, a temática deste excerto encontra-se na sequência da do excerto (1):

(2) «Voulez-vous auparavant voir votre mère une dernière fois ?» J’ai dit non. Il [le directeur] a ordonné dans le téléphone **en baissant la voix** : «Figeac, dites aux hommes qu’ils peuvent aller.» [23]

A problemática é retomada através de outro par adjacente do tipo “pergunta/resposta”, (« Voulez-vous auparavant voir votre mère une dernière fois ?» / «Non.»), mas desta

³⁰ «Le texte n’est pas destiné à être contemplé, il est énonciation tendue vers un co-énonciateur qu’il faut mobiliser pour le faire adhérer “physiquement” à un certain univers de sens. Le pouvoir de persuasion d’un discours tient pour une partie au fait qu’il amène le lecteur à s’identifier à la mise en mouvement d’un corps investi de valeurs historiquement spécifiées.» (Maingueneau, 1999: 80).

vez com um interlocutor diferente. Este excerto, contudo, deve ser analisado à luz do precedente, uma vez que a pergunta vem no seguimento do ato de recusa anterior. Esta permite a possibilidade de reconciliação com as normas e adquire um caráter de urgência através da utilização do sintagma “une dernière fois”. Ou seja, existe ainda a oportunidade de cumprir a norma, de reparar os danos causados à imagem do protagonista pela recusa inicial e, por conseguinte, reintegrar-se na imagem estereotipada do filho enlutado. A recusa final do protagonista vai consolidar a imagem “desviante” criada na interação precedente.

O sintagma “en baissant la voix”, que acompanha o verbo introdutor de discurso relatado “ordonner”, constitui uma marca de distanciação social, bem como, psicológica: a recusa em ver o corpo da mãe é tratada como um assunto interdito ou tabu. A redução do tom de voz por parte do interlocutor poderá também constituir uma tentativa de impedir que qualquer outro membro da microssociedade, composta pelos residentes e pelos trabalhadores do lar, tenha conhecimento do assunto, e, desta forma, colocar Meursault fora da interação verbal; ou, a um nível mais particular, poderá constituir um mecanismo de distanciação afetiva do próprio enunciado. Ou seja, o movimento de distanciamento ocorre em dois níveis diferentes: um distanciamento relativamente ao objeto do discurso e um distanciamento relativamente aos outros.

Num contexto interacional, o silêncio possui um papel preponderante e pode desempenhar diferentes funções. Michal Ephratt (2008: 1911) afirma, a propósito do trabalho de Bilmes (1994), que

Bilmes (1994) adheres to his view that “where the rule is ‘Speak’, not speaking is communicative” (78), writing that “conversational silence is the absence of talk (or of particular kinds of talk) where talk might relevantly occur” (79).

Ou, por outras palavras, numa interação social, o silêncio pode desempenhar uma função comunicativa. Dennis Kurzon (2007: 1675) recupera a distinção, desenvolvida em trabalhos anteriores (1998), entre *silêncio intencional (intentional silence)* e *silêncio não intencional (unintentional silence)*³¹. Tendo em consideração esta distinção, existem, no excerto seguinte, dois tipos de silêncio distintos:

³¹ “We may compare several of them, for example, meanings (3) and (4): “the person is carefully pondering exactly what to say next” seems to be a case of intentional silence, while “the silence may simply reflect the person’s normal rate of thinking” is unintentional. The same may be said for meanings (16) and (17): cf. “the person’s silence reflects concern for not saying anything to hurt another person” – intentional, and “the person is daydreaming or preoccupied with other matters” – unintentional.” (Kurzon, 2007: 1675)

(3) Il s’approchait de la bière quand je l’ai arrêté. Il m’a dit: «Vous ne voulez pas?» J’ai répondu: «Non.» **Il s’est interrompu** et j’étais gêné parce que je sentais que je n’aurais pas dû dire cela. **Au bout d’un moment**, il m’a regardé et il m’a demandé : «Pourquoi ?» mais sans reproche, comme s’il s’informait. [14]

No que diz respeito ao primeiro (“il s’est interrompu”), podemos classificá-lo como um silêncio não intencional, na medida em que constitui uma reação espontânea à intervenção de Meursault. Como atrás observámos, a recusa de Meursault em ver a mãe é, no contexto fúnebre, uma reação não preferencial que se liga a índices de ausência de afetividade. Segundo Kurzon (2007), Berger (2004) conclui, como resultado de um trabalho experimental³², que uma das principais causas do silêncio³³ se centra na tomada de conhecimento de “unexpected information/ deviant behaviour” (Kurzon, 2007: 1675). Como atrás referimos, a reação não preferencial de Meursault introduz na interação um comportamento “desviante”; por conseguinte, o reação do porteiro integra-se nas conclusões de Berger (2004).

Relativamente ao segundo (“au bout d’un moment”), podemos inseri-lo na categoria dos *silêncios intencionais*. Johannesen (1974: 29 *apud* Kurzon, 2007: 1674) apresenta um elenco de vinte possíveis significados do silêncio³⁴, de entre os quais, o terceiro “The person is carefully pondering exactly what to say next” parece coadunar-se com o tipo de silêncio em análise. Visto que a imprevisibilidade da recusa de Meursault obriga, como vimos atrás, a um esforço adicional na manutenção da interação, o silêncio constitui, neste caso, uma marca desse esforço acrescido.

³² A pesquisa de Berger (2004) centra-se nos resultados de questionários preenchidos por estudantes dos 19 aos 29 anos, nos quais o investigador pediu aos informantes que recordassem a última situação de silêncio. (Kurzon, 2007: 1675)

³³ Segundo Kurzon (2007), além desta, Berger (2004) apresenta ainda «stress, extreme emotions or nervousness» e «lack of information and knowledge about topic» como causas possíveis do silêncio. (Kurzon, 2007: 1675)

³⁴ « (1) The person lacks sufficient information to talk on the topic. (2) The person feels no sense of urgency about talking. (3) The person is carefully pondering exactly what to say next. (4) The silence may simply reflect the person’s normal rate of thinking. (5) The person is avoiding discussion of a controversial or sensitive issue out of fear. (6) The silence expresses agreement. (7) The silence expresse[s] disagreement. (8) The person is doubtful or indecisive. (9) The person is bored. (10) The person is uncertain of someone else’s meaning. (11) The person is in awe, or raptly attentive, or emotionally overcome. (12) The person is snooty or impolite. (13) The person’s silence is a means of punishing others, of annihilating others symbolically by excluding them from verbal communication. (14) The person’s silence marks a characteristic personality disturbance. (15) The person feels inarticulate despite a desire to communicate; perhaps the topic lends itself more to intuitive sensing than to verbal discussion. (16) The person’s silence reflects concern for not saying anything to hurt another person. (17) The person is daydreaming or preoccupied with other matters. (18) The person uses silence to enhance his own isolation, independence, and sense of self-uniqueness. (19) The silence marks sulking anger. (20) The person’s silence reflects empathic exchange, the companionship of shared mood or insight». (Johannesen, 1974:29, *apud* Kurzon, 2007:1674)

- (4) Un peu après, il m'a demandé : «C'est votre mère qui est là ?» J'ai encore dit : «Oui – Elle était vieille ?» J'ai répondu : «Comme ça», parce que je ne savais pas le chiffre exact. **Ensuite, il s'est tu.** [28]

No excerto (4), o silêncio marca o fim da interação e comporta, como em seguida veremos, um juízo axiológico negativo. À semelhança dos excertos anteriores, é num par adjacente do tipo “pergunta/resposta” que o comportamento “desviante” de Meursault é introduzido: “Elle était vieille?”/ “Comme ça”. A intervenção reativa de Meursault encontra-se modalizada epistemicamente com o juízo de “desconhecimento”, pela expressão “comme ça”. Esta intervenção constitui, mais uma vez, uma reação não preferencial, já que o desconhecimento de um dado pessoal, como a idade, de um familiar próximo sugere um distanciamento ou uma ausência de afetividade.

Retomando a lista de Johannessen (1974: 29 *apud* Kurzon, 2007: 1674), podemos concluir que, no caso do empregado de cerimónias fúnebres, “The silence expresse(s) disagreement”. Entenderemos aqui desacordo como uma recusa de *adesão* (Maingueneau, 1999), ou seja, existe um movimento de distanciamento que culmina no fim da interação, ou melhor, na rejeição do prosseguimento da interação.

Os indícios corporais, como os gestos, a postura ou a orientação do corpo, podem constituir igualmente um meio de expressão de emoções, de juízos, de uma solidariedade entre os interlocutores ou de uma distância emocional. Antes de analisarmos o excerto (5) é importante contextualizá-lo no quadro temporal e narrativo da obra: o evento representado no excerto ocorre no dia seguinte ao funeral, quando o protagonista encontra Marie Cardona, uma antiga funcionária da empresa em que trabalha, nas piscinas. Embora os eventos narrados no excerto tomem lugar fora do contexto que nos propusemos analisar de momento, consideramos que a temática e a proximidade temporal entre os eventos justificam a sua inclusão. Consideremos, então, o seguinte excerto:

- (5) Quand nous nous sommes rhabillés, elle a eu l'air très surprise de me voir avec une cravate noire et elle m'a demandé si j'étais en deuil. Je lui ai dit que maman était morte. Comme elle voulait savoir depuis quand, j'ai répondu: «Depuis hier.» **Elle a eu un petit recul,** mais n'a fait aucune remarque. [33]

Neste excerto, encontramos mais uma vez um elemento não-verbal, nomeadamente o vestuário (“avec une cravate noire”), como instigador da troca verbal. O vestuário de cor preta de Meursault, marca na sociedade ocidental de um estado de luto, provoca uma reação de surpresa em Marie (“elle a eu l’air très surprise”). Esta surpresa advém da discrepância entre o contexto recreativo em que os interlocutores se encontram inseridos e a disposição emocional que o estado de luto pressupõe. Desta forma, a reação de Marie conduz a um ato reativo/iniciativo de “pergunta” (“elle m’a demandé si j’étais en deuil”). A resposta afirmativa de Meursault desencadeia a segunda troca verbal constituída igualmente por um par adjacente do tipo “pergunta/resposta”. Este par adjacente introduz o conflito na interação, dado que apresenta os comportamentos “desviantes” de Meursault que estão na base do *ethos* de “estigmatizado”. Mais uma vez, estamos perante o confronto de duas imagens divergentes. Com efeito, na sociedade ocidental, uma pessoa em luto não se envolve em atividades lúdicas, como ir à piscina, nem inicia relacionamentos amorosos no período de luto, uma vez que o estado emocional “previsto” não se coaduna com o empreendimento de atividades recreativas. É precisamente a dissonância entre estado emocional previsto e estado emocional efetivo que constitui, neste caso, o comportamento “desviante” ligado ao estigma. O estado emocional estabelece-se como fator decisivo na construção do *ethos* de “estigmatizado”, na medida em que se as emoções apresentadas correspondessem às previstas (tristeza, angústia, dor), o estado emocional seria considerado como uma circunstância atenuante dos comportamentos anteriormente referidos. A sua ausência, pelo contrário, afirma-se como um fator agravante que exponencia o caráter “desviante” dos comportamentos.

O movimento de distanciação que observámos nos excertos anteriores adquire, neste caso, uma corporalidade, uma manifestação física. O sintagma “petit recul” circunscreve em si a expressão de uma reação corporal cujo caráter espontâneo é indicativo de uma emoção primária: a surpresa, ou até mesmo, a repulsa. Marie Cardona participa, por associação, no comportamento “desviante” do protagonista. De acordo com Goffman (1963:49), as pessoas que se associam a estigmatizados sofrem, até certa medida, desse mesmo estigma. No capítulo 3, veremos como a participação de Marie nas atividades “desviantes” de Meursault, nomeadamente, ir à piscina, ver um filme cómico no cinema, iniciar uma relação de cariz sexual no dia seguinte ao funeral, afetará negativamente a imagem de Marie perante a sociedade.

2.2 *Ethos* de “insegurança”

Na secção anterior, focamos as interações sociais em que o conflito *doxal* é observável e, mais concretamente, as reações dos interlocutores e a consequente imagem do protagonista que emerge delas. Situamo-nos, assim, no domínio do *ethos* heteroconstruído, isto é, a imagem que os outros constroem de Meursault. Em seguida, analisaremos as marcas deste conflito *doxal* na perspetiva de Meursault, ou seja, procuraremos observar em que medida este conflito se encontra presente na voz do protagonista e quais são os mecanismos usados para o expressar. Assim, centrar-nos-emos no plano do metadiscurso, ou seja, dos comentários que o protagonista faz ao seu próprio discurso e procuraremos analisar os dispositivos de subjetividade da linguagem que participam na elaboração de uma imagem autoconstruída de Meursault. Ou, por outras palavras, analisaremos a construção do ponto de vista, relativamente ao funeral atualizado por Meursault e a imagem que dele emerge.

Pretendemos mostrar que os mecanismos postos em funcionamento pelo protagonista no seu discurso sugerem a construção de um *ethos* de “insegurança”. Defenderemos que este *ethos* de “insegurança” surge na sequência de interações que, pela reação negativa dos interlocutores, provocam um embaraço social em Meursault. Ou seja, o *ethos* de “insegurança” (autoconstruído) articula-se com o *ethos* de “estigmatizado”. Na perspetiva de Meursault, ou seja, no âmbito dos comentários metadiscursivos que acompanham o relato destas interações, a perceção da reação negativa dos seus interlocutores conduz ao desconforto social, isto é, a perceção da divergência entre a imagem socialmente expectável e a imagem efetivamente construída. Nas palavras de Goffman (1956:269), «At such times, embarrassment, especially the mild kind, clearly shows itself to be located not in the individual but in the social system wherein he has his several selves». Assim, o desconforto social encontra-se na base de um *ethos* de “insegurança” relativamente ao sistema de valores partilhado pela comunidade. Este *ethos* de “insegurança” encontra-se presente no discurso do protagonista através de um desdobramento enunciativo desencadeado pela modalidade deôntica, ou, por outras palavras, existe uma confluência de “vozes” distintas de que Meursault é responsável e refletem o conflito provocado pela insegurança. Serve a reflexão de Goffman (1956: 270) como ilustração deste desdobramento.

Because of possessing multiple selves the individual may find he is required both to be present and to not be present on certain occasions. Embarrassment ensues: the individual finds himself being torn apart, however gently. Corresponding to the oscillation of his conduct is the oscillation of his self.

Em seguida, observaremos, nos comentários metadiscursivos do protagonista como a oscilação da conduta, isto é, a incerteza que Meursault revela relativamente à adequação ou aceitabilidade social dos seus comportamentos, conduz à oscilação do “eu”. Para tal, iremos analisar, em primeiro lugar, a construção da modalidade deôntica enquanto desencadeador do desdobramento enunciativo e, em segundo lugar, a conceção negativa de Meursault relativamente às interações sociais como resultado de um *ethos* de “insegurança”.

2.2.1 Modalidades e desdobramento enunciativo

Como já mencionámos, os marcadores linguísticos da subjetividade na linguagem se podem inserir em diferentes categorias. Na presente análise, abordaremos, em primeiro lugar, a modalidade, mais concretamente, a modalidade deôntica expressa nos verbos “devoir” e “pouvoir”. A modalidade deôntica, como já referimos, prende-se com os valores de “obrigação” e “permissão”: o locutor age de modo a levar o interlocutor a comportar-se de uma determinada forma³⁵. A modalidade deôntica encontra-se igualmente ligada a valores axiológicos positivos ou negativos, com afirma Maria Helena Carreira (2004:700),

Le « vouloir », le « pouvoir » et le « devoir », orientés vers l'accomplissement d'une visée, d'un acte (dire, faire), sont fortement liés à la modalité axiologique (les valorisations positives et négatives). C'est ainsi que l'expression d'attitudes positives ou d'attitudes négatives relativement à une visée à atteindre, ou à ne pas atteindre, relève à la fois de la modalité axiologique et de la modalité déontique / factuelle, celle-là étant un des moyens de renforcer celle-ci, même si les procédés choisis atténuent l'injonction.

³⁵ A modalidade deôntica implica, segundo Maria Henriqueta Campos (1997: 159), uma “relação intersujeitos”. Nas palavras da investigadora: «*Subjacente à obrigação, é construída uma relação intersujeitos entre um sujeito deôntico 'Sd', fonte de obrigação, e um segundo sujeito que é o alvo da obrigação. A fonte de obrigação identifica-se, geralmente, com o enunciador-locutor, e o alvo da obrigação com o coenunciador-interlocutor (a referência ao interlocutor é indispensável visto que, em condições normais, a construção de uma obrigação exige a presença de dois pólos enunciativos separados – locutor e interlocutor – e não apenas separáveis)*». (1997: 170)

Assim, estamos perante uma relação intersujeitos que envolve um juízo do tipo “errado/certo” ou “bom/mau” imputado pela fonte de autoridade³⁶. Antes de procedermos à análise dos excertos é essencial definirmos o sujeito que é fonte de obrigação e o sujeito que é alvo da mesma. Tendo em consideração que a modalidade deôntica implica uma relação de domínio entre os sujeitos, importa verificar se o tipo de relação estabelecida entre os interlocutores é um dado preponderante na identificação da fonte de autoridade, ou, por outras palavras, se os interlocutores das interações em que Meursault participa constituem a fonte de autoridade. Nos excertos que analisaremos de seguida, os interlocutores são o patrão de Meursault e o porteiro do lar em que a mãe do protagonista se encontrava. Relativamente ao primeiro, a relação patrão/ funcionário, dada a própria hierarquia institucional, possui um carácter inerentemente assimétrico. Ou, por outras palavras, os interlocutores encontram-se, segundo Kerbrat-Orecchioni (1992: 71), “placés en un lieu différent sur cette axe verticale invisible qui structure leur relation interpersonnelle”. Assim, tendo em consideração a superioridade hierárquica do lugar ocupado pelo patrão em relação ao protagonista, poderíamos concluir que o sujeito fonte de obrigação se assimila à figura do patrão. Devemos, contudo, comparar a relação entre Meursault e o patrão com a relação entre Meursault e o porteiro. Neste caso, estamos perante uma relação que se situa também no eixo da verticalidade, contudo, a posição de Meursault é invertida, pois, enquanto na relação com o patrão o protagonista se encontra numa posição baixa, ou na terminologia de Kerbrat-Orecchioni (1992), de “dominé”, na relação com o porteiro, Meursault encontra-se numa posição alta, de “dominant”, na medida em que o porteiro desempenha, ao nível institucional, uma função servil. A ausência de um sistema hierárquico que estruture esta relação, leva-nos a concluir que o tipo de relação partilhada pelos interlocutores não constitui um fator determinante na identificação do sujeito fonte de obrigação. Ou seja, nem o patrão nem o porteiro constituem a fonte de autoridade convocada pela modalidade deôntica presente nos comentários metadiscursivos de Meursault.

Como anteriormente referimos, a reação negativa dos interlocutores às intervenções do protagonista decorre de uma divergência *doxal* ao nível dos comportamentos esperados

³⁶ Serve de ilustração o caso das leis. Imagine-se uma situação em que, estando perante um sinal que diz “Proibido fumar”, um indivíduo encontra-se a fumar. A lei, expressa no sinal, constitui a fonte de autoridade, enquanto o indivíduo constitui o alvo de obrigação. Uma vez que o último se encontra em transgressão, existe, relativamente à lei, um juízo do tipo “errado” no que diz respeito ao ato praticado pelo indivíduo e, por conseguinte, serão postas em práticas medidas punitivas. Tal também é o caso dos pais que dizem ao filho “Não podes comer doces antes do jantar”. Aqui a fonte de autoridade assimila-se aos pais, enquanto o alvo de obrigação é constituído pelo filho. Deste modo, existe uma fonte de autoridade que regula e avalia positivamente ou negativamente as ações do alvo de obrigação.

e dos efetivamente realizados. Uma vez que a modalidade presente nos comentários do protagonista com um valor deôntico ocorre no seguimento de uma reação negativa por parte do interlocutor, acreditamos que o sujeito fonte de obrigação se assimila a uma projeção de Meursault dos valores *doxais* vigentes naquela época e naquela sociedade. Quer dizer, é o ponto de vista atualizado por Meursault dos valores socioculturais e as crenças partilhadas pela comunidade que se afirma como sujeito fonte de obrigação e constitui o ponto de referência que regula o que é ou não permitido e o que deve ou não ser feito ou, neste caso, dito. Assim, é relativamente à sua percepção dos valores *doxais* que Meursault avalia as suas intervenções como “erradas” ou “desadequadas” ao contexto, ou seja, o protagonista constrói um juízo de valor negativo em relação às suas intervenções relativamente à sua perspectiva daquilo que é o sistema de valores partilhados pela comunidade.

Definida a fonte de autoridade, passemos à análise dos excertos. Na elaboração da modalidade deôntica, dois elementos são preponderantes: a construção negativa do verbo “devoir” e as categorias aspetuais e temporais do verbo.

(6) Il [le concierge] s’approchait de la bière quand je l’ai arrêté. Il m’a dit: «Vous ne voulez pas?» J’ai répondu: «Non.» Il s’est interrompu et **j’étais gêné parce que je sentais que je n’aurais pas dû dire cela.** [14]

A localização temporal do evento representativo no enunciado modalizado não corresponde ao momento da enunciação. Como estamos a tratar de discursos relatados é importante ter em conta a convergência de valores temporais distintos. Primeiramente, sabemos que o tempo da situação relatada é anterior ao momento da enunciação, como podemos observar pelo emprego das formas verbais no imperfeito (“j’étais” e “je sentais”). Mas a situação representada no enunciado é também posterior ao momento sobre o qual incide a reflexão. Ou, por outras palavras, o protagonista relata e comenta ações e eventos passados. Relativamente ao valor aspetual do verbo, o emprego do condicional marca a projeção de uma situação contrafactual que marca a impossibilidade da sua realização. Ao nível da organização estrutural da interação, o comentário metadiscursivo encontra-se na sequência da reação do porteiro (“Il s’est interrompu”). Como anteriormente referimos, o ato de recusa em ver o corpo da mãe é considerado, no contexto fúnebre, como uma reação não preferencial que se liga a índices de ausência de afetividade. Como tal, cria-se uma situação de embaraço social.

Recuperando as palavras de Goffman (1956:270), a oscilação na conduta, neste caso, a divergência entre o comportamento expectável e o comportamento realizado, conduz à oscilação do “eu” da qual decorre o comentário metadiscursivo modalizado (“et j’étais gêné parce que je sentais que je n’aurais pas dû dire cela”). Antes de mais, note-se a presença do marcador discursivo “et” com um duplo valor de sequencialização temporal e relação consecutiva entre os enunciados, isto é, entre a reação do porteiro e o embaraço social. O lexema “gêné” remete precisamente para a esfera do embaraço social cuja causa é introduzida pelo conector argumentativo “parce que” que apresenta um argumento explicativo. É neste argumento explicativo que se encontra presente o enunciado modalizado. A construção do verbo “devoir” desencadeia o desdobramento enunciativo. O locutor justifica o embaraço através de um movimento autoavaliativo. Há um distanciamento do locutor face ao dito, marcado num novo ponto de vista com valor metadiscursivo.

Da combinação do comentário modalizado e da localização temporal dos eventos relatados com valor de passado resulta a construção de um ato discursivo de “autocensura”. Considerando que a modalidade deôntica trata dos valores de “obrigação” e “permissão”, o não cumprimento ou o desrespeito destas normas implica uma componente avaliativa, que corresponde a um juízo axiológico negativo no eixo “correto/incorrecto” ou “bom/mau”. Por outras palavras, Meursault realiza um comentário avaliativo em relação à sua interação com o porteiro, atribuindo ao seu enunciado uma conotação negativa: neste contexto, sobre este assunto particular, o enunciado é perspectivado pelo protagonista como “incorrecto”. Estes comentários metadiscursivos são recorrentes. No excerto (7), encontramos igualmente uma situação de embaraço social decorrente de um enunciado não preferencial e da reação negativa do interlocutor.

(7) J’ai demandé deux jours de congé à mon patron et il ne pouvait pas me les refuser avec une excuse pareille. Mais il n’avait pas l’air content. Je lui ai même dit : «Ce n’est pas de ma faute.» Il n’a pas répondu. **J’ai pensé alors que je n’aurais pas dû dire cela.** En somme, je n’avais pas à m’excuser. C’était plutôt à lui de me présenter ses condoléances. [9/10]

O comentário de Meursault “Ce n’est pas de ma faute” dirigido ao patrão provoca, dado o tópico e o contexto, o silêncio do destinatário. Esta ausência de reação verbal é

perspetivada, à semelhança do excerto anterior, como um ato avaliativo por Meursault. Mais uma vez, o comentário metadiscursivo decorre da avaliação que Meursault faz do silêncio do seu interlocutor: o marcador discursivo “alors” com valor temporal e consecutivo estabelece uma relação de causalidade entre os dois enunciados (“J’ai pensé **alors** que je n’aurais pas dû dire cela”). Repete-se a estrutura anteriormente analisada: “je n’aurais pas dû dire cela”. Deste modo, encontramos novamente o estabelecimento de uma relação de “autocensura” entre o comportamento realizado e o comentário metadiscursivo. Este processo de “autocensura” de comportamentos passados revela uma oscilação do “eu”, na medida em que o “eu” que realiza os comportamentos “desviantes” não é o mesmo “eu” que os avalia posteriormente. Como propusemos, é deste desdobramento de Meursault que emerge o *ethos* de “insegurança”: os comentários metadiscursivos, na medida em que são posteriores ao momento de enunciação dos comportamentos “desviantes” e uma vez que comportam uma avaliação negativa, relevam uma insegurança relativamente à adequação destes comportamentos, ao nível dos valores *doxais*, ao contexto em que foram realizados. Ou, por outras palavras, temos um Meursault que, considerando os comportamentos socialmente aceitáveis, os realiza; por seu turno, temos um outro Meursault que se distancia destes comportamentos, na medida em que os considera “errados” ou “desadequados” ao contexto.

O mecanismo de construção dos atos de censura apresenta outras vertentes que o exemplo abaixo ilustra:

- (8) Quand nous nous sommes rhabillés, elle a eu l’air très surprise de me voir avec une cravate noire et elle m’a demandé si j’étais en deuil. Je lui ai dit que maman était morte. Comme elle voulait savoir depuis quand, j’ai répondu: «Depuis hier.» Elle a eu un petit recul, mais n’a fait aucune remarque. **J’ai eu envie de lui dire que ce n’était pas de ma faute, mais je me suis arrêté parce que j’ai pensé que je l’avais déjà dit à mon patron.** Cela ne signifiait rien. De toute façon, on est toujours un peu fautif. [33]

Este excerto estabelece uma relação intradiscursiva com o excerto (7), nomeadamente no que diz respeito ao movimento de “autocensura”, previamente descrito, que é evocado nos mesmos termos lexical e estruturalmente: “Ce n’est pas de ma faute” e “J’ai eu envie de lui dire que ce n’était pas de ma faute”. Antes de mais, observemos a

evolução da interação que conduz ao comentário metadiscursivo. Na troca verbal que precede o comentário é introduzido, como anteriormente mencionámos, o comportamento “desviante” de Meursault, designadamente, a realização de atividades lúdicas no dia seguinte ao funeral da mãe. A percepção da reação física de Marie (“elle a eu un petit recul”) que, como mostrámos, comporta uma componente avaliativa negativa, conduz ao comentário metadiscursivo (“J’ai eu envie de lui dire que ce n’était pas de ma faute, mais je me suis arrêté parce que j’ai pensé que je l’avais déjà dit à mon patron”). A expressão verbal “avoir envie” constitui um índice volitivo de justificação, isto é, o protagonista, ao observar a reação de Marie, sente o desejo ou a necessidade de se justificar³⁷, utilizando o mesmo argumento explicativo que anteriormente usara com o padrão (“Ce n’est pas de ma faute”), aqui relatado em discurso indireto (“ce n’était pas de ma faute”). Contudo, o conector “mais” introduz um contra-argumento forte para a não realização do ato de justificação. Este marcador discursivo permite o desdobramento enunciativo³⁸ do locutor em dois enunciadores: E₀ apresenta um argumento A (“J’ai eu envie de lui dire que ce n’était pas de ma faute”) para uma conclusão C “Apresentar a justificação: Não sou responsável pela situação”, enquanto E₁ apresenta um argumento B (“je me suis arrêté”) para uma conclusão não C “Não é importante apresentar uma justificação”. O locutor assimila-se a E₁. A causa que fundamenta a conclusão não C é apresentada através do conector “parce que” introdutor de um argumento explicativo. Este movimento explicativo evoca a reação negativa do padrão (“il n’a pas répondu”) e o movimento de “autocensura” posterior. Desta forma, a recuperação do comportamento passado é utilizada como argumento para uma nova “autocensura”. Neste caso, a “autocensura” não é posterior à realização do enunciado sobre o qual incide, mas impede a própria concretização do enunciado e é seguido de nova justificação “Cela ne signifiait rien”³⁹.

Mais uma vez, o desdobramento enunciativo, aqui desencadeado pelo conector “mais”, constitui uma marca da oscilação do “eu”, na medida em que são evocadas diferentes “vozes” argumentativas de Meursault. Esta multiplicidade de “vozes” ou de projeções de diferentes “eus” revela, como já referimos, um *ethos* de “insegurança”, uma vez que existe uma confluência de desejos, necessidades e movimentos argumentativos

³⁷ Abordaremos esta questão com maior detalhe no subcapítulo 2.2.2.

³⁸ Segundo conceção polifônica de Ducrot et al. (1980), o locutor ao enunciar o “A”, coloca em cena um enunciador E₀ que argumenta a favor de “A” para uma conclusão C; enquanto que a enunciação de “B” coloca em cena um enunciador E₁ que apresenta um argumento a favor de uma conclusão não-C. O locutor assimila-se a E₁, argumentando, desta forma, a favor de uma conclusão não-C.

³⁹ Esta imagem de “insegurança” é sistematicamente reconfigurada em “indiferença” (subcapítulo 2.3).

distintos. Ou, por outras palavras, a fragmentação de Meursault causada pelo embaraço social, que decorre da perceção da reacção negativa dos seus interlocutores às suas intervenções, mostra a existência de um conflito interno entre os desejos do protagonista e as expectativas *doxais*. Este conflito constitui uma marca de “insegurança” em relação ao que o protagonista acredita poder ou não fazer ou poder ou não dizer num determinado contexto relativamente às expectativas sociais das quais a reacção dos interlocutores é reflexo. Importa referir, contudo, que a autocensura nunca desencadeia uma reacção verbal: resume-se a uma constatação⁴⁰.

Na construção do *ethos* de “insegurança”, a dúvida em relação aos valores *doxais* constitui um elemento preponderante. Ao contrário dos excertos anteriores, o comentário metadiscursivo, que iremos analisar, não acompanha o relato de interação, mas insere-se num diálogo interno do protagonista.

(9) J'ai eu alors envie de fumer. **Mais j'ai hésité parce que je ne savais pas si je pouvais le faire devant maman.** J'ai réfléchi, cela n'avait aucune importance. J'ai offert une cigarette au concierge et nous avons fumé. [17]

Mais uma vez, marcado por uma estrutura de contraste, encontramos um conflito entre os desejos de Meursault, evocados pela expressão verbal “avoir envie”, e a projecção daquilo que ele acredita serem as expectativas sociais. Este conflito é introduzido pelo conector “mais” que desencadeia o desdobramento enunciativo: E_0 apresenta um argumento A (“J'ai eu alors envie de fumer”) para uma conclusão C “Fumar”, enquanto E_1 apresenta um argumento B (“J'ai hésité”) para uma conclusão não C “Não fumar”. O verbo “hesiter” apresenta não só o valor modal deontico, na medida em que evoca o valor de “permissão”, mas também a modalidade epistémica, no polo da “incerteza”. O marcador discursivo “parce que” introduz um argumento explicativo que fundamenta a conclusão não C “Não fumes”: a construção negativa do verbo “savoir” (“je ne savais pas”), com o valor epistémico de “desconhecimento” e o verbo “pouvoir” integrado na oração condicional (“si je pouvais”) com o valor deontico de “permissão” contribuem para reforçar o duplo valor modal do verbo “hésiter”. Assim, estamos perante uma componente avaliativa de carácter axiológico: fazer x é mau. Contudo, a combinação das modalidades epistémica com valor de “não certo” e deontica com valor de “permissão”

⁴⁰ Esta dimensão articula-se com um *ethos* de “indiferença” que analisaremos na secção 2.3.

sugere a presença de um grau de incerteza em relação à permissão para fazer x e, por conseguinte, incerteza em relação ao valor axiológico da realização de x. Assim, Meursault expressa dúvida no que diz respeito às normas e convenções que fazem parte da *doxa* vigente.

A análise do desdobramento enunciativo, desencadeado pelas estruturas em que a modalidade deôntica se encontra integrada, permitiu-nos observar uma fragmentação de Meursault ou, nos termos de Goffman (1956: 270), uma “oscillation of his self” que é um elemento constitutivo do *ethos* de “insegurança”. O mecanismo de “autocensura”, presente no relato das interações em que o protagonista participa, revela um processo de distanciamento de Meursault, enquanto comentador e relatador de eventos passados, do Meursault que realizou as ações relatadas. Tal distanciamento sugere, como já mencionamos, uma atitude de “insegurança” relativamente aos valores *doxais*, na medida em que o Meursault que realizou as ações acredita que estas são socialmente aceitáveis, enquanto o Meursault comentador avalia estes comportamentos como “errados” segundo as expectativas sociais. Desta forma, a presença de mecanismos linguísticos que apontam para a “dúvida” e para a “autocensura”, nomeadamente, a combinação da modalidade deôntica e da modalidade epistémica com valor de “desconhecimento”, revelam uma imagem de “insegurança” relativamente à *doxa*.

2.2.2 Perceção negativa das interações sociais

Dos comentários metadiscursivos de Meursault emerge, no nosso entendimento, uma perceção negativa das interações, quer dizer, podemos encontrar uma conceção negativa das interações em que o protagonista participa, visto que existe, ao nível lexical e dos atos de fala, a evocação de uma esfera de “julgamento” em que Meursault percebe os seus interlocutores como acusadores e se coloca, por conseguinte, numa posição defensiva.

A nosso ver, esta perceção negativa encontra-se diretamente relacionada com a construção de um *ethos* de “insegurança” relativamente aos valores *doxais* convocados no contexto fúnebre. Na medida em que encontramos presente no discurso de Meursault um desejo ou uma necessidade recorrente de justificar as suas ações tanto aos seus interlocutores como a si próprio, podemos associar esta imagem de “insegurança” a

índices de “culpa” no que diz respeito à mãe, ou seja, às expectativas *doxais* evocadas pelo estereótipo de “filho”.

O emprego ou a escolha de determinados lexemas marcam, como sabemos, a inscrição do locutor no seu enunciado e revela a construção de um determinado ponto de vista. Considere-se a tabela 1, onde incluímos lexemas inseridos nos comentários metadiscursivos de Meursault, mas também, por serem relevantes para a nossa análise, lexemas integrados em trocas verbais. Os excertos selecionados centram-se direta ou indiretamente em torno do episódio do funeral.

Lexema	Contexto
Reprocher Expliquer Justifier	Puis il m’a serré la main qu’il a gardée si longtemps que je ne savais trop comment la retirer. Il a consulté un dossier et m’a dit : «Mme Meursault est entrée ici il y a trois ans. Vous étiez son seul soutien.» J’ai cru qu’il me reprochait quelque chose et j’ai commencé à lui expliquer . Mais il m’a interrompu : «Vous n’avez pas à vous justifier , mon cher enfant. [...]» [11]
Juger	C’est à ce moment que je me suis aperçu qu’ils étaient tous assis en face de moi à dodeliner de la tête, autour du concierge. J’ai eu un moment l’impression ridicule qu’ils étaient là pour me juger . [19]

Começamos por explorar os verbos subjetivos. Para tal, servir-nos-emos da categorização apresentada por Kerbrat-Orecchioni (1980) para os lexemas portadores do traço [subjetivo]. No que diz respeito aos verbos subjetivos, a investigadora elenca três dimensões distintas: 1) “Qui porte le jugement évaluatif?”, podendo ser o locutor ou um agente do processo 2) “Sur quoi porte l’évaluation?”, neste caso, poderá ser sobre o próprio processo ou sobre o objeto do processo 3) “Quelle est la nature du jugement?”, o juízo poderá ser formulado em termos de “bom/mau” numa dimensão axiológica ou “verdadeiro/falso/incerto”, ao nível da modalização epistémica. Tendo em conta esta categorização, podemos agrupar o nosso *corpus* em duas categorias: 1) “verbes de blâme”, onde inserimos os verbos “justifier” e “expliquer” e 2) “verbes de jugement” onde colocamos “reprocher” e “juger”. A primeira categoria compreende os verbos que

representam um comportamento locutório e implicam uma avaliação axiológica. A segunda categoria pressupõe uma avaliação do tipo verdadeiro/falso/incerto.

Se atentarmos no enquadramento contextual dos verbos, podemos observar que as funções semânticas desempenhadas pelos argumentos associados ao predicador verbal constituem um elemento preponderante na construção do *ethos* de “insegurança”, designadamente, no que diz respeito ao domínio da agentividade e da passividade. Em relação aos verbos da primeira categoria (“verbes de blâme”), o verbo “expliquer” possui como “agente” Meursault, como podemos verificar pela conjugação do verbo na primeira pessoa do singular e pelo pronome pessoal “je” (“J’ai commencé à lui expliquer”), enquanto a função de “alvo” é atribuída ao diretor, referenciado anaforicamente através do pronome “lui”. Também no caso do verbo “justifier”, a função de “agente” é desempenhada pelo protagonista, como podemos averiguar pelo pronome “vous” que na intervenção do diretor se refere a Meursault (“Vous n’avez pas à vous justifier”). Os verbos “expliquer” e “justifier” implicam uma avaliação axiológica do tipo “mau” relativamente ao um objeto “y”, na fórmula “x explica/justifica y a z”. Nos excertos em que os verbos se encontram inseridos, o valor do objeto revela-se uma incógnita. Podemos associar este objeto avaliado negativamente a índices de “culpa” heteroatribuída, na perspetiva do protagonista. Ou, por outras palavras, existe um objeto “y” relacionado com Meursault que este acredita ser avaliado negativamente pelo diretor e que, por conseguinte, necessita de ser explicado/justificado. Os verbos “expliquer” e “justifier” são aqui usados com valores semânticos muito próximos, daí que o que Meursault apresenta como “explicação” seja retomado pelo diretor como “justificação”.

No que diz respeito aos verbos da segunda categoria (“verbes de jugement”), a função temática de “agente” é desempenhada, não por Meursault, mas, no caso de “reprocher” pelo diretor, referenciado pelo pronome “il” (“il me reprochait”) e, no caso de “juger”, pelos residentes do lar, referenciados pelo pronome “ils” (“ils étaient là pour me juger”). Por seu turno, a função de “alvo” é atribuída ao protagonista, referenciado anaforicamente pelo pronome acusativo “me” em ambos os casos. Os verbos “reprocher” e “juger” apontam semanticamente para uma avaliação axiológica do tipo “mau”: “x” crítica/julga “y” por “z”, em que “x” é o diretor/os residentes, “y” é o protagonista e “z” é o objeto avaliado negativamente. Desta forma, podemos verificar a atribuição da função de “agente” ao diretor e aos residentes em predicadores verbais que implicam uma avaliação axiológica negativa da parte do “agente” relativamente à

função de “alvo” que, em ambos os casos, é atribuída a Meursault. Existe, assim, a atribuição de um papel acusatório ao diretor e aos residentes.

É importante, contudo, termos em consideração o facto de estarmos a tratar da construção do ponto de vista atualizado por Meursault. Se atentarmos nos verbos que introduzem as frases nas quais estão integrados os verbos da segunda categoria (“J’ai cru qu’il me reprochait”, “J’ai eu un moment l’impression ridicule qu’ils étaient là pour me juger.”), podemos verificar que são, segundo Kerbrat-Orecchioni (1980:104), “verbes qui dénotent la façon dont un agent appréhende une réalité perceptive ou intellectuelle”. Com efeito, o verbo “croire” e a expressão verbal “avoir l’impression” funcionam como “indices de subjectivité, et signalent que l’impression perceptive est spécifique de l’individu qui la reçoit” (1980:105). A modalidade epistémica com valor de “incerteza” presente nestes sintagmas verbais aponta precisamente para o domínio da percepção. Assim, a atribuição de um papel acusatório ao diretor e aos residentes é da responsabilidade de Meursault. Ou, por outras palavras, é o protagonista que percebe o diretor e os residentes como acusadores e, por conseguinte, sente a necessidade de se justificar. Esta percepção é, no entanto, contradita. No caso do verbo “reprocher” é na voz do diretor que esta percepção é negada: “Vous n’avez pas à vous justifier”. Enquanto que no caso de “juger” é o próprio Meursault que nega esta percepção, num comentário metadiscursivo posterior ao evento relatado, pela adjetivação do substantivo “impression” com o adjetivo avaliativo “ridicule” que revela uma atitude de distanciamento do protagonista relativamente a esta perspetiva.

A atribuição de um papel acusatório ao diretor e aos residentes do lar, no qual a mãe do protagonista se encontrava, associa-se, como já mencionámos, a índices de “culpa” heteroatribuída, na percepção de Meursault, isto é, o protagonista acredita que o diretor e os residentes lhe atribuem a responsabilidade de algo considerado “errado”. No contexto do episódio fúnebre, podemos sugerir que o assunto avaliado como “errado” se encontra relacionado com a mãe do protagonista. Como estamos a tratar do ponto de vista construído por Meursault, estes índices de “culpa” heteroatribuída, que, como analisámos, são posteriormente contraditos, poderão decorrer de sentimentos de “culpa” de Meursault relativamente à mãe. Ou seja, a “culpa”, que Meursault acredita que o diretor e os residentes lhe imputam, poderá ser uma projeção da própria “culpa” do protagonista em relação à mãe.

Esta percepção negativa das interações sociais revela uma atitude de “insegurança” por parte de Meursault em relação aos seus comportamentos e, sobretudo, em relação à

imagem que acha que os outros constroem de si. Como se trata do episódio do funeral, esta imagem percebida pelo protagonista encontra-se ligada à sua relação com a mãe, ou seja, ao seu papel enquanto “filho”. Desta forma, existe uma imagem de “insegurança” que emerge de um receio em não cumprir aos olhos dos outros as expectativas sociais associadas ao estereótipo de “filho”. Ou, por outras palavras, Meursault acredita que os outros construíram uma imagem negativa de si relativamente à mãe, isto é, de “mau filho”. Na medida em que esta percepção é negada, estamos perante um *ethos* de “insegurança” que sobressai do cumprimento ou não das expectativas *doxais* convocadas pelo estereótipo de “filho”.

Considerando os mecanismos que temos vindo a explorar, bem como a análise que temos vindo a desenvolver, recuperaremos mais uma vez determinados excertos e procuraremos apresentar uma análise global destes, observando, especialmente, os atos de justificação inseridos nos comentários metadiscursivos do protagonista. Pretendemos mostrar que presença recorrente de atos de justificação decorre, a nosso ver, de uma percepção negativa das interações sociais, como aliás já foi avançado.

Antes de avançarmos, devemos, primeiro, introduzir alguns conceitos essenciais para a caracterização do ato de justificação. Segundo a obra *Dictionnaire d'analyse du discours* (Charaudeau & Maingueneau, 2002), o discurso explicativo «s'attache à caractériser la relation entre phénomène à expliquer (explanandum, M) et phénomène explicant (explanans, S)» (2002 : 251). Através destes conceitos, os autores distinguem três tipos de explicação: 1) explicação causal, que permite a previsão, 2) explicação funcional, ou seja, que apresenta as razões do funcionamento de determinado processo e 3) explicação intencional que trata dos motivos que levam à realização de dado ato. Relativamente à estrutura e aos componentes do discurso explicativo, os investigadores afirmam

L'explication est désignée comme une séquence interactionnelle tendant à la dispute dans «L₁ et L₂ s'expliquent (au sujet de M)». C'est une séquence interactionnelle conceptuelle dans «L₁ explique M à L₂». C'est une séquence monologique conceptuelle avec effacement des traces d'énonciation dans «S explique M (M s'explique par S)». Le tout se combine : «L₁ affirme à L₂ que S explique M». (2002 : 251)

Vejamos, agora, os excertos, procurando identificar o *explanandum* e o *explanans* e tentando demonstrar em que medida a relação entre estes conceitos é relevante na construção de um *ethos* de “insegurança”.

(10) J'ai demandé deux jours de congé à mon patron et il ne pouvait pas me les refuser avec une excuse pareille. Mais il n'avait pas l'air content. Je lui ai même dit : «Ce n'est pas de ma faute.» Il n'a pas répondu. J'ai pensé alors que je n'aurais pas dû dire cela. **En somme, je n'avais pas à m'excuser. C'était plutôt à lui de me présenter ses condoléances.** [9/10]

No excerto (10), é de sublinhar, antes de mais, a orientação argumentativa que estrutura o discurso do protagonista: Meursault constrói um discurso explicativo, mais do que narrativo. Atentemos, então, nas marcas desta argumentação. O primeiro enunciado (“J'ai demandé deux jours de congé à mon patron”), que relata o pedido de Meursault ao patrão, estabelece uma relação com o segundo enunciado (“il ne pouvait pas me les refuser avec une excuse pareille”), que argumenta a favor da legitimidade deste pedido, através do conector “et”. Neste caso, o marcador discursivo “et” não desempenha uma função de organizador textual com valor de adição, mas encontra-se carregado de um valor argumentativo. Na verdade, o conector “et” possui, neste excerto, a função de conector argumentativo que introduz um argumento coorientado. A legitimidade do pedido é precisamente a questão que aqui se encontra em causa e que é central na compreensão do excerto. Considerando que o marcador “et” possui um valor argumentativo, temos o primeiro enunciado que apresenta um argumento A (“J'ai demandé deux jours de congé à mon patron”) para uma conclusão C “O pedido é legítimo”, e o segundo enunciado (“il ne pouvait pas me les refuser avec une excuse pareille”) que reforça essa conclusão. O segundo enunciado antecipa uma possível objeção do patrão (recusar os dois dias de folga). A realização de um pedido implica sempre duas possibilidades: a aceitação do pedido e a não-aceitação do pedido. Repare-se que existe um discurso implícito de que o pedido não será aceite, ou que, pelo menos, vai gerar desagrado. Tal conjectura aponta para uma percepção negativa da interação social, na medida em que o protagonista constrói um contexto de concretização do cenário mais negativo.

A percepção de Meursault da reação do patrão (“il n'avait pas l'air content”) é interpretada pelo protagonista como um questionamento da validade do pedido. Esta interpretação é sustentada pelo emprego do conector “mais” que desencadeia o desdobramento enunciativo: E₀ apresenta um argumento A (“il ne pouvait pas me les refuser avec une excuse pareille”) para uma conclusão C “O pedido é legítimo”,

enquanto, E₁ apresenta um argumento B (“il n’avait pas l’air content”) para uma conclusão não C “O pedido não é legítimo”. Assim, Meursault acredita que o patrão considera o seu pedido ilegítimo. Desta interpretação decorre o ato de justificação: neste caso, o fenómeno a explicar ou o *explanandum* centra-se na legitimidade do pedido, já o *explanans*, o fenómeno que explica, é formulado pelo protagonista como um ato de desresponsabilização (“Ce n’est pas de ma faute”). A construção negativa⁴¹ do enunciado provoca, mais uma vez, o desdobramento enunciativo: E₀ exprime a proposição “C’est de ma faute”, que, na perceção de Meursault, se assimila à opinião do patrão, enquanto E₁ introduz a negação à qual o locutor se assimila. O emprego do lexema “faute” evoca a atribuição de um papel acusatório, que atrás observámos, ao interlocutor (neste caso, o patrão) e, por conseguinte, a colocação do protagonista numa posição defensiva. Tal atribuição contribui para a perceção negativa da interação. Este ato de justificação introduz na interação um comportamento “desviante”, na medida em que a atitude de distanciamento de Meursault, expressa no movimento de desistência, se associa, dado o contexto fúnebre, a índices de ausência de afetividade relativamente à mãe. O carácter “desviante” da intervenção de Meursault, como anteriormente observámos, releva-se na reação do patrão (“il n’a pas répondu”). A perceção da reação negativa do patrão conduz, como anteriormente observámos, a um movimento de “autocensura” (“J’ai pensé alors que je n’aurais pas dû dire cela”). O marcador discursivo “en somme” introduz um comentário final relativamente à interação relatada (“En somme, je n’avais pas à m’excuser”). Mais uma vez, assistimos a um processo de justificação, neste caso, formulado através da construção negativa do verbo “s’excuser” que semanticamente evoca o domínio do “julgamento”. O último enunciado (“C’était plutôt à lui de me présenter ses condoléances”) insere-se na sequência deste movimento de desistência. Desta vez, o processo é concretizado através da transferência da responsabilidade de um ato considerado “errado” para o patrão, reforçada pelo emprego do modalizador “plutôt”. Deste modo, o processo de desresponsabilização sustenta um ato de autojustificação relativamente ao enunciado censurado (“Ce n’est pas de ma faute”). A transferência de responsabilidade implica a substituição do *explanandum*, do fenómeno a explicar, isto é, cabe ao patrão explicar a ausência de condolências. Esta transferência desvaloriza, na perspetiva de Meursault, a gravidade do seu comportamento “desviante”. No excerto (11), o ato de justificação encontra-se igualmente na sequência de um comportamento “desviante” (“Depuis hier”) que

⁴¹ Consideraremos a negação como um ato polifônico, na conceção de Ducrot *et al.*(1980).

provoca uma reação negativa em Marie (“elle a eu un petit recul”), percebida pelo protagonista, o que o leva, num comentário metadiscursivo, a censurar-se (“J’ai eu envie de lui dire que ce n’était pas de ma faute”).

(11) Quand nous nous sommes rhabillés, elle a eu l’air très surprise de me voir avec une cravate noire et elle m’a demandé si j’étais en deuil. Je lui ai dit que maman était morte. Comme elle voulait savoir depuis quand, j’ai répondu: «Depuis hier.» Elle a eu un petit recul, mais n’a fait aucune remarque. J’ai eu envie de lui dire que ce n’était pas de ma faute, mais je me suis arrêté parce que j’ai pensé que je l’avais déjà dit à mon patron. **Cela ne signifiait rien. De toute façon, on est toujours un peu fautif.** [33]

Neste excerto, o ato de justificação encontra-se estruturado em dois enunciados. O primeiro enunciado (“Cela ne signifiait rien”) encontra-se modalizado axiologicamente como o valor de “não importante” através da construção negativa do verbo “signifier”, ligado semanticamente ao domínio da “importância”. A desvalorização do comportamento “desviante”, construída pela modalidade axiológica, sustenta um processo de minimização. O segundo enunciado (“De toute façon, on est toujours un peu fautif”) é formulado através de um processo de generalização cujas marcas são observáveis no emprego do pronome “on” e do advérbio “toujours”. A generalização contribui para o processo de minimização que fundamenta o ato de justificação. É de sublinhar que, embora o protagonista questione o valor dos atos que realiza e que pretende realizar, acaba por manter os comportamentos “desviantes” relativamente à *doxa*. Este facto leva-nos a formular a hipótese de que o conceito de *doxa*, tal como é perspectivado por Meursault, não corresponde à conceção de *doxa* partilhada pela comunidade. Exploraremos esta questão no subcapítulo 3.3.

A atribuição de um papel acusatório aos interlocutores e a orientação argumentativa das intervenções e dos comentários de Meursault sugere a presença de um *ethos* de “insegurança”, na medida em que o protagonista projeta a sua incerteza relativamente à sua conduta social numa conceção negativa das interações. Esta conceção poderá encontrar-se relacionada com a questão do embaraço social, isto é, o receio de Meursault em colocar-se numa situação de embaraço social poderá conduzi-lo a adotar uma posição defensiva no que diz respeito aos seus interlocutores.

2.3 *Ethos* de “indiferença”

Neste subcapítulo, iremos explorar a questão das diferentes concepções dos valores *doxais* que coexistem na obra. A análise que iremos realizar situa-se ao nível das interações e das relações interpessoais no contexto do espaço quotidiano⁴². A nosso entender, as interações sociais, estruturadas nos diferentes tipos de relações interpessoais, das quais o protagonista participa revelam um alheamento em relação a certos valores *doxais* que, por um lado, sustentam o *ethos* de “estigmatizado” no contexto do funeral da mãe e que, por outro, encontra-se na base de um *ethos* de “indiferença⁴³”. Ou, por outras palavras, defenderemos que o desconhecimento do valor de determinados estereótipos sociais conduz à construção de um *ethos* de “indiferença”. Antes de procedermos à análise deste *ethos*, é importante referir que, embora encontremos mecanismos linguísticos semelhantes na construção do *ethos* de “indiferença” e do *ethos* de “insegurança”, nomeadamente, a modalidade axiológica com valor de “não importante”, só no contexto fúnebre encontramos marcas de “insegurança” relativamente aos valores *doxais*. Isto é, só em relação ao estereótipo de “filho” e às expectativas sociais que este convoca é que o protagonista revela marcas de “insegurança”. Contudo, encontramos no discurso do protagonista marcas de uma imagem de “indiferença” que surgem de forma sistemática e percorrem diferentes contextos sociais.

Para esta análise, teremos em consideração a modalidade axiológica e ainda o tipo de relação interpessoal estabelecida entre os interlocutores e os valores *doxais* que se encontram em causa. Segundo Helena Carreira (1993: 81), a modalidade axiológica situa-se no

domínio dos valores e dos juízos de valor, sejam eles ou não de ordem intelectual. Assim, teremos zonas extremas como, por exemplo: bem/mal; normal/anormal; útil/inútil; belo/feio; bom/mau; prazer/repulsa; amor/ódio.

⁴² Embora, os eventos narrados nos excertos que iremos analisar neste subcapítulo tomem lugar fora do contexto do funeral, consideramos que os mecanismos linguísticos que suportam a imagem de “indiferença” percorrem o discurso do protagonista em diferentes contextos sociais, i.e., não são particulares ao episódio do funeral, mas uma característica do protagonista, e, como tal, justificam a sua inclusão na nossa análise.

⁴³ Entenderemos aqui “indiferença” mais como uma atitude de passividade do que a manifestação de uma ausência de emotividade.

Assim, a modalidade axiológica constitui um mecanismo de construção de subjetividade, significativo na análise que pretendemos realizar da relação do protagonista com os valores *doxais*.

Nos excertos que analisaremos de seguida, o interlocutor é Marie Cardonna com quem o protagonista partilha, como anteriormente referimos, uma relação interpessoal situada no eixo horizontal, no polo da “familiaridade/intimidade”. Uma leitura global da obra permite-nos recuperar diferentes marcas de intimidade, ou na terminologia de Kerbrat-Orecchioni (1992), «familiaritèmes». Relativamente a marcas não-verbais, podemos mencionar a proximidade espacial entre as duas personagens, a orientação do corpo e o carácter “relaxado” das atitudes que podemos comprovar com os seguintes excertos: “J’ai laissé aller ma tête en arrière et je l’ai posé sur son ventre” [32], “Marie m’a rejoint alors et s’est collé à moi dans l’eau. Elle a mis sa bouche contre la mienne” [56]. Podemos referir igualmente as mímicas faciais, como o riso: “Elle riait toujours” [33]. No que diz respeito às marcas verbais, podemos sublinhar a forma de tratamento “tu” presente aqui na forma imperativa do verbo “venir”: “Viens dans l’eau” [81]. Sublinhe-se também o ato de elogio: “je lui ai dit qu’elle était belle” [75]. Por último, podemos mencionar ainda os temas abordados no decorrer da interação que, como Kerbrat-Orecchioni (1992: 55) afirma:

Peuvent être mis en corrélation avec le type de relation instituée entre les interlocuteurs : si cette relation est distante, on aura affaire à des thèmes généraux et impersonnels ; si elle est plus familière, les sujets de conversation seront eux-mêmes «privés», «personnels» ou «intimes».

Tal é o caso nos excertos que analisaremos de seguida em que Marie e Meursault discutem os seus sentimentos (“elle m’a demandé si je l’aimais”) e a sua relação (“et m’a demandé si je voulais me marier avec elle”):

(12) Un moment après, elle m’a demandé si je l’aimais. **Je lui ai répondu que cela ne voulait rien dire, mais qu’il me semblait que non.** Elle a eu l’air triste. [57]

Neste excerto, em discurso indireto, encontramos o mesmo modelo de organização estrutural da interação que apresentámos no subcapítulo 2.1. a troca verbal é introduzida por uma intervenção iniciativa de Marie que é constituída por um ato de “pergunta” (“elle m’a demandé si je l’aimais”) que introduz a temática da interação. A intervenção reativa do protagonista encontra-se estruturada em dois enunciados: o primeiro “cela ne

voulait rien dire” e o segundo “il me semblait que non”. O primeiro enunciado encontra-se modalizado axiologicamente através da construção negativa da expressão verbal “vouloir dire” que comporta um julgamento de “importância”. O desdobramento enunciativo desencadeado pela negação comporta os dois polos deste julgamento: E₀ exprime a proposição “cela voulait dire [quelque chose]”, contendo, assim, um valor positivo de “importância” (um ponto de vista identificável para a locutora Marie Cardona), enquanto E₁ introduz a negação e, por conseguinte, inverte o valor positivo de “importância” (enunciados identificáveis com Meursault), ou seja, é construído um juízo de valor no polo do “não importante”. Deste modo, existe um processo de desvalorização do próprio sentimento, que se encontra referido através do pronome indefinido “cela”, que constitui o sujeito do enunciado. Esta desvalorização é empregue como um argumento justificativo da negação desse mesmo sentimento presente no segundo enunciado.

(13) Le soir, Marie est venue me chercher et m’a demandé **(1) si je voulais me marier avec elle. J’ai dit que cela m’était égal et que nous pourrions le faire si elle le voulait. (2) Elle a voulu savoir alors si je l’aimais. J’ai répondu comme je l’avais déjà fait une fois, que cela ne signifiait rien mais que sans doute je ne l’aimais pas. (3) «Pourquoi m’épouser alors ?» a-t-elle dit. Je lui ai expliqué que cela n’avait aucune importance et que si elle le désirait, nous pouvions nous marier. D’ailleurs, c’était elle qui le demandait et moi je me contentais de dire oui. (4) Elle a observé alors que le mariage était une chose grave. J’ai répondu : «Non.» Elle s’est tue un moment et elle m’a regardé en silence. Puis elle a parlé. (5) Elle voulait simplement savoir si j’aurais accepté la même proposition venant d’une autre femme, à qui je serais attaché de la même façon. J’ai dit : «Naturellement.»**⁴⁴ [67-8]

No excerto (13), encontramos enunciados modalizados axiologicamente com o valor de “não importante”, realizados enquanto estratégia de desvalorização e empregues como argumento justificativo fundamentador das respostas do protagonista. Esta interação encontra-se estruturada em cinco trocas verbais, compostas por pares adjacentes do tipo “pergunta/resposta”. O primeiro par adjacente (“m’a demandé si je voulais me marier

⁴⁴ Este excerto incide sobre num período da relação entre Meursault e Marie posterior ao referido no excerto (12).

avec elle. / J'ai dit que cela m'était égal et que nous pourrions le faire si elle le voulait.") introduz a temática do casamento através do ato iniciativo de "pergunta", realizado por Marie. O ato reativo de "resposta" do protagonista encontra-se estruturado em dois enunciados: ato principal e ato secundário. O primeiro enunciado ("cela m'était égal") encontra-se modalizado axiologicamente com valor de "indiferença", através da expressão verbal "être égal" cujo sujeito realizado pelo pronome indefinido "cela" estabelece uma relação anafórica com o sintagma "me marier avec elle". O segundo enunciado ("nous pourrions le faire si elle le voulait") introduz uma condição à concretização do ato, através da construção condicional marcada pela conjunção "si". A frase subordinada "si elle le voulait" que comporta a condição possui como sujeito o pronome "elle" que estabelece uma relação anafórica com o referente "Marie" e como predicado o verbo volitivo "vouloir" ligado ao pronome "le" que tem como referente o sintagma "marier". Já a frase subordinada "nous pourrions le faire" possui como sujeito o pronome pessoal de primeira pessoa do plural "nous" que tem como referente tanto Meursault como Marie e apresenta como predicado o verbo de ação "faire" que se encontra modalizado através do verbo "pouvoir" como o valor de "capacidade". Assim, o desejo de Marie é usado como condição a ser satisfeita para a concretização de uma ação que envolve ambos. Estamos, então, perante um movimento de distanciamento do protagonista da responsabilidade de uma decisão que, segundo os valores *doxais*, deveria ser partilhada pelos dois participantes envolvidos. Desta forma, o protagonista coloca-se numa posição de passividade relativamente à concretização do casamento. Esta ausência de agentividade revela, precisamente, um alheamento em relação aos valores *doxais*, que já vimos noutros momentos do romance.

Tendo em consideração a resposta negativa de Meursault à pergunta realizada no excerto (12) ("elle m'a demandé si je l'aimais"), Marie recupera essa mesma pergunta ("elle a voulu savoir alors si je l'aimais"), uma vez que, também segundo os valores *doxais*, um sentimento como o amor constitui um requisito para o casamento que deve ser partilhado pelos dois indivíduos. Note-se que o marcador "alors" estabelece uma relação interdiscursiva com a interação analisada no excerto (12). A resposta de Meursault, contudo, é formulada virtualmente nos mesmos termos que a resposta no excerto anterior: "cela ne signifiait rien mais que sans doute je ne l'aimais pas". À semelhança do excerto (12), o primeiro enunciado encontra-se modalizado axiologicamente através da construção negativa do verbo "signifier" que comporta um valor de "importância". Da mesma maneira, o desdobramento enunciativo decorrente da

negação circunscreve os dois polos do eixo “importante/não importante”: E₀ exprime a proposição “cela signifiait [quelque chose]”, situando-se, assim, no polo positivo do eixo (E₀ é a voz *doxal*, a que Marie se assimila), enquanto E₁ introduz a negação e posiciona-se no polo negativo. O locutor assimila-se a E₁ e afirma, assim, a desvalorização do sentimento que fundamenta a resposta negativa presente no segundo enunciado.

Dado que a resposta negativa constitui um ato não preferencial relativamente às expectativas sociais, a troca verbal seguinte é uma reação, precisamente, a esta divergência entre o expectável e o realizado: “Pourquoi m’épouser alors?” / “cela n’avait aucune importance et si elle le désirait, nous pouvions nous marier”. O ato de “pergunta” realizado por Marie constitui um questionamento da motivação de Meursault em casar-se com ela. Mais uma vez, o marcador “alors” estabelece uma relação intradiscursiva com a troca verbal inicial e simultaneamente constitui uma marca de refutação do ponto de vista apresentado pelo protagonista através das suas respostas. No ponto de vista construído por Meursault, o casamento não implica que exista um sentimento de amor entre os dois indivíduos. Este ponto de vista, como mencionámos atrás, não se coaduna com o universo de crença partilhado pela comunidade, justificando, assim, a refutação de Marie. A resposta do protagonista apresenta a mesma estrutura observada na primeira intervenção: o primeiro enunciado (“cela n’avait aucune importance⁴⁵”) encontra-se modalizado axiologicamente por meio da construção negativa da expressão verbal “avoir aucune importance” que coloca em cena dois enunciadores (E₀ que exprime a proposição “cela avait d’importance” e E₁ que introduz a negação) que apresentam os dois valores extremos da escala “importante/não importante”; no segundo enunciado encontra-se, mais uma vez, presente o mecanismo de desresponsabilização desencadeado pela construção condicional.

A quarta troca verbal é iniciada por um ato valorizador (“elle a observé que le mariage était une chose grave”) realizado por Marie, no qual esta caracteriza o substantivo “mariage” através do adjetivo avaliativo “grave” que se encontra carregado semanticamente com o valor de “importância”. Este ato valorizador constitui uma reação às desvalorizações precedentes do conceito de “casamento” efetuadas pelo protagonista. Esta valorização é mais uma vez negada pelo locutor, através do advérbio de negação “non”.

⁴⁵ Este enunciado encontra-se formulado virtualmente nos mesmos termos que o enunciado no excerto (9) (“J’ai réfléchi, cela n’avait aucune importance” [17]).

Na última troca verbal, Marie coloca uma pergunta construída sob um cenário hipotético, como podemos observar pela presença da conjunção “si”, introdutora da construção condicional, e pelas expressões verbais “aurais accepté” e “serais attaché”: “Elle voulait simplement savoir si j’aurais accepté la même proposition venant d’une autre femme, à qui je serais attaché de la même façon”. A resposta de Meursault encontra-se formulada através do advérbio “naturellement”. Este advérbio sugere que o protagonista considera a sua conduta convergente com os valores *doxais* partilhados pela comunidade. Uma vez que os comportamentos de Meursault não correspondem, de facto, aos considerados normais pela sociedade, podemos concluir que o protagonista ou possui uma *doxa* diferente que justifica a sua resposta, ou encontra-se alheado relativamente aos valores *doxais*, ou, por outras palavras, Meursault desconhece ou desvaloriza a importância de certos valores e rituais sociais, o que fundamenta o *ethos* de “estigmatizado” que analisámos anteriormente. A resposta afirmativa do protagonista revela um distanciamento afetivo em relação a Marie, na medida em que, ao aceitar casar-se com uma outra mulher, Meursault insere Marie num conjunto indefinido de mulheres, esvaziando-a, assim, da sua individualidade, ou seja, das particularidades que, geralmente, se encontram na base do sentimento “amor” e que, desta forma, distinguem um indivíduo dos outros. Deste modo, podemos observar que a modalidade axiológica com o valor de “não importante”, ligada, de forma recorrente, aos conceitos de “amor” e “casamento” revela um alheamento relativamente ao valor destes conceitos na sociedade em que Meursault se encontra inserido.

Passemos, agora, à análise do excerto (14), de forma a verificarmos como este *ethos* de “indiferença” se encontra igualmente presente num tipo diferente de relação interpessoal e relativamente a outros valores *doxais*.

(14) Peu après, le patron m’a fait appeler [...] Il avait l’intention d’installer un bureau à Paris qui traiterait ses affaires sur la place, et directement, avec les grandes compagnies et il voulait savoir si j’étais disposé à y aller. Cela me permettrait de vivre à Paris et aussi de voyager une partie de l’année. «Vous êtes jeune, et il me semble que c’est une vie qui doit vous plaire.» **J’ai dit que oui mais que dans le fond cela m’était égal.** Il m’a demandé alors si je n’étais pas intéressé par un changement de vie. **J’ai répondu qu’on ne changeait jamais de vie, qu’en tout cas toutes se valaient et que la mienne ici ne me déplaisait pas du tout.** Il a eu l’air mécontent, m’a dit que je répondais toujours à côté, que je n’avais pas

d'ambition et que cela était désastreux dans les affaires. Je suis retourné travailler alors. J'aurais préféré ne pas le mécontenter, mais je ne voyais pas de raison pour changer ma vie. [66/67]

Como anteriormente referimos, a relação entre os interlocutores (o patrão e Meursault) presente no excerto (14), dado o seu carácter institucional, situa-se no eixo da verticalidade. Neste excerto, podemos sublinhar, como «taxème», a organização hierárquica da interação ao nível das tomadas de vez. Segundo Kerbrat-Orecchioni (1992: 89), a abertura do diálogo encontra-se geralmente reservada ao interlocutor que ocupa uma posição dominante: «Avoir le privilège d'entamer la conversation, c'est être en mesure de décider de son orientation générale, et de «donner le ton»». Como podemos verificar, a interação é iniciada por ordem do patrão (“le patron m'a fait appeler”) e o diálogo é aberto pela intervenção do patrão. Esta intervenção é uma proposta de trabalho feita a Meursault: “Il avait l'intention d'installer un bureau à Paris [...] et il voulait savoir si j'étais disposé à y aller.”. Tal ato coloca o protagonista numa posição baixa, uma vez que, segundo Kerbrat-Orecchioni (1992:95) «L1 se met en position haut par rapport à L2 lorsqu'il accomplit un act potentiellement menaçant pour l'une ou l'autre des faces de L2». Com efeito, o ato de “proposta” constitui um ato ameaçador da *face négative* do protagonista, visto que se trata de um ato na ordem dos diretivos «qui constituent pour L2 des espèces d'incursions territoriales» (*id.*) (contudo, constitui também um *face flattering act*, na medida em que é uma proposta/ convite favorável ao alocutário). Consciente de que a proposta constitui um ato ameaçador à face de Meursault, o patrão coloca em prática uma estratégia de *cortesia positiva*, denominada por Levinson e Brown (1987:128), como “give (ask for) reasons”: “Cela me permettrait de vivre à Paris et aussi de voyager une partie de l'année. «Vous êtes jeune, et il me semble que c'est une vie qui doit vous plaire.»”. Segundo os investigadores (*idem*):

Another aspect of including H[earer] in the activity is for S[peaker] to give reasons as to why he wants what he wants. By including H thus in his practical reasoning, and assuming reflexivity (H wants S's wants), H is thereby led to see the reasonableness of S's FTA (or so S hopes). In other words, giving reasons is a way of implying 'I can help you' or 'you can help me', and, assuming cooperation, a way of showing what help is needed.

Ainda que a proposta constitua uma invasão do território de Meursault, isto é, um ato ameaçador da sua *face negativa*, a progressão na carreira, por meio de uma promoção é considerada um evento positivo, tanto a nível social, uma vez que o indivíduo é colocado numa posição institucionalmente superior, como a nível individual, visto que é considerada como uma prova de mérito e das capacidades do indivíduo. Em termos de pares adjacentes, uma proposta de trabalho tem como reação preferencial a aceitação (seguida de atos de agradecimento). Desta forma, a resposta de Meursault (“J’ai dit que oui mais que dans le fond cela m’était égal”) constitui uma reação não preferencial. Embora haja um ato de aceitação inicial, um contra-argumento forte (“dans le fond cela m’était égal”) é introduzido pelo marcador “mais”: E₀ apresenta um argumento A (“J’ai dit que oui”) para uma conclusão C “Interessa-me o novo trabalho”, enquanto E₁ introduz o argumento B (“dans le fond cela m’était égal”) para a conclusão não C “Não me interessa o novo trabalho”, que constitui uma desvalorização do convite. Este contra-argumento encontra-se, à semelhança dos excertos anteriores, modalizado axiologicamente com um julgamento avaliativo com valor de “indiferença”, explícito no uso da expressão verbal “être égal”.

Uma vez que a resposta de Meursault constitui uma reação não preferencial, a intervenção reativa do patrão é formulada através de um ato de refutação, realizado por meio do questionamento das motivações do protagonista: “Il m’a demandé alors si je n’étais pas intéressé dans un changement de vie”. O questionamento indireto das razões que fundamentam essa desvalorização dá permissão ao protagonista para argumentar e expor o seu ponto de vista: “J’ai répondu qu’on ne changeait jamais de vie, qu’en tout cas toutes se valaient et que la mienne ici ne me déplaisait pas du tout”. Esta intervenção é organizada em três momentos. O primeiro (“on ne changeait jamais de vie”) estabelece uma generalização, como podemos verificar pelo emprego do pronome “on” e o articulador de negação “jamais” com valor absoluto, que nega a proposição emitida pelo patrão; o segundo (“en tout cas toutes se valaient”) constitui um comentário avaliativo também de caráter geral, com valor de “indiferença”, marcado pelo verbo “valoir” e do quantificador “toutes” em posição de sujeito; o terceiro (“la mienne ici ne me déplaisait pas du tout”) é igualmente um comentário avaliativo, desta vez, de caráter específico (note-se o pronome possessivo “la mienne” e no deítico espacial “ici”), isto é, o protagonista constrói um comentário avaliativo em relação à sua vida atual. Este comentário é formulado com base na construção negativa do verbo “déplaire”. As escolhas do protagonista ao nível do léxico e das estruturas sintáticas que

estruturam o seu pensamento revelam uma incapacidade de comprometimento que fundamenta o *ethos* de “indiferença”.

A exposição de um ponto de vista ou de uma opinião encontra-se igualmente regulada por fatores hierárquicos. Para Kerbrat-Orecchioni (1992: 94):

D'une façon générale, on dira que se met en position haute celui qui «a le dessus» dans les négociations d'opinion, c'est-à-dire qui parvient à imposer son point de vue, à emporter le morceau, et à avoir «raison» de l'autre ; lequel se trouve corrélativement, dès lors qu'il doit se rallier, «s'écraser», «tomber» d'accord avec son partenaire, réduit à la position basse.

Assim, podemos observar a não *adesão* do patrão relativamente ao ponto de vista de Meursault expressa na última intervenção deste: “Il a eu l'air mécontent, m'a dit que je répondais toujours à côté, que je n'avais pas d'ambition et que cela était désastreux dans les affaires”. Os argumentos *ad hominem*⁴⁶ que estão na base deste ato de “crítica” revelam não só uma rejeição total do ponto de vista do protagonista, como uma agressividade dirigida à sua imagem. Sublinhe-se que, ao nível da organização hierárquica das tomadas de vez, o fim do diálogo é marcado pela última intervenção do patrão, facto que se encontra de acordo com a afirmação de Kerbrat-Orecchioni (1992:90):

«Il en est de même en ce qui concerne la clôture des échanges, des séquences, et bien sûr de l'interaction globale: on sait le pouvoir qui s'attache au «dernier mot» (surtout s'il est prononcé sur un ton «sans réplique»), et à celui qui parvient à avoir «le mot de la fin»

Neste capítulo, podemos observar que as interações sociais das quais o protagonista participa, independentemente do tipo de relação interpessoal estabelecida entre os interlocutores, são marcadas por um conflito de valores *doxais*. A relação entre

⁴⁶ De acordo com Amossy (1999b: 2), existem três correntes contemporâneas que se centram no estudo da argumentação *ad hominem*: a lógica, a pragma-dialética e a retórica. Da revisão dos contributos destas correntes, a investigadora retira três conclusões principais (1999b: 4-5) : 1) os argumentos *ad hominem* não têm que ser analisados no campo da lógica e do *logos*, enquanto falácia (ou não falácia); 2) a análise dos argumentos *ad hominem* deve ser realizada no âmbito de um enquadramento interacional, onde a troca entre os participantes, e não a lógica, é decisiva; 3) os argumentos *ad hominem* podem ser analisados na perspetiva retórica como um instrumento de persuasão ligado, não só ao *logos* e ao *pathos*, mas também ao *ethos* (argumento *ethotico*, na denominação de Brinton, [1985, 1986]). Nas palavras de Amossy (1999b:1), «argument *ad hominem* is examined in relation both to the status and to the image (*ethos*) of the opponent and of the proponent». Assim, a análise dos diferentes elementos do *ethos* fundamenta a conceção dos argumentos *ad hominem* «as a criticism of the orator's right and capacity to influence his audience either by denouncing the opponent's usurped stand in a given context, or by attacking his verbal image and the stereotype underlying it» (Amossy, 1999b: 7-8). Importa ainda referir, a distinção de C. Plantin (1996:86-87) entre argumentação *ad hominem*, ou seja, argumentação que visa descredibilizar o discurso do outro, e argumentação *ad personam*, que se centra no ataque pessoal, no insulto.

Meursault e Raymond Sintès merece um destaque especial, na medida em que aparenta constituir a única relação de Meursault desprovida de marcas conflituais.

Primeiramente, devemos sublinhar o caráter dinâmico desta relação, quer dizer, podemos recuperar marcas linguísticas da evolução desta relação à medida que esta se desloca de um pólo para o outro no eixo da horizontalidade. No momento em que a personagem de Raymond é introduzida na intriga, a relação que este estabelece com o protagonista situa-se no pólo da distância: “Juste à ce moment est entré mon deuxième voisin de palier. [...] Mais il me parle souvent et quelque fois il passe un moment chez moi parce que je l’écoute” [45]. Embora as interações precedentes entre Meursault e Raymond possuam um caráter informal, encontram-se presentes marcas linguísticas de distância social:

(15) **Vous comprenez, Monsieur Meursault**, m’a-t’il dit, c’est pas que je suis méchant, mais je suis vif. [46]

Como já mencionámos, as formas de tratamento constituem indícios significativos do tipo de relação existente entre os interlocutores. Podemos, então, destacar o emprego do pronome de segunda pessoa no plural e da forma de tratamento apelativa, constituída pelo sintagma «Monsieur + nome de família» como marcas de uma distância social. A evolução desta relação é negociada através de um ato de “pedido” cuja aceitação constitui uma condição determinante para a progressão da relação:

(16) Alors il m’a déclaré que, justement, il voulait me demander un conseil au sujet de cette affaire, que moi, j’étais un homme, je connaissais la vie, que **je pouvais l’aider et qu’ensuite il serait mon copain**. [47]

Com efeito, a aceitação do pedido conduz a uma modificação na forma de tratamento: o pronome de segunda pessoa do plural é substituído pelo pronome de segunda pessoa do singular:

(17) Il m’a dit : «Je savais bien que **tu connaissais** la vie.» **Je ne me suis pas aperçu d’abord qu’il me tutoyait**. C’est seulement quand il m’a déclaré : «Maintenant, **tu es un vrai copain**», que cela m’a frappé. Il a répété sa phrase et j’ai dit : «Oui.» Cela m’était égal d’être son copain et il avait vraiment l’air d’en avoir envie. [52]

Segundo Kebrat-Orecchioni (1992 : 45), «Le tutoiement symbolise en effet mieux que toute autre forme une relation de familiarité (comme en témoigne l'expression «être à tu et à toi») et/ ou de solidarité». Como podemos observar, a relação de Meursault e de Raymond desloca-se de um polo de distância para um polo de familiaridade. Note-se, contudo, na unilateralidade desta relação, marcada pelo comentário avaliativo de Meursault: “Cela m’était égal d’être son copain”. Este enunciado encontra-se, à semelhança dos excertos anteriores⁴⁷, modalizado axiologicamente através da expressão verbal “être égal” com o valor de “indiferença”. Mais uma vez, estamos perante uma atitude de passividade relativamente a eventos que afetam a vida do protagonista, visto que a manutenção e preservação de uma relação de amizade implica um compromisso afetivo e social duradouro que exerce uma influência preponderante na vida dos dois indivíduos.

No que concerne aos fatores que explicam a ausência de conflito na evolução e manutenção desta relação, é necessário primeiro considerar o *ethos* prévio de Raymond. Sintês de que Meursault dá conta:

(18) Juste à ce moment est entré mon deuxième voisin de palier. Dans le quartier, on dit qu’il vit des femmes. Quand on lui demande son métier, pourtant, il est «magasinier». **En général, il n’est guère aimé.** Mais il me parle souvent et quelque fois il passe un moment chez moi parce que je l’écoute. [45]

A imagem de Raymond partilhada pela comunidade, como comprova o excerto (18), é negativa, devido, sobretudo, à sua profissão de proxeneta (“on dit qu’il vit des femmes”) que origina sentimentos negativos na comunidade (“il n’est guère aimé”). Esta imagem será posteriormente recuperada pelo advogado de acusação durante o julgamento quando este caracteriza Raymond como «un homme de moralités douteuses». É precisamente ao nível dos valores *doxais* que Meursault e Raymond se aproximam. Em primeiro lugar, tal como Meursault, também Raymond sofre de um *estigma* que, embora de natureza distinta, provoca o distanciamento social. Em segundo lugar, o envolvimento de Raymond em comportamentos violentos revela igualmente uma relação anómala com certos valores *doxais*:

⁴⁷ Ver os excertos (13), (14) e (21)

(19) **Il l'avait battue jusqu'au sang.** Auparavant, il ne la battait pas. «Je la tapais, mais tendrement pour ainsi dire. Elle criait un peu. Je fermes les volets et ça finissait comme toujours. Mais maintenant, c'est sérieux. Et pour moi, je l'ai pas assez punie.» [49/50]

No caso de Meursault, contudo, existe um desconhecimento da divergência entre os seus comportamentos e ideias e as expectativas sociais, pois considera as suas atitudes normais. Já no caso de Raymond, existe uma consciência de que os seus comportamentos são comumente perspetivados como negativos. Note-se a relutância de Raymond em discutir assuntos que potencialmente revelarão uma imagem desfavorável de si, aqui marcada pelo verbo “hésiter” com o valor modal epistemológico de “incerteza”.

(20) En mangeant, il a commencé à me raconter son histoire. **Il hésitait d'abord un peu.** «J'ai connu une dame...c'était pour autant dire ma maîtresse.» L'homme avec qui il s'était battu était le frère de cette femme. Il m'a dit qu'il l'avait entretenue. **Je n'ai rien répondu et pourtant il a ajouté tout de suite qu'il savait ce qu'on disait dans le quartier, mais qu'il avait sa conscience pour lui et qu'il était magasinier.** [47/48]

Raymond interpreta o silêncio de Meursault relativamente a um assunto passível de reprovação (“Il m'a dit qu'il l'avait entretenue. Je n'ai rien répondu”) como uma crítica da qual tenta defender-se (“il a ajouté tout de suite qu'il savait ce qu'on disait dans le quartier, mais qu'il avait sa conscience pour lui et qu'il était magasinier”). Os marcadores discursivos que articulam este enunciado destacam mais uma vez o alheamento do protagonista em relação aos valores *doxais*. O marcador “pourtant”, que articula o enunciado que relata o silêncio de Meursault e a reação de Raymond a esse silêncio, mostra, por um lado, que o protagonista está consciente da interpretação de Raymond do seu silêncio como uma “crítica”, por outro lado, o valor contra-argumentativo deste conector sugere um desconhecimento das razões, ao nível da transgressão de valores *doxais*, que sustentam a interpretação de Raymond.

O *ethos* de “indiferença”, que temos vindo a explorar, baseado na passividade e na ausência de emoções do protagonista, será interpretado por Raymond como uma atitude de solidariedade:

(21) Je n’ai rien dit et il m’a demandé encore si je voulais être son copain. **J’ai dit que ça m’était égal** : il a l’air content. [47]

Com efeito, a indiferença de Meursault relativamente aos comportamentos violentos de Raymond é perspectivada pelo último como uma marca de *adesão*. Assim, podemos concluir que as relações “desviantes” com os valores *doxais* partilhados por Meursault e Raymond são responsáveis pelo desenvolvimento não conflitual da relação de ambos.

2.4 *Ethos* global de “desajuste”

A análise que realizámos neste capítulo permitiu-nos verificar a existência de diferentes *ethe* parcelares que concorrem na construção de um *ethos* global de “desajuste”. As interações sociais constituem um espaço privilegiado para a construção do *ethos* de “estigmatizado”, já que, colocam em evidência a existência de dois sistemas de valores e crenças distintos, sendo um partilhado pela comunidade, correspondendo a uma determinada *doxa* e o outro, um sistema particular de um indivíduo.

Deste modo, a incapacidade de manutenção e gestão das interações, marcada pelo carácter meramente reativo das intervenções de Meursault e pelas suas respostas demasiado curtas que anulam a possibilidade de conversação, constitui um elemento fundamental na construção do *ethos* global de “desajuste”. Este é criado por um movimento recorrente de distanciação das personagens que interagem com o protagonista, como reação ao confronto com os comportamentos “desviantes” que ligámos ao estigma⁴⁸. Visto que o *ethos* de “estigmatizado” resulta da interação entre uma imagem social prevista que, neste caso, corresponde ao estereótipo ocidental de “filho enlutado” e a imagem construída efetivamente de Meursault, é na divergência destas imagens que se encontra o elemento nuclear do *ethos* global de “desajuste”.

⁴⁸ Esta reação vai ao encontro das observações de Goffman (1963) a propósito das relações entre pessoas “normais” e estigmatizadas: «Quando conhecida ou manifesta, essa discrepância estraga a sua identidade social; ela tem como efeito afastar o indivíduo da sociedade e de si mesmo de tal modo que ele acaba por ser uma pessoa descreditada frente a um mundo não recetivo.» (1963: 28)

Ainda no contexto do funeral, as interações sociais em que Meursault participa são normalmente acompanhadas por comentários metadiscursivos que estão na base da construção de um *ethos* de “insegurança”. Tais comentários sugerem a concorrência de dois sistemas de valores *doxais* distintos no que respeita a dimensão deontica de determinados comportamentos. Esta oscilação reforça o valor semântico já elencado de uma relação anómala com os valores *doxais* vigentes ou, ainda, da existência de uma *paradoxa*. Com efeito, a insegurança é sistematicamente resolvida pela assimilação a valores divergentes da norma social, o que reenvia a uma atitude de indiferença/alheamento relativamente à importância desses valores. Esta imagem de “indiferença” está presente, não só no que diz respeito aos valores que emergem do contexto de luto, mas também, em relação a eventos que marcam de forma decisiva a vida do protagonista, como casar-se ou mudar-se para Paris. Sendo representativas de uma relação anómala com os valores e as expectativas *doxais*, estas imagens suportam a construção do *ethos* global de “desajuste”.

CAPÍTULO III: O CONFRONTO DE *ETHE* (PRÉ-)DISCURSIVOS

3.1 Construção do veredicto de “culpado”

Neste capítulo, iremos explorar os mecanismos que participam na construção de um *ethos* de “monstro” que influencia de forma determinante o resultado final do processo e impulsionará o desfecho da intriga. Procuraremos ainda demonstrar que o enquadramento judicial constitui um espaço por excelência da construção de imagens distintas, quer sejam estas do réu, da vítima, das testemunhas, ou mesmo, dos próprios advogados envolvidos (numa técnica de credibilização ou de descredibilização), de recuperação de imagens pré-discursivas positivas ou, como é aqui o caso, negativas. Para tal, colocaremos em evidência os mecanismos linguísticos e as estratégias argumentativas presentes nos discursos das testemunhas e nos discursos dos advogados.

3.1.1 Recuperação de um *ethos* pré-discursivo: imagem de “estigmatizado”

Como anteriormente afirmámos, consideraremos, no nosso trabalho de investigação, *ethos* “pré-discursivo” como a imagem construída do protagonista num contexto anterior ao do julgamento, nomeadamente, o *ethos* de “estigmatizado”. No julgamento, a recuperação de um *ethos* pré-discursivo é realizada através dos testemunhos dos interlocutores que participaram em interações verbais passadas com o protagonista, principalmente, as interações que tomaram lugar no contexto do funeral. O *ethos* pré-discursivo desempenha, como já mencionámos, um papel determinante na credibilização ou descredibilização do locutor. Nas palavras de Ruth Amossy (2010: 72),

En d’autres termes, l’image préalable que l’auditoire se fait de l’orateur en fonction de son statut, de sa réputation ou de ses dires antérieurs peut avoir une influence décisive sur l’efficacité de sa présentation de soi.

Vejamos, agora, como é reconstruído este *ethos* pré-discursivo e que mecanismos verbais e não-verbais são usados para reforçar ou minimizar o seu carácter negativo.

Antes de mais, importa recordar que o *estigma* advém da discrepância entre os comportamentos expectáveis num dado contexto e os comportamentos de facto realizados, os quais denominámos de “desviantes”. Observámos, ainda, que estes comportamentos “desviantes” provocam uma reação negativa nos interlocutores, que constitui um comentário avaliativo desses comportamentos. Desta forma, podemos estruturar a nossa análise dos discursos das testemunhas em duas partes: a primeira centrar-se-á na transgressão das expectativas sociais, na medida em que determinados comportamentos esperados não se concretizam; a segunda tratará dos comportamentos efetivamente realizados que se afastam da norma.

3.1.1.1 Estruturas de negação e modalidade

Embora em ambas as partes se encontre presente a modalidade avaliativa, a sua construção é realizada, na primeira parte, através do emprego de estruturas de negação e da modalização, e, na segunda parte, pela presença de gestos comunicativos.

A intervenção do diretor do lar no excerto seguinte constitui um comentário avaliativo relativamente à postura do protagonista durante o funeral.

(22) À une autre question, il a répondu qu’il avait été surpris de mon calme le jour de l’enterrement. On lui a demandé ce qu’il entendait par calme. **Le directeur a regardé alors le bout de ses souliers et il a dit que je n’avais pas voulu voir maman, je n’avais pas pleuré une seule fois et j’étais parti aussitôt après l’enterrement sans me recueillir sur sa tombe.** [135]

A expressão verbal “être surpris” encontra-se carregada de um valor semântico de “imprevisibilidade”, ou por outras palavras, exprime uma reação a um dado objeto ou ação que não é expectável num determinado contexto. A caracterização do estado de espírito do protagonista através do substantivo “calme” no contexto verbal referido produz a necessidade de uma explicação, dado que, sendo “calme” uma emoção positiva, a ideia de imprevisibilidade fornecido pela expressão verbal não se coaduna com esse valor positivo. A justificação para a caracterização do estado emocional de Meursault em termos de “calme” é realizada através do relato de comportamentos que, embora expectáveis, não foram observados. Antes de mais, podemos observar da parte

do diretor uma atribuição de uma emoção ao protagonista. Segundo Marques (2010b:128) a respeito das emoções atribuídas no Parlamento Português, «the speaker in a reactive intervention interprets and evaluates the emotion he attributes to his/her opponent». A construção desta emoção atribuída é realizada através do emprego de estruturas de negação. Estas estruturas evidenciam a dimensão da transgressão de expectativas. Assim, encontramos uma modalidade avaliativa ligada a estruturas de negação. Relativamente ao primeiro comportamento “je n’avais pas voulu voir maman”, a construção negativa do sintagma verbal no qual o verbo “vouloir” como expressão de um desejo ou de uma vontade se encontra integrado marca uma avaliação e uma interpretação das emoções do protagonista. Com efeito, o uso do verbo modal “vouloir” coloca em cena dois enunciadores: E₀ exprime o ato descrito, que poderíamos reconstruir como “je n’avais pas vu maman”, enquanto E₁ introduz uma dimensão de desejo, neste caso, de ausência de desejo, que modaliza a asserção. A assimilação do locutor a E₁ implica, assim, uma interpretação das emoções de Meursault, que mostra ausência de desejo em ver a mãe. No que diz respeito ao segundo comportamento “je n’avais pas pleuré une seule fois”, o enunciado que o descreve refere-se especificamente a um ato de expressão de emoções cuja construção negativa exclusiva é reforçada pelo sintagma com o valor exclusivo “une seule fois”. O emprego desta expressão sublinha a ausência de sentimentos de dor ou tristeza. No último comportamento relatado “j’étais parti aussitôt après l’enterrement sans me recueillir sur sa tombe”, podemos referir que o uso do advérbio “aussitôt” introduz igualmente uma avaliação em relação ao ato (a partida do protagonista foi demasiado rápida para o contexto). Por outro lado, a estrutura de negação “sans me recueillir sur sa tombe” marca a ausência de um ato de recolhimento na campa, sinal e reforço de uma atitude de insensibilidade relativamente à morte da mãe. A estrutura negativa coloca em cena de dois enunciadores: E₀ que enuncia o ato (“j’avais voulu voir maman”, “j’ai pleuré”, “me recueillir sur sa tombe”), enquanto E₁ introduz a negação. Neste caso, podemos observar que os enunciados expressos por E₀ correspondem aos comportamentos inscritos nas expectativas sociais para um filho no contexto do funeral da mãe, ou seja, as proposições expressas por E₀ assimilam-se a uma voz *doxal*. A negação introduzida por E₁ marca a transgressão destas expectativas. Deste modo, podemos observar que a justificação do diretor revela que a emoção designada por “calme” é, na verdade, uma “insensibilidade”, o que explica a reação de “surpresa”. A expressão verbal “être surpris” reforça a divergência entre a atitude expectável e a atitude revelada. Com efeito, a caracterização da atitude

do protagonista como desprovida de uma reação emotiva visível entra em confronto com o estado emocional estereotipado para um filho enlutado o que conduz a estigmatização. Em (23), a expressão verbal “avoir surpris” marca mais uma vez a relação entre um comportamento expectável e um comportamento inesperado.

(23) Une chose encore l’avait surpris: **un employé des pompes funèbres lui avait dit que je ne savais pas l’âge de maman.** [135]

A construção negativa da modalidade epistémica com valor de “desconhecimento”, presente no verbo “savoir”, referente a um dado pessoal, como a idade, adquire um valor agravante, uma vez que se trata de uma relação familiar próxima. À semelhança do excerto anterior, a negação põe em cena E_0 que exprime o ato “je savais l’âge de maman”, que corresponde ao conhecimento esperado de um filho, e E_1 introdutor da negação que fundamenta a reação de “surpresa”.

Assim, a dimensão de transgressão das expectativas sociais é construída por uma modalidade avaliativa introduzida pela expressão verbal “avoir surpris” e desenvolvida através de construções de negação que colocam em cena os dois domínios desta dimensão: o domínio do previsto, expresso por E_0 , e o domínio da transgressão das expectativas, expresso por E_1 .

3.1.1.2 Verbos introdutores de discurso relatado e gestos comunicativos

Tal como vimos no capítulo precedente, os gestos comunicativos desempenham uma função essencial na determinação das emoções do locutor em relação ao objeto do discurso ou ao seu interlocutor. Como já analisámos, os gestos comunicativos dos interlocutores que interagem com o protagonista apontam para um movimento de afastamento. Tal é o caso do segmento “Le directeur a regardé alors le bout de ses souliers” no excerto (22). O evitamento de contacto ocular, como já referimos, sugere, neste caso, um duplo movimento de distanciamento: uma distância física e uma distância emocional. Este distanciamento revela a rejeição, ou melhor, a não *adesão*, no sentido proposto por Maingueneau (1999), ao universo construído pelo protagonista.

A uma relação diferente pertencem as testemunhas (Marie Cardona e o porteiro) que inadvertidamente se encontram numa relação de cumplicidade com o protagonista, uma

vez que participaram nos comportamentos “desviantes” de Meursault, no caso do porteiro, por ter fumado com o protagonista durante o velório e, no caso de Marie, por ter iniciado uma relação amorosa e por ter visto um filme cómico com Meursault no dia seguinte ao funeral da mãe deste.

Neste momento, importa recordar as repercussões do *estigma* nos indivíduos que se associam à pessoa estigmatizada que mencionámos no capítulo anterior. Como já referimos, Goffman (1963:40) defende que «a tendência para a difusão do estigma do indivíduo marcado para as suas relações mais próximas explica por que tais relações tendem a ser evitadas ou a terminar, caso já existam». Ou seja, os indivíduos que se associam a uma pessoa estigmatizada sofrem, com menor ou maior intensidade, os efeitos desse mesmo estigma. A construção de uma modalidade avaliativa é fundamentada pelos gestos comunicativos que estão integrados numa estrutura sintática verbo + complemento preposicional introdutora de discurso relatado. Em ambos os excertos, o complemento preposicional descreve uma atitude negativa das personagens relativamente aos enunciados relatados, que, nos excertos em questão, constituem o relatado dos comportamentos “desviantes” do protagonista.

(24) À ce moment, mon avocat a demandé au concierge s’il n’avait pas fumé avec moi. [...] **Le vieux a dit d’un air embarrassé** : «Je sais bien que j’ai eu tort. Mais je n’ai pas osé refuser la cigarette que monsieur m’a offerte.» [136]

No excerto (24), o porteiro revela uma atitude de constrangimento e coloca-se numa posição defensiva: a intervenção em discurso direto é iniciada por uma admissão de culpa que é seguida de um contra-argumento forte introduzido por “mais”. Este contra-argumento é formulado através da atribuição da responsabilidade pela iniciativa do ato ao protagonista: o interlocutor assume uma atitude de submissão expressa aqui pela construção verbal negativa e sobretudo pelo valor semântico dos verbos “oser” e “refuser” enquanto ao protagonista é atribuída a origem do ato “la cigarette que monsieur m’a offerte”. Como podemos observar, existe uma avaliação negativa do ato de fumar no velório através da modalidade axiológica com valor de “errado” expressa em “j’ai eu tort”. Esta modalidade axiológica liga-se a valores *doxais*: num contexto fúnebre o ato de fumar durante o velório é perspetivado pela comunidade como “errado”. Note-se que a modalidade epistémica de conhecimento presente no verbo “savoir” e intensificada pelo advérbio “bien” mostra que o valor “errado” deste ato se

encontra inscrito nas crenças partilhadas pela sociedade. No excerto (25), o procurador pede a Marie para revelar o nome do filme a que assistiu com o protagonista do dia seguinte ao funeral.

(25) L’avocat général a dit qu’à suite des déclarations de Marie à l’instruction, il avait consulté les programmes de cette date. Il a ajouté que Marie elle-même dirait quel film on passait alors. **D’une voix presque blanche**, en effet, elle a indiqué que c’était un film de Fernandel. [142]

Uma vez que o género do filme (uma comédia) se torna inadequado relativamente ao estado emocional esperado de um filho enlutado, a revelação deste dado ao júri na voz de Marie, produz, ao nível do pathos, uma reação mais forte no público. Serve de exemplo da inadequação do género filmico ao estado de luto, a descrição do tom de voz de Marie “d’une voix presque blanche”: a articulação sem timbre ou sem entoação de um enunciado revela uma atitude de relutância em realizar o ato que poderá equivaler a um ato de admissão de culpa, de revelação de um ato avaliado como negativo. Com efeito, também aqui a relutância de Marie implica a consciência de que no seio da comunidade há uma discrepância entre um estado emocional de tristeza socialmente previsto de um filho em luto e uma disposição lúdica para a visualização de um filme, avaliada negativamente como um ato “errado”.

3.1.1.3 A dupla inscrição em representações pré-existent: construções de contraste

O conceito de *estereótipo*, como referimos no capítulo introdutório, desempenha um papel fundamental na construção do *ethos*, uma vez que, segundo Amossy (2010: 44/45) “en dehors de toute figure ancrée dans l’imaginaire social, la présentation de soi ne peut être qu’aberrante avec toutes les crises d’identité et les dérèglements qu’entraînerait semblable infraction”. Importa, agora, considerar o estereótipo ao nível das suas «fonctions sociales et politiques» (Amossy, 2010: 63) Com efeito, os estereótipos desempenham, segundo Amossy (2010: 63), uma função de inclusão ou exclusão em determinados grupos sociais:

En effet, la présentation de soi conforme, qui confère une autorité au locuteur, lui permet aussi de nouer des liens étroits avec ses semblables et de s'assimiler à un groupe de pairs – servant par là même de signe distinctif qui le sépare des autres, des membres des groupes concurrents auxquels il n'appartient pas et dont il ne se réclame pas.

Assim, o conceito de *estereótipo* liga-se a funções do domínio social, como refere a autora : «la question du stéréotypage de *l'ethos* est indissociable des structures sociales qui produisent et confortent des images diversement valorisées» (*idem*: 70). Nesta secção, exploraremos a importância da inscrição num determinado estereótipo e, sobretudo, a evocação do *ethos* que se liga a essa representação coletiva, na construção do *ethos* de “monstro”.

Analisaremos, em seguida, um destes mecanismos de reforço do *ethos* desfavorável do protagonista, através da evocação de imagens estereotipadas. Importa referir que os excertos que iremos analisar se encontram na sequência dos testemunhos que explorámos. Estas intervenções finais do procurador são construídas como comentário dos testemunhos ouvidos. Trata-se de antecipação de discursos possíveis, elaborada como estratégia de confronto de dois universos de crença distintos.

Antes de mais, importa referir que os excertos que analisaremos, em seguida, apresentam uma construção de contraste realizada em diferentes moldes. Denominaremos o primeiro termo da relação de contraste “X” e o segundo termo de “Y”.

Em (26), existe a evocação de duas esferas de realidade diferentes: do “estrangeiro” (como alguém que não pertence à comunidade, que não partilha os mesmos valores *doxais*), no domínio do distanciamento social e emocional e do “filho”, no domínio da proximidade familiar e afetiva:

(26) Mais le Procureur a tonné au-dessous de nos têtes et il a dit : «Oui, messieurs les jurés apprécieront. **Et ils concluront qu'un étranger pouvait proposer du café, mais qu'un fils devait le refuser devant le corps de celle qui lui avait donné le jour.**» [137/8]

Estas duas esferas constituem os termos que se encontram numa relação contrastiva: X é constituído pelo enunciado “un étranger pouvait proposer du café” e Y é constituído pelo enunciado “un fils devait le refuser devant le corps de celle qui lui avait donné le

jour”. A relação entre os dois termos é marcada pelo conector “mais”; portanto, esta construção exhibe o padrão “X, mas não Y”. A evocação destes dois universos serve para pôr em cena dois sistemas de valores distintos. Estes sistemas serão evocados através da modalidade deôntica expressa nos verbos “pouvoir” e “devoir”.

No que diz respeito ao verbo “pouvoir”, importa referir que o sujeito verbal é constituído pelo sintagma “un étranger” e que o seu valor de “permissão” é construído afirmativamente. No caso do verbo “devoir”, o seu sujeito verbal é constituído pelo sintagma “un fils” e o contexto a que se refere o valor de “obrigação” é expresso em “le refuser devant le corps de celle qui lui avait donné le jour”, ou seja, x deve recusar y no contexto z. Como mencionámos no capítulo anterior, a modalidade deôntica é, na terminologia de Henriqueta Campos, uma modalidade intersujeitos e, como tal, implica a existência de dois sujeitos, um que é fonte de obrigação e outro que é alvo da mesma. No caso de (26), podemos identificar os sintagmas “un étranger” e “un fils” como sujeitos que são alvos de obrigação. Relativamente ao sujeito fonte de obrigação, podemos afirmar que se trata de um sujeito *doxal*. Quer dizer, os valores de “permissão” e “obrigação” são construídos em termos do que é permitido ou obrigatório relativamente aos valores *doxais* para um dado contexto e para um determinado tipo ou estereótipo de indivíduo. Note-se o valor genérico dos sintagmas que constituem os sujeitos alvos de obrigação marcado pelo artigo indefinido “un”. Assim, temos a evocação de duas representações pré-existentes distintas às quais são atribuídas valores de “permissão” e “obrigação” diferentes. Deste modo, o evento “tomar café” é classificado com dois valores distintos: “certo” para um “estrangeiro” e “errado” para um “filho enlutado”.

Dado o seu grau de parentesco, o protagonista encontra-se inserido no estereótipo de “filho”. Simultaneamente, existe um movimento de inscrição do protagonista no estereótipo de “estranho” através desta evocação *doxal*. Ou, por outras palavras, a evocação de dois comportamentos atribuídos a duas representações pré-existentes, aliada à descrição do comportamento do protagonista no testemunho correspondente ao comportamento atribuído a um “estrangeiro”, implica a inscrição deste nesse mesmo estereótipo. A dupla inscrição do protagonista em duas representações apresentadas em oposição uma à outra produz uma discrepância entre o estereótipo em que se insere devido ao grau de parentesco e o estereótipo em que se insere, por causa dos comportamentos realizados. Desta forma, existe a construção de um *ethos* de “estigmatizado”, isto é, um *ethos* construído pela desqualificação, de um filho que não

possui os atributos necessários para essa categorização. Nas palavras de Goffman: (1973: 81) «To be a given kind of person, then, is not merely to possess the required attributes, but also to sustain the standards of conduct and appearance that one's social grouping attaches thereto». Neste sentido, ser “filho” envolve mais do que a própria filiação sanguínea, requer uma determinada conduta que Mersault desconhece. Na perspectiva do grupo social presente no funeral, Mersault apresenta um comportamento que se encontra mais de acordo com o de um “estrangeiro” do que de um “filho”. Em (27), podemos verificar a presença do mesmo movimento de inscrição no estereótipo de filho através do sintagma “le lendemain de la mort de sa mère”:

(27) «Messieurs les jurés, **le lendemain de la mort de sa mère, cet homme prenait des bains, commençait une liaison irrégulière, et allait rire devant un film comique.** Je n'ai rien de plus à vous dire.» [142]

O determinante possessivo em “sa mère” reenvia para a inscrição no estereótipo “filho”. Já o substantivo “mort” evoca o contexto fúnebre. Por último, o sintagma “le lendemain” coloca em evidência a proximidade temporal entre a morte da mãe e os eventos relatados em seguida. Este sintagma constitui o primeiro termo na construção de contraste: temos, assim, a evocação do estereótipo de “filho enlutado” como termo de oposição. O segundo termo é composto pela sequência de enunciados que descreve os comportamentos do protagonista e cujo caráter lúdico entra em conflito com o estado emocional de tristeza expectável de um “filho enlutado”. Estes eventos são descritos numa sequência enumerativa, criando, assim, um efeito de acumulação. Encontramos, desta forma, o padrão contrastivo “X, Y” na relação de ambiguidade estabelecida.

Em (28), a intervenção do procurador apresenta uma estrutura semelhante à que descrevemos para a intervenção em (27): a repetição do sintagma “le lendemain de la mort de sa mère” reenvia para os mesmos valores descritos atrás e a sequência aditiva produz o mesmo efeito de acumulação.

(28) Le Procureur s'est alors retourné vers le jury et a déclaré : «Le même homme qui au lendemain de la mort de sa mère se livrait à la débauche la plus honteuse a tué pour des raisons futiles et pour liquider une affaire de mœurs inqualifiable.» [145]

Com efeito, a expressão “même” estabelece uma relação intradiscursiva com o excerto anterior. Deste modo, contribui para a construção de um *ethos* de “estigmatizado”, na medida em que são evocados comportamentos e disposições marginais à sociedade, enquanto se encontra inscrito no estereótipo de “filho”.

Existe um mecanismo de dupla inscrição em representações pré-existent divergentes. É precisamente na irreconciliação das duas imagens que é construído o *ethos* de “estigmatizado”, como já havia sido apontado no capítulo anterior.

3.1.1.4 *Ethe pré-discursivos: duas imagens concorrentes*

Até ao momento, abordamos as estratégias postas em prática pela acusação na construção de um veredicto de “culpado”. Em seguida, focaremos, no domínio da defesa, os discursos das testemunhas que procuram construir e transmitir um *ethos* positivo de Meursault. A incapacidade ou impossibilidade de comunicar este *ethos* favorável desencadeia nas testemunhas uma reação emocional, expressa no discurso através de marcas não-verbais ligadas a uma dimensão emotiva e através da repetição e da incoerência discursivas.

(29) Mais tout d’un coup, **Marie a éclaté en sanglot**, a dit que **ce n’était pas cela, qu’il y avait autre chose, qu’on la forçait à dire le contraire de ce qu’elle pensait, qu’elle me connaissait bien et que je n’avais rien fait de mal**. Mais l’huissier, sur un signe du président, l’a emmenée et l’audience s’est poursuivie.
[142/3]

A discrepância entre a imagem que Marie possui do protagonista, “qu’elle me connaissait bien et que je n’avais rien fait de mal”, e o *ethos* negativo de Meursault construído no julgamento e, sobretudo, a sua incapacidade de comunicar este *ethos* positivo do protagonista, “que ce n’était pas cela, qu’il y avait autre chose, qu’on la forçait à dire le contraire de ce qu’elle pensait”, conduzem a um estado emocional de “desespero”, mostrado no comportamento não verbal: “Marie a éclaté en sanglots” que mostra uma incapacidade de transmitir uma imagem positiva do protagonista.

No excerto seguinte (30), encontramos um desejo da testemunha em continuar o seu discurso a favor do protagonista, marcado pelo verbo volitivo “vouloir” (“Mais il a déclaré qu’il voulait encore parler”).

(30) Il allait continuer, mais le président lui a dit que c’était bien et qu’on remerciait. Alors Céleste est resté un peu interdit. Mais il a déclaré qu’il voulait encore parler. On lui a demandé d’être bref. **Il a encore répété que c’était un malheur.** Et le président lui a dit : «Oui, c’est entendu. Mais nous sommes là pour juger les malheurs de ce genre. Nous vous remercions.» Comme s’il était arrivé au bout de sa science et de sa bonne volonté, Céleste s’est alors retourné vers moi. **Il m’a semblé que ses yeux brillaient et que ses lèvres tremblaient.** [140]

O retorno à mesma premissa, introduzido pelo verbo “répéter” sugere a incapacidade em apresentar novos argumentos abonatórios, ou, por outras palavras, de transmitir um *ethos* positivo de Meursault. Esta incapacidade produz, à semelhança do excerto anterior, uma reação emocional de “desespero” também aqui mostrado em comportamentos não verbais: “ses yeux brillaient” e “ses lèvres tremblaient”. Deste modo, estamos perante duas imagens concorrentes de Meursault: um *ethos* de “estigmatizado”, fundamentado em índices de ausência afetiva manifestados no contexto do funeral e um *ethos* positivo que as testemunhas, que partilham uma relação de intimidade com o protagonista, procuram, sem sucesso, construir. A dimensão da “estigmatização” possui um valor social negativo de descrédito⁴⁹ do qual decorre a incapacidade em comunicar um *ethos* positivo de Meursault e que conduz as testemunhas a um estado emocional de “desespero”.

3.1.2 Reconfiguração do *ethos* pré-discursivo: *ethos* de “monstro”

Nos discursos da Acusação, encontra-se presente um movimento de reconfiguração do *ethos* pré-discursivo, o *ethos* de “estigmatizado”, recuperado através dos testemunhos; vai servir de base para a construção de um *ethos* de “monstro”. A conceção de “monstro” que fundamentará este *ethos* assenta no contraste entre características

⁴⁹ Recorde-se as palavras de Goffman (1963: 12) no que respeita os efeitos da estigmatização: «*especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem – e constitui uma discrepância entre a identidade social virtual e a identidade social real.*»

humanas e para-humanas. Desta forma, encontraremos uma caracterização do protagonista construída pela desqualificação. Goffman (1963:15) afirma sobre a percepção da sociedade da pessoa estigmatizada que:

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente e muitas vezes sem pensar, reduzimos as suas chances de vida. Construimos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada, em outras diferenças, tais como a classe social.

A nossa análise da construção do *ethos* de “monstro” assentará, primeiro, na exploração das diferentes isotopias elaboradas nos discursos da Acusação, em particular, no tipo de lexemas e estruturas sintáticas presentes e nas relações semânticas que estabelecem e, também, na evocação de vozes fictícias como estratégia de contra-argumentação.

3.1.2.1 Isotopias na construção do *ethos* de “monstro”

Segundo o *Dictionnaire d'analyse du discours* (Charaudeau/Maingueneau, 2002: 332) o conceito de isotopia, desenvolvido por Greimas (1966) no âmbito da semântica estrutural, prende-se com «les procédés concourant à la cohérence d'une séquence discursive ou d'une message». Segundo os autores (2002: 332), Greimas define isotopia como

Les mécanismes régulateurs contribuant à faire d'un énoncé ou d'un texte «une totalité de signification» (Greimas 1966: 53). Celle-ci résulte avant tout de «l'itérativité, le long d'une chaîne syntagmatique, de classèmes [traits sémantiques contextuels] qui assurent au discours-énoncé son homogénéité» (Greimas et Courtés 1979 : 197).

Para François Rastier (1985: 34) *isotopia* «apparaît comme un principe régulateur fondamental», isto é, não é a ocorrência de certos semas que determina a isotopia, mas é a «présomption d'isotopie qui permet d'actualiser des sèmes, voire *les sèmes*» (*id.*). Assim, iremos analisar as isotopias presentes no discurso do advogado de Acusação que participam na construção do *ethos* de “monstro”, procurando recuperar, ao nível lexical

e sintático, os elementos que contribuem para a organização do discurso ao serviço da elaboração desta imagem.

No excerto (31), o advogado de Acusação emprega, na sequência do testemunho de Raymond, a expressão “monstre moral” para denominar Meursault, introduzindo, assim, uma isotopia de “monstruosidade” que vai organizar o discurso da Acusação e contribuir para a construção do *ethos* de “monstro”.

(31) Il s’agissait d’un drame crapuleux de la plus basse espèce, aggravé du fait qu’on avait affaire à un **monstre moral**. [144/45]

O lexema “monstre” encontra-se inserido na categoria dos substantivos axiológicos, na terminologia de Kerbrat-Orecchioni (1980:73)⁵⁰. O lexema “monstre” possui um valor intrinsecamente negativo. Neste contexto, aponta para o domínio do não-humano ou do para-humano, no sentido em que x se encontra desprovido de características humanas positivas. O modificador adjetival (“moral”) define a natureza das características humanas que se encontram ausentes. Nesta expressão, podemos observar a evocação do domínio do para-humano, marcado pelo emprego do substantivo “monstre” e do domínio do humano através do lexema “moral”. Nas alegações finais, o advogado de Acusação evoca novamente estes dois domínios, através de uma caracterização negativa do protagonista:

(32) Il disait qu’il s’était penché sur elle [âme] et **qu’il n’avait rien trouvé**, messieurs les jurés. Il disait qu’à la vérité, **je n’en avais point d’âme**, et que **rien d’humain**, et **pas un des principes moraux qui gardent le cœur des hommes ne m’était accessible**. [153]

A caracterização de Meursault é construída na base de estruturas de negação: “il n’avait rien trouvé”, “je n’en avais point d’âme”, “rien d’humain, et pas un des principes moraux [...] ne m’était accessible”. Se analisarmos estas estruturas de negação em termos de enunciados polifónicos, podemos observar que os dois enunciadores colocados em cena evocam características que correspondem ao domínio do humano e

⁵⁰ Para a investigadora, este tipo de substantivo «cumule[nt] deux types d’information d’ailleurs indissociables: une description du dénoté; un jugement évaluatif, d’appréciation ou de dépréciation, porté sur ce dénoté par le sujet d’énonciation» (1980:73).

ao domínio do para-humano: E₀ liga-se à esfera do humano (“il avait trouvé x”, “j’ai [une] âme”, “les principes moraux [...] m’éta[ient] accessibles”), enquanto E₁ se relaciona com o domínio do para-humano. Esta oposição é construída, na medida em que os termos negados (“âme”, “humain”, “principes moraux”) fazem parte da esfera do humano. É de notar que a frase relativa “qui gardent le cœur des hommes” ligada ao sintagma “principes moraux” aponta, por um lado, para a inserção do termo no domínio do humano, evocando, assim, uma voz *doxal*, e, por outro, marca, em combinação com a estrutura de negação, a exclusão do protagonista desta categoria.

Se nos excertos anteriores assistimos à caracterização por desqualificação, nas passagens que analisaremos em seguida é construído um valor de “ameaça/perigo⁵¹” na relação entre o protagonista e a sociedade.

(33) Surtout lorsque **le vide du cœur** tel qu’on le découvre chez cet homme devient un **gouffre où la société peut succomber**.» [153]

Ao nível do léxico, encontramos no sintagma “le vide du cœur” a evocação do domínio do “humano” através do substantivo “cœur” que se relaciona com características psicológicas e morais positivas e do “para-humano” por meio do lexema “vide” cujo complemento aponta para a ausência dessas características positivas. Assim, encontramos mais uma vez uma caracterização do protagonista por desqualificação. O valor de “ameaça” é construído, primeiro, pelo substantivo “gouffre” que aponta para a ideia de uma cavidade cuja grande profundidade constitui um perigo e, segundo, pelo verbo “succomber” que na relação com o modal “pouvoir”, com valor de “possibilidade”, acarreta dimensões semânticas de “destruição”. Estas duas dimensões encontram-se relacionadas através do sujeito “le vide du cœur” e do predicado “devient un gouffre où la société peut succomber”. Assim, encontramos um valor de “ameaça” para a sociedade cuja fonte é atribuída ao protagonista. Esta “ameaça” conduz à exclusão e ao afastamento do indivíduo da sociedade. Servimo-nos mais uma vez das palavras de Goffman (1963:28) para documentar este movimento de distanciamento:

⁵¹ Recorde-se a reflexão de Goffman (1967: 40) a propósito da função social dos códigos rituais e o seu valor na sociedade: «*The ritual code itself requires a delicate balance, and can be easily upset by anyone who upholds it too eagerly or not eagerly enough, in terms of the standards and expectations of his group. Too little perceptiveness, too little savoir-faire, too little pride and considerateness, and the person ceases to be someone who can be trusted to take a hint about himself or give a hint that will save others embarrassment. Such a person comes to be a real threat to society; there is nothing much that can be done with him, and often he gets his way*». [negrito nosso]

Quando conhecida ou manifesta essa discrepância estraga a sua identidade social; ela tem como efeito afastar o indivíduo da sociedade e de si mesmo de tal modo que ele acaba por ser uma pessoa desacreditada frente a um mundo não receptivo. (1963: 28)

No excerto (34), a ideia de exclusão é ativada pelo verbo “retrancher” que articula a temática do crime com a temática do falecimento da mãe de Meursault. Há uma recategorização do falecimento da mãe como homicídio e, portanto, estranho à sociedade dos homens:

(34) Toujours selon lui, un homme qui tuait moralement sa mère se **retranchait de la société des hommes** au même titre que celui qui portait une main meurtrière sur l’auteur de ses jours. [154]

A aproximação que assim é estabelecida entre as duas temáticas é apresentada como fundamento moral para a criminalização do protagonista. Esta dupla evocação temática reaparece também no seguinte excerto:

(35) «Enfin, **est-il accusé d’avoir enterré sa mère ou d’avoir tué un homme ?**» Le public a ri. Mais le procureur s’est redressé encore, s’est drapé dans sa robe et a déclaré qu’il fallait avoir l’ingénuité de l’honorable défenseur pour ne pas sentir qu’il y avait entre ces deux ordres de faits une relation profonde, pathétique, essentielle. «**Oui, s’est-il écrié avec force, j’accuse cet homme d’avoir enterré une mère avec un cœur de criminel.**» [145/6]

Em (35), existe uma intervenção reativa por parte da Defesa à deslocação argumentativa do crime para o contexto fúnebre. Esta intervenção é formulada através de uma pergunta retórica cuja estrutura disjuntiva coloca em evidência a separação das duas temáticas. Na intervenção do procurador, encontramos o movimento inverso de relacionamento dos dois tópicos, realizado por meio da justaposição de duas imagens: a de “filho”, através do sintagma “avoir enterré une mère” e de “criminoso” através do modificador “avec un coeur de criminel”. Esta justaposição é apresentada com um valor axiológico negativo, uma vez que é introduzida pelo verbo locutório “acuser” que se insere na categoria dos verbos de julgamento (x acusa y de z).

Retomando o tópico da exclusão, atentemos no seguinte excerto:

(36) Il a déclaré que **je n’avais rien à faire avec une société dont je méconnaissais les règles les plus essentielles** et que **je ne pouvais pas en appeler à ce cœur humain dont j’ignorais les réactions élémentaires**. [155]

Num primeiro momento, existe uma reafirmação da exclusão do protagonista da sociedade. As estruturas negativas “je n’avais rien à faire avec une société” e “je ne pouvais pas en appeler à ce cœur humain” constituem marcadores de afastamento, primeiro, da sociedade, e, segundo, da natureza humana. É precisamente na relação divergente com os valores *doxais* que analisámos no capítulo anterior que este movimento de exclusão é fundamentado: “je méconnaissais les règles les plus essentielles”, “j’ignorais les réactions élémentaires”. É de realçar o emprego de verbos com valor epistemológico de “desconhecimento” relativamente aos sintagmas “règles” e “réactions” que pressupõe valores *doxais* fundamentais, mostrados na adjetivação “essentielles” e “élémentaires”; coloca, assim, em foco a desproporção do grau de conhecimento face ao grau de notoriedade do objeto.

A isotopia do “crime” construída nos discursos da Acusação é constituída igualmente por lexemas que apontam para um *ethos* de “monstro”:

(37) «Pas une seule fois au cours de l’instruction cet homme n’a paru ému de son **abominable forfait**» [152]

(38) Il s’agissait d’un **drame crapuleux de la plus basse espèce**, aggravé du fait qu’on avait affaire à un monstre moral. [144]

Ao nível dos substantivos, os lexemas “forfait” e “drame” possuem um valor intrinsecamente negativo: o lexema “forfait” contém, em primeiro lugar, uma descrição do objeto, neste caso, o crime e, em segundo lugar, comporta um julgamento negativo de caráter axiológico; o lexema “drame” aponta para a ideia de tragédia, sustentada pela qualificação de “drame” como “crapuleux”, e compreende igualmente um juízo avaliativo da situação.

A adjetivação contribui para a construção de um valor negativo inserido no domínio do monstruoso. O adjetivo “abominable” que qualifica o lexema “forfait”, sugere uma reação de aversão ou repulsa e até mesmo de horror que se liga ao conceito de “monstro”. A dupla qualificação do substantivo “drame” que se insere no domínio da

avaliação axiológica no seu polo negativo aponta para o mesmo conceito: o adjetivo “crapuleux” reforça os com valores negativos de natureza moral e o sintagma preposicional “de la plus basse espèce” na sua construção superlativa aponta igualmente para a esfera do imoral.

Por último, encontramos ainda nos discursos da Acusação uma isotopia de “marginalidade” construída relativamente às testemunhas que se encontram numa relação de intimidade com o protagonista, nomeadamente, Marie Cardona e Raymond Sintès. Esta isotopia comporta uma dupla função: a construção de um valor negativo na esfera da “moralidade” que contribui para a elaboração de um *ethos* de “monstro” e a descredibilização das testemunhas por associação às características negativas atribuídas ao protagonista. Nesta isotopia, encontramos dois domínios de referência: em primeiro lugar, a pessoa, e, em segundo lugar, a relação que estes partilham com o protagonista. Relativamente ao domínio da pessoa, podemos observar os seguintes excertos:

(39) J’ai mis du temps à le comprendre, à ce moment, parce qu’il disait «**sa maîtresse**» et pour moi, elle était Marie. [151]

(40) Ce qu’il disait était plausible. J’avais écrit la lettre d’accord avec Raymond pour attirer sa maîtresse et la livrer aux mauvais traitements d’un **homme «de moralité douteuse»**. [151]

A designação de Marie Cardona através do substantivo “maîtresse” aponta, num primeiro momento, para o caráter sexual da relação que esta mantém com Meursault e, num segundo momento, para o valor *doxal* “casamento”, relativamente ao qual “maîtresse” se individualiza e distancia negativamente. Desta forma, encontramos latente um valor de transgressão do valor *doxal* “casamento” na sua conceção católica e ocidental. No caso de Raymond Sintès, a sua designação através do sintagma “homme de moralité douteuse” sugere uma relação marginal com os valores *doxais* marcada pelo adjetivo “douteuse”; formulando, assim, um juízo avaliativo negativo. No exemplo seguinte, esta dimensão de descredibilização da personagem Raymond, e, por consequência, de Meursault está, mais uma vez presente:

(41) Pour finir, il a demandé à Raymond quels étaient ses moyens d’existence, et comme ce dernier répondait : «Magasinier», l’avocat général a déclaré aux jures que de notoriété générale **le témoin exerçait le métier de souteneur. J’étais son complice et son ami.** [144]

Há um ataque à imagem de Raymond e, conseqüentemente, à sua credibilidade, através da atribuição de uma “profissão” que estereotipicamente é desempenhada por marginais à sociedade. Ou seja, a atribuição desta “profissão” implica, simultaneamente, a construção de um *ethos* negativo. Na seqüência da apresentação deste *ethos* negativo da testemunha, a caracterização da relação próxima entre ela e o réu reforça a descredibilização do protagonista.

A referência ao tipo de relações que as testemunhas mantêm com o protagonista aponta igualmente para o domínio da “marginalidade”, no caso de Marie, na esfera de uma *marginalidade* sexual e, no caso de Raymond, ao nível da sua *marginalidade* relativamente à sociedade.

(42) Messieurs les jurés, le lendemain de la mort de sa mère, cet homme prenait des bains, commençait une **liaison irrégulière**, et allait rire devant un film comique.
[142]

(43) Le même homme qui au lendemain de la mort de sa mère **se livrait à la débauche la plus honteuse** a tué pour des raisons futiles et pour liquider **une affaire de mœurs inqualifiable.**» [145]

No excerto (43), a adjetivação de caráter pejorativo do substantivo “liaison” pelo adjetivo “irrégulière” sugere uma relação que não se encontra conforme aos valores *doxais*. Evoca-se, aqui, mais uma vez o valor *doxal* “casamento”. Já no excerto (44), podemos verificar o emprego de lexemas subjetivos inscritos no domínio do avaliativo. Em primeiro lugar, a expressão “se livrer à la débauche” evoca uma imagem associada a comportamentos excessivos e desregrados. Esta expressão pode ainda evocar uma imagem de libertinagem, referindo-se especificamente à falta de valores morais deste estilo de vida. A adjetivação da expressão através da forma superlativa do adjetivo “honteuse” reforça essa imagem de degradação moral, que culmina com o sintagma “une affaire de mœurs inqualifiable” que faz referência ao conflito de Raymond com os árabes que conduziu ao crime. A transgressão de valores ligados ao domínio da “moralidade”, isto é, na dimensão da *marginalidade*⁵², contribui para a construção de

⁵² A *marginalidade* está ligada à dimensão grupal :

«Sans doute, ajoutait-il, nous ne saurions le lui reprocher. Ce qu'il ne saurait acquérir, nous ne pouvons nous plaindre qu'il en manque. Mais quand il s'agit de cette cour, la vertu toute négative de la tolérance doit se muer en celle, moins facile, mais plus élevée, de la justice.» [150/ 153]

O pronom “nous”, por oposição ao pronom “il” que se refere a Meursault, é essencial na construção de um *ethos* de “monstro”, já que o protagonista se encontra excluído desta dimensão grupal.

um *ethos* de “monstro”, ao mesmo tempo que afeta negativamente a credibilidade das testemunhas.

3.1.2.2 Estratégias de dramatização: pathos

Aliada à construção de um *ethos*, é importante considerar também a elaboração de um determinado *pathos*. O contexto jurídico constitui um espaço por excelência de construção de imagens, mas também de emoções que constituem uma parte integrante do *ethos*. Atentemos, então, no conceito de *pathos* e nos seus efeitos em correlação com a construção do *ethos* de “monstro”. Como já referimos, o conceito retórico de *pathos* reenvia a uma das três provas de persuasão aristotélicas: *ethos*, *logos* e *pathos*.

As provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no caráter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que se demonstra ou parece demonstrar. (1356a)

Quando falamos de *pathos* encontramos-nos no domínio da “disposição do ouvinte”. Na definição de Aristóteles,

Persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos variam conforme sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio. [1356a]

No âmbito do quadro teórico da Análise Linguística do Discurso, podemos mencionar os trabalhos de Patrick Charaudeau (2000, 2008) sobre os “effets pathémiques” nos discursos televisivos e nos discursos políticos. Na perspectiva de Charaudeau (2008 : 49), as emoções

relèvent d’une «rationalité subjective» parce que – cela nous vient de la phénoménologie –, elles émanent d’un sujet dont on suppose qu’il est fondé en «intentionnalité», elles sont orientées vers un objet «imaginé» parce que cet objet est arraché à la réalité pour devenir un «réel» signifiant, le rapport entre ce sujet et cet objet se fait par la médiation de représentations.

Segundo o investigador (2008:49), as emoções encontram-se ligadas a representações sociais⁵³. Charaudeau refere ainda que a emoção deve ser considerada como um “*effet possible*” que pode ser produzido por um discurso num determinado contexto e perante um determinado público. No contexto do discurso judicial, estamos perante a procura de adesão do júri a um ponto de vista, a um universo de crença construído pelo discurso a favor ou contra a inocência do réu. Analisaremos, primeiro, os mecanismos de construção de um *pathos* de “indignação” e “repulsa” relativamente ao réu ao serviço de uma estratégia de dramatização posta em prática pela Acusação. O discurso atributivo é marcado pela descrição de gestos modificadores dos verbos introdutórios de discurso relatado.

Como já referimos, a comunicação não é um processo monocanal, mas um fenómeno multicanal, quer dizer, além da vertente verbal, existem fatores na esfera do não-verbal, do gestual, vocal e mímico que constituem elementos preponderantes na análise comunicativa.

Nas secções precedentes deste capítulo, examinámos, entre outros elementos, os discursos realizados pela Acusação. Neste momento, iremos abordar os gestos comunicativos que acompanham e complementam esses mesmos discursos e participam na construção de um *pathos* de “indignação” e “repulsa”. Nos excertos que seleccionámos, podemos distinguir quatro tipos de gestos comunicativos: o tom de voz, a intensidade articulatória, a orientação do corpo e os gestos. Relativamente à estrutura sintática em que se encontram os modificadores dos verbos introdutórios de discurso relatado seguiremos a proposta apresentada por Marques e Ribeiro (2011a:84). Podemos distinguir, assim, as seguintes estruturas sintáticas: verbo + complemento preposicional e verbo + advérbio.

Consideremos, em seguida, os excertos relativos ao tom de voz:

(44) Puis le président a demandé à l’avocat général s’il n’avait pas de question à poser au témoin et le procureur **s’est écrié** : «Oh ! non, cela suffit» [...]. [136]

⁵³ Charaudeau (2008:49) : «*c’est parce que les émotions se manifestent dans un sujet « à propos » de quelque chose, qu’il se figure, disions-nous, qu’elles peuvent être dites représentationnelles. La pitié ou la haine qui se manifeste chez un sujet n’est pas le simple résultat d’une pulsion, ne se mesure pas seulement à une sensation d’échauffement à une poussée d’adrénaline ; elle s’éprouve à la représentation d’un objet vers lequel tend le sujet ou qu’il cherche à combattre. Et comme ces connaissances sont relatives au sujet, aux informations qu’il a reçues, aux expériences qu’il a faites et aux valeurs qu’il leur attribue, on peut dire que les émotions ou les sentiments sont liés à des croyances.*»

- (45) «Oui, **s'est-il écrié avec force**, j'accuse cet homme d'avoir enterré une mère avec un cœur de criminel.» [146]
- (46) Jusqu'au moment, du moins, où l'avocat général s'est arrêté et après un moment de silence, **a repris d'une voix très basse et très pénétrée** : «Cette même cour, messieurs, va juger demain les plus abominable des forfaits : le meurtre d'un père.» [154]

A propósito do tom de voz, podemos observar a presença de uma elevação do mesmo em contexto de intervenções reativas e simultaneamente conclusivas. Com efeito, a elevação do tom de voz sublinha o caráter conclusivo das intervenções e ao mesmo tempo marca o posicionamento do locutor num lugar de dominância ao nível da eficácia argumentativa⁵⁴. A diminuição do tom de voz (48) e o abrandamento da velocidade de elocução (49) produzem um efeito de gravidade, reforçando assim a valorização negativa dos argumentos apresentados:

- (47) Le procureur **s'est alors levé**, très grave et **d'une voix que j'ai trouvée vraiment émue, le doigt tendu vers moi, il a articulé lentement** : «Messieurs les jurés, le lendemain de la mort de sa mère, cet homme [...]» [143]

Ainda neste exemplo, outras marcas corporais sublinham a gravidade da situação e o estado emotivo do locutor. A passagem da posição de sentado para a de levantado (“le procureur s'est alors levé”) marca uma intervenção reativa conclusiva e constitui uma marca de dominância⁵⁵.

Este movimento é acompanhado de um gesto acusador (“le doigt tendu vers moi” [143]; « il s'est tourné vers moi et m'a désigné du doigt en continuant à m'accabler sans qu'en réalité je comprenne bien pourquoi» [152]) que se repete noutros momentos do julgamento. A indigitação possui, além de uma função demonstrativa em complemento

⁵⁴ Sobre o papel taxémico do tom de voz, Kerbrat-Orecchioni (1992:80) afirma que «*Soit ainsi le cas de l'intensité vocale: dans bien des situations (en particulier en cas de conversation à partenaires multiples), celui qui parvient à imposer sa parole, donc à s'imposer dans l'interaction, c'est lui qui parle le plus fort*».

⁵⁵ Veja-se, a propósito das saudações, o papel determinante da postura do corpo: «*Iconically dominant greetings are those that involve body-lowering (...). Body manipulation in the vertical axis is probably the most widespread and pervasive feature of respectful greetings. (...) the association between height and power stems from the fact that high locations afford strategic advantages over low locations, with the result that individuals in raised locations are able to command those below them*». (Collett 1983: 217, *apud* Kerbrat-Orecchioni, 1992: 78)

do determinante demonstrativo no sintagma “cet homme” em (49), uma função acusatória. É esta a função que é privilegiada na interação em análise.

O *pathos* de “indignação” é construído em correlação à apresentação do *ethos* de “monstro”. Na verdade, a “indignação” surge como uma emoção desencadeada pela apresentação da “monstruosidade” do protagonista.

3.2 De um *ethos* de “normalidade” para um *ethos* de “vulnerabilidade”: confronto dos *ethe* auto e hetero construídos

Nesta secção, iremos examinar a construção dos *ethe* autoconstruídos de “normalidade” e de “criminoso”. Estas imagens são essenciais no contexto do julgamento, uma vez que revelam as duas dimensões antagónicas que decorrem do núcleo da argumentação da Acusação: a dimensão social, isto é, a imagem do protagonista enquanto “membro” de uma comunidade face à dimensão do crime, da sua natureza. Procuraremos ainda colocar em destaque as relações que o protagonista estabelece entre estas imagens.

Relativamente ao *ethos* de “normalidade”, vejamos os seguintes excertos:

(48) Il est parti avec un air fâché. J’aurais voulu le retenir, lui expliquer que je désirais sa sympathie, non pour être mieux défendu, mais, si je puis dire, naturellement. Surtout, je voyais que je le mettais mal à l’aise. Il ne me comprenait pas et il m’en voulait un peu. J’avais le désir de lui affirmer que **j’étais comme tout le monde, absolument comme tout le monde**. Mais tout cela, au fond, n’avait pas grande utilité et j’y ai renoncé par paresse⁵⁶. [101]

(49) Sans transition, il m’a demandé si j’aimais maman. J’ai dit : «Oui, **comme tout le monde**» et le greffier, qui jusqu’ici tapait régulièrement sur sa machine, a dû se tromper de touches, car **il s’est embarrassé** et a été obligé de revenir en arrière. [103]

Como em interações anteriores, encontramos, nestes excertos, uma reação negativa do interlocutor. A percepção desta reação produz no protagonista um desejo de afirmação de uma postura de “normalidade” de forma a modificar a imagem negativa que acredita

⁵⁶ O enunciado “j’y ai renoncé par paresse” remonta a uma atitude de passividade que ligamos ao *ethos* de “indiferença”. Note-se, pois, que o desejo expresso metadiscursivamente não conduz a uma reação verbal.

que o seu interlocutor construiu de si. Ao afirmar que “j’étais comme tout le monde”, para além da afirmação de “normalidade” (*ethos* dito), há uma tentativa de inclusão na sociedade, marcada na estrutura comparativa introduzida por “comme”, repetida e superlativizada (“absolument comme tout le monde”). Se, por um lado, encontramos a perspetivação de uma imagem de si de “normalidade”, uma imagem conforme à esperada dos membros da sociedade, existe, por outro, a perceção de que a imagem que os outros elaboram dele é claramente divergente: “je voyais que je le mettais mal à l’aise” e “Il ne me comprenait pas et il m’en voulait un peu”, “le greffier [...] a dû se tromper de touches, car il s’est embarrassé”. Mais uma vez, a reação do interlocutor aponta para uma perceção da realidade diferente daquela expressa pelo protagonista. Com efeito, a afirmação de inclusão nos comportamentos e ideais da comunidade conduz a uma reação de desconcerto no interlocutor, fazendo sobressair de modo implícito uma imagem de “anormalidade”. Vejamos, agora, as marcas de um desejo de inclusão na sociedade:

(50) Quelquefois aussi, **quand la conversation était d’ordre général, on m’y mêlait**. Je commençais à respirer. Personne, en ces heures-là, n’était méchant avec moi. **Tout était si naturel**, si bien réglé et si sobrement joué que **j’avais l’impression ridicule de «faire partie de la famille»**. Et au bout des onze mois qu’a duré cette instruction, je peux dire que je m’étonnais presque de m’être jamais réjouis d’autre chose que de ces rares instants où le juge me reconduisait à la porte de son cabinet en me frappant sur l’épaule et en me disant d’un air cordial : «C’est fini pour aujourd’hui, monsieur l’Antéchrist.» On me remettait alors entre les mains des gendarmes. [109]

A inclusão do protagonista na conversação produz um sentimento de pertença numa microcomunidade, perspetivado como “faire partie de la famille”. Contudo, o próprio contexto da interação, a sala do juiz, sugere a inadequação desse sentimento de pertença, expressa ainda na voz do protagonista através da caracterização modalizante do substantivo “impression” modificado pelo adjetivo avaliativo “ridicule”.

Na dimensão do crime, encontramos um *ethos* de “criminoso” que difere, relativamente à natureza do crime, da conceção de criminoso apresentada no contexto do julgamento. Como podemos observar no excerto (51), o protagonista enuncia o conceito de crime

que acredita ter cometido e, por conseguinte, pelo qual será julgado: “j’avais tué un homme”.

(51) Il m’a paru très raisonnable et, somme toute, sympathique, malgré quelques tics nerveux qui lui tiraient la bouche. En sortant, j’allais même lui tendre la main, mais je me suis souvenu à temps que **j’avais tué un homme**⁵⁷. [98]

Note-se ainda a regulação e construção do *ethos* de “criminoso” relativamente à realização de certos comportamentos sociais, como a saudação: o evitamento do contacto físico, no seu valor ritual de cumprimento, marca uma separação não só social, mas também física. Desta forma, existe um movimento de autoexclusão. No excerto (52), encontramos novamente o *ethos* de “criminoso” como elemento regulador, não só da conduta social, mas também das emoções.

(52) À vrai dire, je l’avais très mal suivi dans son raisonnement, d’abord parce que j’avais chaud et qu’il y avait dans son cabinet de grosses mouches qui se posaient sur ma figure, et aussi parce **qu’il me faisait un peu de peur. Je reconnaissais en même temps que c’était ridicule parce que, après tout, c’était moi le criminel.** [104]

Na verdade, existe na construção deste *ethos mostrado* uma imagem estereotipada, representação coletiva de “criminoso”, inspiradora de receio. Contudo, não há assimilação do protagonista a este *ethos*. Esta imagem de “criminoso” não é pacífica, isto é, o protagonista apresenta uma dificuldade ou incapacidade de assimilação a este *ethos*. De facto, existe uma incapacidade de assimilação, não só em termos do *ethos* de “criminoso”, mas relativamente a papéis ou estatutos sociais. Tal como observámos no capítulo precedente, certos papéis sociais, como “filho”, “funcionário” ou “namorado”

⁵⁷ A conceção de crime e, por conseguinte, de “culpabilidade”, expressa neste excerto refere-se ao crime, enquanto homicídio do árabe. Contudo, a admissão de “culpa”, presente na seguinte passagem, refere-se, não a esta conceção, mas se à dimensão de “estigmatização” que, no espaço judicial, fundamenta o *ethos* de “monstro”

Il a dit que je n’avais pas voulu voir maman, que j’avais fumé, que j’avais dormi et que j’avais pris du café au lait. J’ai senti alors quelque chose qui soulevait toute la salle et, pour la première fois, j’ai compris que j’étais coupable. [136]

Com efeito, a percepção da reação do júri (“J’ai senti alors quelque chose qui soulevait toute la salle) aos comportamentos “desviantes” de Meursault e a construção do *ethos* de “culpado” encontram-se relacionadas através do marcador discursivo “et” que, neste contexto, adquire um valor de “revelação”. Devemos, no entanto, colocar em questão o grau de assimilação do protagonista relativamente ao seu enunciado.

nos quais o protagonista se vê inserido, são desempenhados de forma deficiente relativamente às expectativas que estes comportam, devido, essencialmente, ao alheamento de Meursault relativamente aos valores *doxais* da comunidade. As imagens que o protagonista dá de si, ao nível da sua representação social, como membro da comunidade e como criminoso, são fundamentais no desfecho da intriga, especialmente, pelo confronto dos *ethe* auto e heteroconstruídos, que suporta o *ethos* global de “desajuste”.

Tal como o júri, Meursault encontra-se, durante o julgamento, numa posição de espectador e, desta forma, sujeito aos “effets pathémiques” da apresentação do *ethos* de “monstro”, sobretudo, na medida em que este *ethos* entra em conflito com a imagem que Meursault possui de si e do seu crime.

Do confronto entre o *ethos* heteroconstruído de “monstro” e o *ethos* autoconstruído de “normalidade” vai emergir um *ethos* de “vulnerabilidade” que revela uma dimensão afetiva do protagonista, e que até ao momento se encontrava ausente da obra:

(53) Puis le président a demandé à l’avocat général s’il n’avait pas de question à poser au témoin et le Procureur s’est écrié : «Oh ! non, cela suffit», avec un tel éclat et un tel regard triomphant dans ma direction que, pour la première fois depuis bien des années, **j’ai eu une envie stupide de pleurer parce que j’ai senti combien j’étais détesté par tous ces gens-là.**

Em (53), podemos observar a presença de lexemas que apontam precisamente para essa dimensão emotiva. A expressão “avoir envie de pleurer” convoca semanticamente reações emocionais de tristeza em relação aos comportamentos não verbais do advogado que Meursault interpreta como sinais de ódio. A mesma vulnerabilidade surge em diferentes momentos do julgamento, ativada sempre por comportamentos não verbais.

(54) Il m’a semblé que **ses yeux brillaient et que ses lèvres tremblaient.** Il avait l’air de me demander ce qu’il pouvait encore faire. **Moi, je n’ai rien dit, je n’ai fait aucun geste, mais c’est la première fois de ma vie que j’ai eu envie d’embrasser un homme.**

Este excerto está na sequência do testemunho de Céleste, cujas tentativas para construir um *ethos* positivo de Meursault não são, como atrás vimos, bem sucedidas. Ao nível lexical, encontramos mais uma vez a presença de lexemas da esfera da emotividade: a mesma expressão verbal volitiva “avoir envie” e o verbo afetivo “embrasser” constituem a manifestação de um sentimento de “gratidão” de Meursault em relação a Céleste.

É de notar, contudo, que a emoção mostrada (“c’est la première fois de ma vie que j’ai eu envie d’embrasser un homme”) não é manifestada gestualmente (“Moi, je n’ai rien dit, je n’ai fait aucun geste”). A ausência de índices de emotividade, presente na construção negativa dos enunciados, contribui para a construção de uma imagem de “insensibilidade” que, como vimos no capítulo precedente, integra o *ethos* de “estigmatizado” e suporta o *ethos* de “monstro”. Contudo, a relação divergente entre a emoção pensada e a ausência de emoção manifestada sugerem que esta imagem de “insensibilidade” é, afinal, uma “pseudoinsensibilidade”, que não corresponde aos sentimentos expressados discursivamente.

Em (55), existe um desejo em expor e justificar o seu ponto de vista em relação aos eventos debatidos durante o julgamento:

(55) **J’aurais voulu essayer de lui expliquer cordialement, presque avec affection**, que je n’avais jamais pu regretter vraiment quelque chose. **J’étais toujours pris par ce qui allait arriver**, par aujourd’hui ou par demain. Mais naturellement, dans l’état où l’on m’avait mis, je ne pouvais parler à personne sur ce ton. Je n’avais pas le droit de me montrer affectueux, d’avoir de la bonne volonté.
[152]

Tal explicação centra-se numa incapacidade autoatribuída de sentir arrependimento, um argumento que é reforçado pelo enunciado “J’étais toujours pris par ce qui allait arriver” cuja construção passiva, que coloca o protagonista numa posição de “objeto/tema”, aponta para uma ausência de agentividade que regula, tal como verificamos na análise do *ethos* de “indiferença”, decisões e eventos significativos da vida do protagonista e que é recorrente ao longo do texto.

Este desejo encontra-se, contudo, regulado pelo *ethos* de “monstro” que constitui o referente do sintagma “dans l’état où l’on m’avait mis”. Desta forma, este desejo de explicação é articulado, através do conector “mais”, a valores deônticos de “proibição”.

Note-se que os valores de “proibição” (“je ne pouvais parler”, “Je n’avais pas le droit”) estão ligados à manifestação de uma dimensão afetiva que é inconciliável com o *ethos* de “monstro”. O valor de “permissão” aponta para os valores de deônticos das pessoas “normais”, na terminologia de Goffman (1963), por oposição a pessoas “estigmatizadas”, (“Je pouvais parler sur ce ton”/ “J’ai le droit de me montrer affectueux”), enquanto o valor de “proibição” é imputado ao *ethos* de “monstro”. Assim, o *ethos* de “monstro” torna-se, na perspectiva de Meursault, o regulador da manifestação de afetividade e, conseqüentemente, da construção de possíveis imagens positivas do protagonista.

Deste confronto entre um *ethos* de “normalidade” e um *ethos* de “monstro”, que decorre da percepção do “desajuste” entre a imagem que Meursault tem de si e a imagem que os outros dele construíram emerge um *ethos* de “vulnerabilidade”. Na verdade, a imagem de “desajuste”, de “marginalidade”, que as outras personagens construíram do protagonista nas interações que sucederam a morte da mãe, só no espaço judicial é apreendida por Meursault.

CAPÍTULO IV: O EXPLICIT DE L'ÉTRANGER - ETHOS DE UM HERÓI ABSURDO?

Neste último capítulo, analisaremos o *explicit* da obra, procurando reconstruir o *ethos* final do herói e, ao mesmo tempo, relacioná-lo com as imagens parcelares que explorámos nos capítulos precedentes e com o *ethos* global de “desajuste”. De forma a compreendermos os sentidos globais do romance é necessário, primeiro, enquadrarmos a obra na corrente literária em que se inscreve. O romance *L'étranger* faz parte de um conjunto de obras, muitas vezes apelidado de Trilogia do Absurdo. Recordemos as palavras do escritor sobre a sua obra:

J'avais un plan précis quand j'ai commencé non œuvre: je voulais d'abord exprimer la négation. Sous trois formes. Romanesque : ce fut *L'étranger*. Dramatique: *Caligula*, *Le malentendu*. Idéologique: *Le mythe de Sisyphe*. (Comte-Sponville, 1997 : 171)

O conceito de absurdo constitui uma categoria filosófica do existencialismo francês, cujas origens remontam ao século XIX, com as obras de Kierkegaard. Contudo, a noção de *absurdo* não se circunscreve apenas a uma escola do pensamento filosófico; também na literatura podemos observar as suas manifestações; nomeadamente no romance (*La nausée* de Jean-Paul Sartre, 1938), mas, sobretudo, no teatro do pós-guerra, mais conhecido por *teatro do absurdo*, cujos principais expoentes foram Samuel Beckett, Eugène Ionesco e Fernando Arrabal. Como temas centrais da expressão literária do absurdo encontramos a incoerência do mundo, a incomunicabilidade, a solidão, a angústia e a fuga na ilusão.

Em 1943, Albert Camus publica *Le mythe de Sisyphe*⁵⁸, onde, segundo Comte-Sponville (1997;160/1), apresenta sob a forma de ensaio a sua reflexão sobre o conceito de absurdo. Desta forma, Camus elegerá a figura de Sísifo⁵⁹ como o herói absurdo, pois

⁵⁸ As referências entre parênteses referem-se à obra *Le Mythe de Sisyphe*, inserida no volume *Essais* da Bibliothèque de la Pléiade (Paris, Gallimard, 1965, réed. 1990).

⁵⁹ Segundo Pierre Grimal (2009), Sísifo, filho de Éolo, pertencia à raça de Deucalião. De acordo com o mito, quando Zeus raptou Egina, filha de Asopo, ao levá-la de Fliunte para Enone, passou por Corinto e Sísifo viu-o. Assim, quando Asopo, procurando a filha por toda a parte, se apresentou junto a ele, prometeu revelar-lhe o nome do raptor, apenas se Asopo fizesse brotar uma nascente na cidadela de Corinto. Asopo concordou e Sísifo disse-lhe que o

«son mépris des dieux, sa haine de la mort et sa passion pour la vie, lui ont valu ce supplice indicible où tout l'être s'emploie à ne rien achever» (1990 : 196). Atentaremos na conceção camusiana do conceito de absurdo. Primeiramente, Camus estabelece uma distinção entre o conceito/noção e o sentimento de absurdo. Como conceito, o absurdo nasce sempre de uma comparação entre dois termos e «l'absurdité sera d'autant plus grande que l'écart croîtra entre les termes de ma comparaison» (1990: 120). Importa sublinhar que o conceito de absurdo não se opõe à racionalidade nem se encontra desprovido de sentido; pelo contrário, exatamente por ser provido de um sentido, se torna possível ser absurdo – o seu sentido é contraditório e o próprio ato de não compreender pressupõe a faculdade de compreensão. Nesta obra, o escritor centrar-se-á na relação do homem com o mundo.

Tal definição permite situar o absurdo: « Sur le plan de l'intelligence, je puis donc dire que l'absurde n'est pas dans l'homme, [...] ni dans le monde, mais dans leur presence commune.» (1990:120). Com efeito, o absurdo não se encontra nem no homem nem no mundo, mas sim no seu confronto. Camus sintetiza a sua reflexão da seguinte forma: «C'est le divorce entre l'esprit qui désire et le monde qui déçoit, ma nostalgie d'unité, cet univers dispersé et la contradiction qui les enchaîne» (1990 :135) ; esta «singulière trinité» (1990 :120) constitui o absurdo.

Como sentimento, Camus define o absurdo nos seguintes termos : «cette épaisseur et cette étrangeté du monde» (1990 : 108). Este sentimento manifesta-se num duplo plano: «étranger à moi-même e au monde» (1990:112). Enquanto sentimento, o escritor inscreve o absurdo também numa dualidade:

je disais que le monde est absurde et j'allais trop vite. Ce monde en lui-même n'est pas raisonnable, c'est tout ce qu'on peut en dire. Mais ce qui est absurde, c'est la confrontation de cet irrationnel et de ce désir éperdu de clarté dont l'appel résonne au plus profond de l'homme. L'absurde dépend autant de l'homme que du monde (1990:113)

culpado era Zeus. Foi esse o facto que atraiu sobre ele a cólera do deus dos deuses. Existem diferentes versões que explicam o castigo de Sísifo. Contudo, apresentaremos apenas a versão de Camus, na redacção do ensaio *Le mythe de Sisyphe*. Zeus, irritado pela denúncia de Sísifo, enviara-lhe o génio da Morte, Tánato. Sísifo, todavia, apanhando-o de surpresa, acorrentou-o, de tal maneira que, durante algum tempo, nenhum homem morreu. Foi preciso que Zeus intervisse e obrigasse Sísifo a libertar Tánato. Sísifo foi imediatamente levado para os Infernos. Porém, antes de morrer, ordenou à mulher que não lhe prestasse honras fúnebres. Chegado aos Infernos, Hades interrogou-o sobre a ausência de honras fúnebres. Sísifo queixou-se amargamente da impiedade da mulher e obteve do deus permissão de regressar à terra e castigá-la. Após o seu regresso, Sísifo dispensou voltar aos Infernos e viveu até uma idade avançada. No entanto, quando morreu, os deuses dos Infernos, para evitar qualquer evasão, impuseram-lhe uma tarefa que não lhe deixava nem descanso nem qualquer possibilidade de evasão. O seu castigo consistia em fazer rolar eternamente um rochedo na subida de uma vertente. Mal o rochedo atingia o cimo, voltava a cair mercê do seu próprio peso e o trabalho tinha de recomeçar. Sobre este castigo, Camus afirmará (1990 :197): «Ils [les dieux] avaient pensé avec quelque raison qu'il n'est pas de punition plus terrible que le travail inutile et sans espoir».

Na perspectiva de Camus, o único meio de lutar contra o absurdo encontra-se, não na esperança, nem no suicídio, nem no consentimento, mas sim, na revolta:

Et poussant jusqu'à son terme cette logique absurde, je dois reconnaître que cette lutte suppose l'absence totale d'espoir (qui n'a rien à voir avec le désespoir), le refus continu (qu'on ne doit pas confondre avec le renoncement) et l'insatisfaction consciente (qu'on ne saurait assimiler à l'inquiétude juvénile). (1990 :121)

Esta revolta «n'est que l'assurance d'un destin écrasant, moins la résignation qui devrait l'accompagner» (1990 :138). Se Camus desenvolve os princípios fundamentais do absurdo em *Le Mythe de Sisyphe*, será com a obra *L'étranger* que este conceito encontrará a sua expressão máxima.

O último capítulo da obra situa-se num momento posterior ao julgamento em que o protagonista espera a execução da sentença. Os excertos seguintes têm lugar na sequência das visitas do capelão ao protagonista. O discurso que iremos analisar constitui uma reflexão de Meursault sobre o sentido da vida (a sua e a da humanidade), ligada ao absurdo. Este reflexão convoca *ethé* já analisados que são reconfigurados à luz dos conceitos do absurdo.

Nesta interação, existe nas intervenções do capelão uma procura de *adesão* a um universo de crença religiosa ao qual o protagonista renuncia repetidamente:

(56) «Non, mon fils, a-t-il dit en mettant la main sur mon épaule. Je suis avec vous. Mais vous ne pouvez pas le voir parce que vous avez un cœur aveugle. Je prierai pour vous.» Alors, je ne sais pas pourquoi, **il y a quelque chose qui a crevé en moi. Je me suis mis à crier à plein gosier et je l'ai insulté et je lui ai dit de ne pas prier. Je l'avais pris par le collet de sa soutane.** Je déversais sur lui tout le fond de mon cœur avec des bondissements mêlés de joie et de colère. [180]

O último enunciado da intervenção do capelão (“Je prierai pour vous”) implica, na perspectiva de Meursault, uma integração “forçada” do protagonista num universo de crença religioso. Tal integração involuntária provoca no protagonista uma reação violenta e emotiva. O verbo “crier” acompanhado do modificador “à plein gosier” e o verbo “insulter” indicam o caráter exaltado e conflitual do discurso do protagonista, enquanto, ao nível dos gestos, o contacto físico agressivo (“Je l'avais pris par le collet

de sa soutane”) constitui, na terminologia de Kerbrat-Orecchioni (1992), um «agonème» que representa um estado de espírito alterado.

Enquanto marca desta emotividade, importa mencionar o discurso relatado na modalidade de discurso indireto livre. Como já referimos, o discurso indireto livre implica, segundo Duarte (1999:153), a existência de «uma mistura de dois planos enunciativos»⁶⁰:

(57) **Il avait l’air si certain, n’est-ce pas?** Pourtant, aucune de ses certitudes ne valait pas un cheveu de femme. Il n’était même pas sûr d’être en vie puisqu’il vivait comme un mort. [180]

O discurso indireto livre acentua uma dimensão emotiva, que, normalmente, está ausente dos comportamentos de Meursault. Com efeito, a mistura de dois planos enunciativos, característica do discurso indireto livre, aponta para um “extravasamento” emotivo de um plano para o outro, ao serviço da expressão de revolta. O excerto seguinte remonta à imagem de “indiferença”, já analisada, contudo, a revolta desencadeia uma revelação que leva Meursault a compreender que faz parte integrante da humanidade. Há, pois, uma reconfiguração da imagem de “indiferença”: este *ethos* deixa de ser particular a Meursault e estende-se a toda a humanidade.

(58) **Rien n’avait importance** et je savais bien pourquoi. Lui aussi savait pourquoi. [...] **Que m’importaient** la mort des autres, l’amour d’une mère, **que m’importaient** son Dieu, les vies qu’on choisit, les destins qu’on élit, puisqu’un seul destin devait m’élire moi-même et avec moi des milliards de privilégiés qui, comme lui, se disaient mes frères. [181-2]

Mais uma vez, está presente a modalidade axiológica⁶¹ com valor de “não importante”, marcada aqui pelo emprego da estrutura negativa da expressão verbal “avoir

⁶⁰ Neste excerto, podemos mencionar, a título ilustrativo, que tanto as marcas de pessoa gramatical (“il”) como os tempos verbais (“avait”, “était”, “vivait”) correspondem ao sistema enunciativo da enunciação citante, enquanto a estrutura da frase, a construção interrogativa direta de confirmação (“n’est-ce pas?”) remete para a enunciação “original”.

⁶¹ A modalidade axiológica com valor de “não importante”, recorrente em diferentes momentos do romance, é construída também através de estruturas comparativas:

Le chien de Salamano valait autant que sa femme. La petite femme automatique était aussi coupable que la Parisienne que Masson avait épousée ou que Marie qui avait envie que je l’épouse. Qu’importait que Raymond fût mon copain autant que Céleste qui valait mieux que lui ? [182]

importance” (“Rien n’avait importance”) e pela repetição da estrutura interrogativa “Que m’importaient...”⁶². Estas perguntas retóricas servem para construir um juízo de desvalorização, através da negação de valores *doxais*, ligados à religião (“que m’importaient son Dieu”), à morte (“Que m’importaient la mort des autres”) ou ao amor (“[que m’importais] l’amour d’une mère”)⁶³. Assim, encontramos-nos, mais uma vez, perante marcas de uma relação anómala do protagonista com os valores *doxais*, das quais emerge, como anteriormente concluímos, um *ethos* de “indiferença”. A negação destes valores *doxais* sugere que o protagonista é regido por uma *paradoxa*, isto é, por um sistema de valores e crenças diferente dos partilhados pela comunidade.

Por fim, no excerto (59), encontramos uma referência à temática central do romance, através da convocação dos dois momentos nucleares na narrativa, colocados em oposição pelo conector “si”: o episódio do funeral e o episódio do julgamento. Estes dois domínios são justapostos, por meio dos verbos “acuser” e “executer”:

(59) Qu’importait si, **accusé de meurtre, il était exécuté pour n’avoir pas pleuré à l’enterrement de sa mère ?** [182]

Os dois verbos relacionam-se semanticamente com a temática do crime, o verbo “executer”, contudo, encontra-se também relacionado com o contexto fúnebre. A estrutura negativa do enunciado “n’avoir pas pleuré à l’enterrement de sa mère” retoma a dimensão do *ethos* de “estigmatizado”, construído, como vimos, pela ausência de marcas de emotividade do protagonista, em particular, durante o funeral da mãe e que é determinante na construção do veredicto de “culpado”. A passagem da primeira pessoa do singular “je” para a terceira pessoa “il” pode sugerir um distanciamento do protagonista relativamente ao conteúdo do seu enunciado. Ou, noutra ótica que reenvia

As estruturas “autant que” e “aussi que” introduzem uma construção comparativa que, aliada ao semantismo do verbo “valoir” apontam para um juízo avaliativo de “igualdade”. É de notar ainda a atribuição de um mesmo valor de “importância” a entidades que, communente, possuem valores de “importância” distintos, por exemplo, um animal (“le chien de Salamano”) possui, geralmente, uma menor importância que uma pessoa (“sa femme”).

⁶² Estes atos de pergunta constituem perguntas retóricas, que, segundo Fonseca (1994), têm como sequência preferencial uma resposta negativa. Veja-se o que diz o investigador a propósito das perguntas ‘como p, se q?’: «Acontece, entretanto, que tal pedido de justificação/explicação se vê de imediato suplantado por uma dimensão que o anula: a própria interrogativa comporta a expressão da recusa do Loc a admitir uma justificação/explicação, instituindo como impossível que haja ‘modo’/ ‘maneira’ de conciliar q e p, ou, numa outra ótica, instituindo a impossibilidade de p ou a inevitabilidade de -p.»(1994:201/2)

⁶³ Fonseca (1994:204) defende que «A interrogativa em análise apoia-se na evidência de que -p, a tomar como resposta que ela própria fornece a si mesma. Atente-se em que esta evidência se fundamenta justamente na acima evocada doxa/topos e, necessariamente, também na suposição de normalidade agregada/desprendida do conhecimento do mundo».

a um interdiscurso camusiano, pode adquirir um valor de generalização. Camus afirma (1985: 1928), a propósito de *L'étranger*, que

J'ai résumé *L'Étranger*, il y a longtemps, par une phrase dont je reconnais qu'elle est très paradoxale : «Dans notre société tout homme qui ne pleure pas à l'enterrement de sa mère risque d'être condamné à mort».

É na divergência e, sobretudo, na justaposição dos dois domínios que encontramos um dos princípios fundamentais da obra. É precisamente desta contradição que o absurdo emerge. O absurdo nasce da «confrontation entre l'appel humain et le silence déraisonnable du monde» (1990 : 117/118). A consciência desta contradição conduz à consciência do absurdo. Existe, assim, um *ethos* de “herói absurdo” que emerge do discurso de Meursault e se relaciona com as microimagens que analisámos anteriormente.

À luz dos conceitos ligados ao absurdo, podemos afirmar a existência de uma subversão do *ethos* de “desajuste” do protagonista. Na verdade, existe uma transferência do carácter desadequado do protagonista para a relação entre o mundo e o homem. Ou, por outras palavras, o essencial não é o “desajuste” do protagonista relativamente à sociedade, mas o “desajuste” da relação entre o homem e o mundo.

(60) Comme si cette grande colère m'avait purgé du mal, vidé d'espoir, devant cette nuit chargée de signes et d'étoiles, **je m'ouvrais pour la première fois à la tendre indifférence du monde. De l'éprouver si pareil à moi, si fraternel enfin, j'ai senti que j'avais été heureux, et que je l'étais encore.** Pour que tout soit consommé, pour que je me sente moins seul, il me restait à souhaiter qu'il y ait beaucoup de spectateurs le jour de mon exécution et qu'ils m'accueillent avec des cris de haine. [183/4]

Esta última passagem da obra parece não coincidir com os ideais de revolta absurdos. Nas palavras de Comte-Sponville (1997 :169) sobre esta passagem: «Où est le divorce? Où est la confrontation? Où est la révolte métaphysique (quel sens y aurait-il d'ailleurs à se révolter contre un monde dont la révolte fait partie?) Où est l'absurde?». Segundo o mesmo autor (1997 :169):

D'ailleurs, le même paradoxe apparaît dans *L'étranger*, dont mon ami Laurent Bove [...] me faisait remarquer que la fin excède considérablement l'absurde ou l'étrangeté qui lui servent de point de départ et dont *Le mythe de Sisyphe*, à la même époque, faisait la théorie.

Relativamente ao sentido do *explicit*, deixaremos como hipótese de interpretação a existência de um movimento final de inclusão e de pertença na sociedade, porque indiferença de Meursault é, na verdade, a indiferença do mundo (“la tendre indifférence du monde”) a que ele se agrega. A nosso ver, a consciência das razões pelas quais foi condenado parece conduzir à consciência da artificialidade da natureza e do comportamento humano⁶⁴. Desta forma, a consciência da natureza humana enquanto construção social permite, por fim, uma inclusão do protagonista, mesmo que numa posição marginal e ainda que esta inclusão não implique a sua resignação ou a sua aceitação. Com efeito, existe, no *explicit* do romance, um estado de espírito de calma e até mesmo felicidade (“j’ai senti que j’avais été heureux, et que je l’étais encore”) que advém da recetividade “pour la première fois à la tendre indifférence du monde”. O paralelo com *explicit* de *Le Mythe de Sisyphe* é evidente:

Je laisse Sisyphe au bas de la montagne ! On retrouve toujours son fardeau. Mais Sisyphe enseigne la fidélité supérieure qui nie les dieux et soulève les rochers. Lui aussi juge que tout est bien. Cet univers désormais sans maître ne lui paraît ni stérile ni futile. Chacun des grains de cette pierre, chaque éclat mineral de cette montagne pleine de nuit, à lui seul, forme un monde. La lutte elle-même vers les sommets suffit à remplir un cœur d’homme. Il faut imaginer Sisyphe heureux.

Assim, o *ethos* de “desajuste” é, de forma paradoxal, “estranha” ,imagem reinterpretada de felicidade. Tal como Sisífo, é preciso imaginar Meursault feliz.

⁶⁴ Nas palavras de Goffman (1967:45), «*Universal human nature is not a very human thing. By acquiring it, the person becomes a kind of construct, build up not from inner psychic propensities but from moral rules that are impressed upon him from without. These rules, when followed, determine the evaluation he will make of himself and of his fellow-participants in the encounter, the distribution of his feelings, and the kinds of practices he will employ to maintain a specified and obligatory kind of ritual equilibrium. The general capacity to be bound by moral rules may well belong to the individual, but the particular set of rules which transforms him into a human being derives from requirements established in the ritual organization of the social encounters*».

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho que realizámos teve como objetivo estudar os mecanismos linguísticos que contribuem para a construção das diferentes imagens coexistentes, em *L'étranger* de Albert Camus, do protagonista da obra, Meursault, que considerámos constituírem o suporte da obra, da sua organização e dos seus sentidos. Para tal apoiámo-nos no conceito de *ethos* desenvolvido no âmbito da Análise do Discurso.

Propusemo-nos, assim, a analisar os processos discursivos que participam da construção de *ethe* parcelares do protagonista que confluem na construção do *ethos* global de “desajuste” e constituem elementos impulsionadores do desenvolvimento da intriga. Assim, elencámos um *ethos* de “estigmatizado”, um *ethos* de “indiferença”, um *ethos* de “insegurança”, um *ethos* de “monstro” e um *ethos* de “normalidade”. Em termos de seleção dos excertos para análise, centramo-nos em dois episódios: o episódio do funeral e o episódio do julgamento.

Da análise destes episódios, concluímos, em primeiro lugar, que os mecanismos de construção dos diferentes *ethe* parcelares do protagonista decorrem de dois processos complementares, a hetero e a autoconstrução, que concorrem para a elaboração de dois pontos de vistas distintos (o ponto de vista de Meursault e o pontos de vista dos outros, da sociedade).

Concluimos ainda que a construção dos *ethe* parcelares está marcada em estruturas linguístico-discursivas particulares, que contribuem para o seu valor disfórico:

- ♦ **Gestos comunicativos não verbais e paraverbais** (contacto ocular, prosódia, silêncio, indícios corporais) enquanto marcas de distanciação das personagens que participam em interações sociais com o protagonista;
- ♦ **Organização não preferencial das intervenções** que reflete o carácter “desviante” dos comportamentos do protagonista e se encontra ligada a índices de ausência de afetividade/emotividade;

- ♦ **intervenções reativas curtas**, insuficientes para favorecerem a gestão colaborativa e a manutenção da interação verbal, mas também social;
- ♦ **Estruturas de contraste e estruturas de negação**, que evidenciam e reforçam a oposição entre o ponto de vista construído pelo protagonista e o ponto de vista partilhado pela sociedade;
- ♦ **Modalidade axiológica veiculadora de juízos negativos**, enquanto mecanismo de desvalorização que constitui a expressão de um sistema de valores particular;
- ♦ **Atos dicursivos (e léxico) de justificação e de autocensura**, que suportam a oscilação entre dois sistemas de valores *doxais* distintos; na construção destes atos de discurso participa ainda a **modalidade deôntica** e a **modalidade epistémica com valor de “desconhecimento”**;
- ♦ **Discurso relatado**, em particular o **discurso direto** e o **discurso indireto**, enquanto mecanismo de construção da subjetividade e do ponto de vista do protagonista; é de salientar a neutralidade dos verbos introdutórios de discurso relatado ligada à ausência de índices de emotividade.

Considerando o conceito camusiano de *absurdo*, concluímos que, no *explicit* da obra, há uma reconfiguração do *ethos* de “desajuste”: deixando de ser particular a Meursault, liga-se à relação entre o Homem e o Mundo. Deste modo, existe um *ethos* final de Meursault enquanto “herói absurdo”.

Finalmente, a investigação realizada mostra claramente que a análise linguística do discurso e, em particular, a “teoria” do *ethos* trazem um contributo fundamental para a análise do discurso literário.

Assim, como afirma Dominique Maingueneau (2000), os contributos da Linguística no domínio literário ultrapassam o simples fornecimento de ferramentas de análise e, no quadro de investigação proposto pela Análise do Discurso, são capazes de abarcar o discurso literário na sua multiplicidade e na sua diversidade e, como tal, propor e fundamentar linhas de leitura/investigação literárias.

A análise realizada faz sobressair a importância deste tipo de abordagem para uma melhor compreensão das vertentes de construção do discurso literário. A aplicação a outras obras, como vai sendo feito por Jean-Michel Adam, Maingueneau e Amossy, entre outros, pode constituir um trabalho importante na articulação de duas áreas, por vezes, demasiado autónomas.

BIBLIOGRAFIA

Adam, J. M., Mireille, N. 1995. «Variations énonciatives. Aspects de la genèse du style de *l'Étranger*». In: *Langages*, 29e année, n°118, 1995. pp. 64-84. [Disponível online em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726X_1995_num_29_118_1715]

Amossy, R. 1991. *Les Idées reçues. Sémiologie du stéréotype*. Paris: Nathan.

Amossy, R. 1994. «Stéréotype et Argumentation». In *Le Stéréotype. Crise et transformation*. Caen: Presses Universitaires de Caen.

Amossy, R. & Herschberg Pierrot, A. 1997. *Stéréotypes et clichés. Langue, discours, société*. Paris: Colin.

Amossy, R. 1999a. *Images de soi dans le discours – La construction de l'ethos*. Paris: Delachaud et Niestlé.

Amossy, R. 1999b. «The *argument ad hominem* in an interactional perspective». In *Proceedings of the Fourth International Conference on Argumentation* (Amsterdam: Sic Sat), 14-18.

Amossy, R. 2000. *L'argumentation dans le discours. Discours politique, littérature d'idées, fiction*. Paris: Nathan.

Amossy, R. 2008. «Dimension rationnelle et dimension affective de l'ethos». In Rinn, M. (dir.), *Émotions et Discours. L'usage des passions dans la langue*. Rennes: PUR, pp. 113-126.

Amossy, R. 2010. *La présentation de soi – Ethos et identité verbale*. Paris: Presses Universitaires de France.

Argyle, M., Dean, J. 1965. «Eye-contact, distance and affiliation», *Sociometry* 28: 289-304.

Aristóteles. 1991. *Tópicos*. (Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim). São Paulo: Editora Nova Cultural.

- Aristóteles. 2005. *Retórica*. (Tradução de Manuel Alexandre Júnior) Lisboa: INCM.
- Bakhtine, M. 1984. *Esthétique de la création verbale*. (trad. francesa) Paris: Gallimard.
- Benveniste, E. 1966. *Problèmes de Linguistique Générale*. Paris: Gallimard.
- Benveniste, E. 1974. *Problèmes de Linguistique Générale II*. Paris: Gallimard.
- Benveniste, E. 1970. «L'appareil formel de l'énonciation». In *Langages* 217, pp. 12-18.
- Berger, C. R. 2004. «Speechlessness: causal attributions, emotional features and social consequences». *Journal of Language and Social Psychology* 23 (2), 147–179.
- Bilmes, J. 1988. «The concept of preference in conversation analysis». In *Language in Society* 17, 2: 161-181.
- Bilmes, J. 1994. «Constituting silence: life in the world of total meaning». *Semiotica* 98, 73–87.
- Brinton, A. 1985. «A Rhetorical View of the ad hominem». In *Australian Journal of Philosophy* 63:1, 51-63.
- Brinton, A. 1986. «Ethotic argument». In *History of Philosophy Quarterly* 3:3, 246-257)
- Brown, P., Levinson, S. 1987. *Politeness –some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Campos, M. H. C. 1997. *Tempo, aspecto e modalidade : estudos de linguística portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Camus, A. 1990 [1937]. «L'Envers et l'Endroit» In *Essais*. Paris : Éditions Gallimard – Coll. «Bibliothèque de la Pléiade».
- Camus, A. 1990 [1943]. «Le mythe de Sisyphe» In *Essais*. Paris : Éditions Gallimard – Coll. «Bibliothèque de la Pléiade».
- Camus, A. 1985 [1943]. «Le malentendu». In *Théâtre, récits nouvelles*. Paris : Éditions Gallimard – Coll. «Bibliothèque de la Pléiade».

Camus, A. 1985 [1947]. «La peste». In *Théâtre, récits nouvelles*. Paris : Éditions Gallimard – Coll. «Bibliothèque de la Pléiade».

Camus, A. 1985 [1949]. «Les justes». In *Théâtre, récits nouvelles*. Paris : Éditions Gallimard – Coll. «Bibliothèque de la Pléiade».

Camus, A. 1985 [1956]. «La chute». In *Théâtre, récits nouvelles*. Paris : Éditions Gallimard – Coll. «Bibliothèque de la Pléiade».

Camus, A. 2007 [1942]. *L'étranger*. Éditions Gallimard : Collection Folio.

Carreira, M. H. A. 1993. «Modalidade Axiológica e suas Combinatórias em Interlocução». In *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri.

Carreira, M. H. A. 2004. «Modalités et verbe en portugais». In: *Revue belge de philologie et d'histoire*. Tome 82 fasc. 3, 2004. Langues et littératures modernes - Moderne taalen litterkunde. pp. 691-702.

Charaudeau, P. 2000. «Une problématisation discursive de l'émotion. A propos des effets de pathémisation à la Télévision». In Plantin (dir), *Les émotions dans les interactions*. Lyon : Arci/Presses universitaires de Lyon, 2000, p. 125-155.

Charaudeau, P., Maigneueau, D. 2002. *Dictionnaire d'analyse du Discours*. Paris: Éd. du Seuil.

Charaudeau, P. 2005. *Le Discours Politique. Les masques du pouvoir*. Paris : Vuibert.

Charaudeau, P. 2008. «Pathos et discours politique». In Rinn M. (coord.) *Émotions et discours. L'usage des passions dans la langue*. Rennes: Presses universitaires de Rennes. [Disponível online em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Pathos-et-discours-politique.html>]

Chauvin-Vileno, A. 2002. «Ethos et texte littéraire. Vers une problématique de la voix». In *Semen* 14| 2002. [Disponível online em: <http://semen.revues.org/2509>]

Collett, P. 1983. «Mossi salutations». In *Semiotica* 45-3/4: 191-248.

Comte-Sponville, A. (1997) «*L'absurde dans Le mythe de Sisyphe*». In *Albert Camus et la philosophie*, Amiot, Anne-Marie/Mattéi, Jean-François. Paris: Presses Universitaires de France.

Cosnier, J., Brossard A. 1984. *La communication non verbale*. Delachaux et Niestlé.

Cosnier, J. 1989. «Les tours et le copilotage de l'interaction conversationnelle». In Castel R., Cosnier, J., Joseph I. : *Le parler frais d'Erving Goffman*, 223-244. Paris: Édition de Minuit.

Cosnier, J. 1996. «Les gestes du dialogue, La communication non verbale» in *Rev. Psychologie de la motivation*, 21, 129, 138.

Delormas, P. (2008). «L'image de soi dans les «autographies» de Rousseau». In *Argumentation et Analyse du Discours*, n°1| 2008. [Disponível online em: <http://aad.revues.org/index311.html>]

Duarte, I. M. 1999. *O relato de discurso na ficção narrativa: contributos para uma análise da construção polifónica de Os Maias de Eça de Queirós*. Tese de Doutoramento. [Disponível online em: <http://hdl.handle.net/10216/13686>]

Ducrot, O. 1972. *Dire et ne pas dire – Principes de sémantique linguistique*. Paris : Hermann.

Ducrot, O., et al. 1980. *Les mots du discours*. Paris: Minuit.

Ducrot, O. 1984. *Le dire et le dit*. Paris: Minuit.

Eggs, E. 1999. «Ethos aristotélicien, conviction et pragmatique moderne». In *Images de soi dans le discours, La construction de l'ethos*, R. Amossy (éd.). Lausanne : Delachaux et Niestlé, pp.31-59.

Ephratt, M. 2008. «The functions of silence». In *Journal of Pragmatics*, 40: 1909–1938.

Fonseca, J. 1994. *Pragmática Linguística. Introdução, Teoria e Descrição do Português*. Porto: Porto Editora.

Goffman, E. 1956. «Embarrassment and Social Organization». In *The American Journal of Sociology*, Vol. 62, 264-271. [Disponível online em: <http://www.d.umn.edu/cla/faculty/jhamlin/4111/Readings/GoffmanEmbarrassment.pdf>]

- Goffman, E. 1967. *Interactional Ritual – Essays on Face-to-Face Behaviour*. London: Penguin.
- Goffman, E. 1998 [1963]. *Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Goffman, E. 1973. *The presentation of self in everyday life*. London: Penguin Books.
- Grice, H. P. 1975. «Logic and Conversation». In Cole, P., and J.L. Morgan, eds. *Speech Acts*. New York: Academic Press, 41–58). [Disponível online em: www.ucl.ac.uk/ls/studypacks/Grice-Logic.pdf]
- Greimas A.-J. 1966. *Sémantique structurale*. Paris: Seuil.
- Grenier, J. 1985. «Préface». In Camus, *Théâtre, récits nouvelles*. Paris : Éditions Gallimard – Coll. «Bibliothèque de la Pléiade».
- Grimal, P. 2009. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Lisboa: Difel.
- Grosjean, M. 1991. *Les musiques de l'interaction*. Thèse de Doctorat, Univ. Lumière – Lyon 2.
- Haddad, G. 1999. «L'exemple de Romain Rolland». In *Images de soi dans le discours, La construction de l'ethos*, R. Amossy (éd.). Lausanne : Delachaux et Niestlé, pp.154- 176.
- Herschberg, A. P. 2003. «La question du style». In *L'analyse du discours dans les études littéraires*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail.
- Howarth, G., Leaman, O. 2004. *Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer*. Circulo de Leitores.
- Hutchby, I., Wooffitt, R. 2003 [1998]. *Conversation Analysis*. Cambridge: Polity Press.
- Johannesen, R. L. 1974. «The functions of silence: a plea for communication research». In *Western Speech* 38, 25–35.
- Kerbrat-Orecchioni, C. 1980. *L'énonciation. De la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin.
- Kerbrat-Orecchioni, C. 1991. *La Question*. (éd.) Lyon : Presses Universitaires.

- Kerbrat-Orecchioni, C.1990. *Les Interactions Verbales*, Tome I. Paris: Armand Colin.
- Kerbrat-Orecchioni, C.1992. *Les Interactions Verbales*, Tome II. Paris : Armand Colin.
- Kerbrat-Orecchioni, C. 1996. *La Conversation*. Paris: Seuil.
- Kerbrat-Orecchioni, C. 2010. «L'absurde dans les dialogues de Ionesco. L'exemple de La cantatrice chauve.» In *Recherches ACLIF: Actes du Séminaire de Didactique Universitaire* (7/2010).
- Kurzon, D. 1998. *Discourse of Silence*. Amsterdam : John Benjamins.
- Kurzon, D. 2007. «Towards a typology of silence». In *Journal of Pragmatics* 39 (2007) 1673–1688.
- Le Guern, M. 1977. «L'ethos dans la rhétorique française de l'âge classique». In *Stratégies discursives*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- Levinson, S. 1983. *Pragmatics*. Cambridge: C.U.P.
- Maingueneau, D. 1984. *Genèses du discours*. Liège: Mardaga.
- Maingueneau, D. 1991. *L'Analyse du discours, Introduction aux lectures de l'archive*. Paris: Hachette.
- Maingueneau, D. 1993. *Le contexte de l'œuvre littéraire. Énonciation, écrivain, société*. Paris: Dunod.
- Maingueneau, D. 1998. *Analyser les textes de la communication*. Paris: Dunod.
- Maingueneau, D. 1999. «Ethos, scénographie, incorporation». In *Images de soi dans le discours, La construction de l'ethos*, R. Amossy (éd.). Lausanne : Delachaux et Niestlé, pp.75-101.
- Maingueneau, D. 2000. «Linguistique et Littérature: le tournant discursif». In *Atti del Convegno Internazionale di Napoli-Pozzuoli*, p. 25-38, Prospettive della francesistica nel nuovo assetto della didattica universitaria, Gabriella Fabbricino éd., Società Unversitaria per gli Studi di Lingua et Letteratura Francese.

Maingueneau, D. 2002. «L'ethos, de la rhétorique à l'analyse du discours». (Version raccourcie et légèrement modifiée de «Problèmes d'ethos», *Pratiques* n° 113-114, juin 2002).

Maingueneau, D. 2004. *Le Discours littéraire. Paratopie et scène d'énonciation*. Paris: A. Colin.

Maingueneau, D. 2006. *Contre Saint Proust, ou la fin de la Littérature*. Paris: Belin.

Maingueneau, D. 2008. «Analyse du discours et littérature : problèmes épistémologiques et institutionnels». In *Argumentation et Analyse du discours*, [en ligne], n°1| 2008. [Disponível online em : <http://aad.revues.org/index351.html>]

Marques, M. A. 2006. «Debate político e discurso relatado – dimensões de uma ficção». In *Actas do VII Congrès de Linguística General*. Barcelona: Universidade de Barcelona.

Marques, M- A. 2008. «Arrogância e Construção do Ethos no Discurso Político Português». In *Actas do III Simpósio Internacional de Análise do Discurso*, Brasil: Belo Horizonte, UFMG, pp. 1-10, CD-ROM, ISBN: 978.85.7758.056.9.

Marques, M. A. 2009 «Quando a cortesia é agressiva. Expressão de cortesia e imagem do Outro». In Fátima Oliveira e Isabel Margarida Duarte (org). *O fascínio da linguagem. Actas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca*, pp.277-296.

Marques, M. A. 2010a. «Emotions and argumentation in the Portuguese Parliament». In *Parliamentary Discourse across cultures*, Ionescu-Ruxandoiu, Liliana *et al.* (ed.). Cambridge: CUP, pp 117-132.

Marques, M. A. 2010b. «Formas de Tratamento e construção da relação interpessoal em *Contos da Montanha* de Miguel Torga». In *Revista Galega de Filoloxía* ISSN 1576-2661, 2010, 11: 61-78.

Marques, M. A., Ribeiro, A. 2011a. ««Dire» ou «bruire»: les introducteurs de discours rapporté dans *Aventuras de João Sem Medo*». In Anna Jaubert, Juan Manuel López Muñoz, Sophie Marnette, Laurence Rosier et Claire Stolz (org). *Citations I. Citer à travers les formes. Intersémiotique de la citation*, Actes do IV Colloque Ci-Dit, pp.79-94, Nice : Academia Bruylant Louvain-la Neuve, Academia-L'Harmattan, coll. “Au cœur des textes”.

Marques, M. A. 2011b. «Argumentação e(m) Discursos». In Isabel Margarida Duarte e Olívia Figueiredo (org.), *Português, Língua e Ensino*, pp.287-310, Porto: Universidade do Porto.

Micheli, R. 2008. «L'analyse argumentative en diachronie: le pathos dans les débats parlementaires sur l'abolition de la peine de mort». In *Argumentation et Analyse du Discours*, 1| 2008. [Disponível online em : <http://aad.revues.org/index482.html>]

Perelman C., Olbrecht-Tyteca, O. 1970 [1958]. *Traité de l'argumentation. La nouvelle rhétorique*. Bruxelles : Édition de l'Université de Bruxelles.

Pinto, R. 2003. «O ethos e a argumentação nos editoriais portugueses – um desvendar crítico» In Marques, M. A.; Pereira, M. E.; Ramos, R. E Ermida, I. (orgs.). 2004. *Práticas de Investigação em Análise Linguística do Discurso. Actas do II Encontro Internacional de Análise Linguística do Discurso*. Braga: CEHUM.

Plantin, C. 1996. *L'argumentation*. Paris: Seuil.

Plantin, C. 1997. «La construction rhétorique des émotions». In E. Rigotti (ed.), *Rhetoric and argumentation, Proceedings of the 1997 IADA International conference*, Lugano, 22 avril 1997, 203-219.

Plantin, C. 2004. «Ad Passiones. Affects et logique dans l'argumentation». In Marques, M. A. et al. (org.) *Práticas de Investigação em análise do Discurso (Actas do II Encontro Internacional de Análise Linguística do Discurso)*. Braga: Universidade do Minho/CEHUM, pp.163-180.

Plantin, C. 2011. «L'indignation politique: une approche discursive». In *Le discours politique portugais en perspective: approches plurielles*. Porto, 16 e 17 de junho 2011. <http://icar.univ-lyon2.fr/membres/cplantin/actualites.htm#conferences>.

Pomerantz, A. 1984. «Agreeing and disagreeing with assessments: some features of preferred/dispreferred turn-shapes». In Atkinson, J.-M e Heritage, J. (ed.): *Structures of Social Action. Studies in Conversation Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.

Quilliot, R. 1985. «Biographie». In Camus, *Théâtre, récits nouvelles*. Paris : Éditions Gallimard – Coll. «Bibliothèque de la Pléiade».

- Rastier, F. 1985. «L'isotopie sémantique, du mot au texte». In *L'information Grammaticale*, nº 27, 1985, pp.33-36. [Disponível online em : http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/igram_0222-9838_1985_num_27_1_2168]
- Reis, C., Lopes, A. C. M. 2007. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Edições Almedina.
- Reyes, G. 1984. *Polifonía Textual, La Citación en el Relato Literário*, Madrid: Gredos.
- Rocha Pereira, M. H. 2006. *Estudos de História da Cultura Clássica – I Volume – Cultura Grega*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rocha Pereira, M. H. 2008. *Estudos de História da Cultura Clássica – II Volume – Cultura Romana*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rodrigues, M. 1998. «A sequência discursiva pergunta-resposta». In Fonseca, J. (Org.), *A Organização e o Funcionamento dos Discursos – Estudos sobre o Português*, Tomo II. Porto: Porto Editora, pp.11-220.
- Sacks, H., Schegloff, E. & Jefferson, G. 1974. «A Simplest Systematic for the Organization of Turn-taking for Conversation». In Asa Kasher (ed.) (1998), *Pragmatics: Critical Concepts*, vol. V, Communication, Interaction and Discourse, London & New York: Routledge, pp. 193-242.
- Swain, J., Stephenson, G.M., Dewey, M.E. 1982. «“Seing a stranger”: Does eye-contact reflect intimacy?». In *Semiotica* 42-2/4: 107-108.